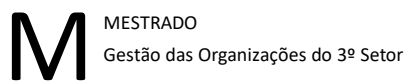


**Avaliação da Intervenção Social em
contexto de Habitação Social: a
participação sócio ocupacional no
processo de (re)estruturação da
população em situação de
vulnerabilidade social**

Cátia Alexandra Teixeira Sampaio

NOVEMBRO/2023





Avaliação da Intervenção Social em contexto de Habitação Social: a participação sócio ocupacional no processo de (re)estruturação da população em situação de vulnerabilidade social

Cátia Alexandra Teixeira Sampaio

8210762

Orientador(es)

Doutora Marisa Ferreira

Doutora Ana Borges

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão das Organizações do 3º Setor pela Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico do Porto.

NOVEMBRO/2023

Declaração de Integridade

Eu, Cátia Alexandra Teixeira Sampaio, estudante nº 8210762, do Mestrado de Gestão das Organizações do 3º Setor da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico do Porto, declaro que não fiz plágio nem auto-plágio, pelo que o trabalho intitulado “Avaliação da Intervenção Social em Contexto de Habitação Social: a participação sócio ocupacional no processo de (re)estruturação da população em situação de vulnerabilidade social” é original e da minha autoria, não tendo sido usado previamente para qualquer outro fim. Mais declaro que todas as fontes usadas estão citadas, no texto e na bibliografia final, segundo as regras de referência adotadas na instituição.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de humilde e responsabilidade e, como tal, não poderia deixar passar em branco o registo de expressar o meu profundo agradecimento a todas as pessoas que comigo caminharam e tornaram possível a finalização desta Dissertação de Mestrado.

Em primeiro lugar quero agradecer **à minha família e amigos** por se fazerem presentes na minha vida, por me acarinharem e encorajarem a não desistir, a seguir, a caminhar e a terminar este trabalho, cujo pensamento de que seria mais simples me acompanhava e achava eu que as queixas dos outros não passavam disso mesmo. Contudo, verifiquei que exige mais esforço e força de vontade do que aquilo que eu imaginava.

À Patrícia e à Bárbara, amigas sempre presentes. A elas agradeço o companheirismo, a dedicação na amizade e disponibilidade com que sempre me brindaram.

Em seguida, agradeço às minhas queridas orientadoras, **Dra. Marisa Ferreira e Dra. Ana Borges**, pela paciência, empatia, orientação, supervisão e compreensão mesmo nos momentos mais difíceis e em que estive perdida e quase a desistir de finalizar. Agradeço essencialmente as palavras de força e de ânimo, bem como pelo facto de me receberem sempre bem.

Igualmente, agradeço a toda a minha equipa de serviço, em especial às minhas colegas **Catarina e Cláudia** por não me cortarem as asas quando precisava de resolver alguma questão da Dissertação, sobretudo durante o período da recolha de dados, por me ajudarem e ouvirem sempre que precisei.

À Dra. Rita e à Dra. Cristina da CASFIG que me permitiram realizar a minha recolha de dados nos bairros de habitação social onde trabalham e que, em meio às suas obrigações profissionais, fizeram todos os esforços para que eu pudesse avançar, tendo em conta o breve tempo que tinha disponível para realizar a recolha de dados e a pouca preparação que antecederam o seu início. Agradeço a atenção, a disponibilidade e a disposição para me ajudarem e sem grandes demoras.

Por fim, agradeço **aos meus colegas de mestrado** pelo apoio e presença que sempre tiveram no decorrer deste processo solitário que é a construção da nossa Dissertação. O seu companheirismo e amizade foi essencial para que o barco pudesse chegar a bom porto, assim como, o trabalho profissional e meritoso de todos os professores que nos acompanharam no decorrer deste mestrado.

Um sentido e especial obrigada a todos/as!

RESUMO

A intervenção em Bairros Sociais denota-se crucial para promover bases de inclusão e integração social, sob o ponto de vista de erradicação do estigma e, sobretudo, do autoestigma. A intervenção deve corresponder às necessidades e problemas identificados pela população e às potencialidades identificadas, almejando a mudança social. A escuta ativa e a promoção da participação da comunidade no seu processo de mudança são imprescindíveis para que tal aconteça. O próprio espaço é preponderante para a construção e consolidação da identidade cultural da população.

Este trabalho pretende compreender os efeitos da intervenção comunitária na vertente psicossocial e sócio ocupacional da população residente nestes empreendimentos, avaliando o sentimento de pertença e autoestima através do estudo da participação em ações impulsionadoras de momentos que estimulam o envolvimento da população. Desta feita, pretende-se, com recurso à presente investigação, contribuir para o entendimento das dimensões no âmbito da intervenção comunitária sócio ocupacional numa ótica de identificação dos benefícios e das barreiras que condicionam a intervenção.

O trabalho apresentado reúne uma recolha de dados de 90 inquéritos por questionário e 8 entrevistas a participantes e não participantes de empreendimentos sociais em Guimarães e em Fafe, permitindo compreender e analisar a perceção dos moradores em relação à intervenção sócio ocupacional, bem como a influência do espaço bairro e das interações sociais para que esta intervenção apresente resultados de sucesso e, essencialmente, o porquê de a participação comunitária apresentar reduzida percentagem, principalmente em bairros sociais, tendo em conta a pesquisa realizada.

Os estudos utilizados demonstram que a pesquisa sobre este tema tem adquirido importante relevância, dado o surgimento e aposta por parte de entidades estatais, visto relevar-se um potencial caminho para a integração e dinamização de atividades que proporcionem bem-estar, a integração e reabilitação social do indivíduo em situação de vulnerabilidade.

Com este trabalho pretende-se comprovar a importância ou não da intervenção sócio ocupacional para a melhoria e promoção de sensações de bem-estar, desenvolvimento do sentimento de pertença e o fortalecimento das relações interpessoais como contributo para o processo de (re)estruturação do indivíduo que vive num bairro social e por motivos certamente negativos se encontra a viver neste local.

Palavras-chave: Bairro Social; Vulnerabilidade Social; Intervenção Comunitária; Participação Social; Identidade Social e Cultura

ABSTRACT

Intervention in Social Neighborhoods is crucial to promoting bases of inclusion and social integration, from the point of view of eradicating stigma and, above all, self-stigma. The intervention must correspond to the needs and problems identified by the population and the identified potential, aiming for social change. Active listening and promoting community participation in their change process are essential for this to happen. The space itself is crucial for the construction and consolidation of the population's cultural identity.

This work aims to understand the effects of community intervention on the psychosocial and socio-occupational aspects of the population residing in these projects, evaluating the feeling of belonging and self-esteem through the study of participation in actions that promote moments that stimulate the population's involvement. This time, the aim is, using this research, to contribute to the understanding of the dimensions within the scope of socio-occupational community intervention from the perspective of identifying the benefits and barriers that condition the intervention.

The work presented brings together a collection of data from 90 questionnaire surveys and 8 interviews with participants and non-participants of social enterprises in Guimarães and Fafe, allowing us to understand and analyze the perception of residents in relation to socio-occupational intervention, as well as the influence of neighborhood space and social interactions so that this intervention presents successful results and, essentially, why community participation presents a low percentage, especially in social neighborhoods, taking into account the research carried out.

The studies used demonstrate that research on this topic has acquired important relevance, given the emergence and investment by state entities, as it represents a potential path for the integration and promotion of activities that provide well-being and integration, rehabilitation social status of the individual in a vulnerable situation.

This work aims to prove the importance or otherwise of socio-occupational intervention for improving and promoting feelings of well-being, developing a sense of belonging and strengthening interpersonal relationships as a contribution to the process of (re)structuring the individual. who lives in a social neighborhood and for certainly negative reasons finds himself living in this place.

Keywords: Social Neighborhood; Social vulnerability; Community Intervention; Social Participation; Social Identity and Culture

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
ÍNDICE	7
ÍNDICE DE TABELAS	8
ÍNDICE DE GRÁFICOS	10
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES	11
INTRODUÇÃO.....	12
1. REVISÃO DA LITERATURA.....	14
1.1. <i>SOCIABILIDADE, IDENTIDADE SOCIAL E CULTURAL</i>	15
1.2. <i>BAIRROS SOCIAIS E A INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA SÓCIO OCUPACIONAL</i>	19
1.3. <i>DIMENSÕES</i>	28
1.3.1. <i>BENEFÍCIOS E BARREIRAS DA INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA SÓCIO OCUPACIONAL</i>	28
2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	33
2.1. <i>TIPO DE ESTUDO</i>	33
2.3. <i>MÉTODOS E OBJETIVOS</i>	34
2.4. <i>PARTIPANTES E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO</i>	42
2.5. <i>RECOLHA DE DADOS</i>	42
2.5.1. <i>INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO</i>	42
2.5.2. <i>ENTREVISTA</i>	43
3. ESTUDOS DE CASO	44
3.1. <i>GABINETE DE APOIO AO BAIRRO</i>	44
3.2. <i>COORDENAÇÃO DE ÂMBITO SOCIAL E FINANCEIRO DAS HABITAÇÕES DO MUNICÍPIO DE GUIMARÃES</i>	46
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	48
4.1. <i>ANÁLISE QUANTITATIVA</i>	48

4.1.1. ANÁLISE SOCIODEMOGRÁFICA.....	48
4.1.2. ANÁLISE DA ASSOCIAÇÃO ENTRE PERCEÇÕES E PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES	50
4.1.3. ANÁLISE DE QUESTÕES NÃO COMUNS.....	58
4.1.4. ANÁLISE DE FREQUÊNCIA - NÍVEL DE ENTENDIMENTO	62
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS QUANTITATIVOS	62
6. ANÁLISE QUALITATIVA.....	65
6.1. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS QUALITATIVOS	65
CONCLUSÃO.....	76
REFERÊNCIAS	78
ANEXO I – ANÁLISE DESCRITIVA E TABELAS DE DUPLA ENTRADA.....	83
ANEXO II – GUIÃO ENTREVISTA PARTICIPANTES	106
ANEXO III – GUIÃO ENTREVISTA NÃO PARTICIPANTES.....	107
ANEXO IV - SÍNTESE DA PERSPECTIVA DOS ENTREVISTADOS.....	108

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Análise e Síntese de Projetos de Intervenção Sócio Ocupacional.....	23
Tabela 2 - A metodologia e os objetivos (OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS)	34
Tabela 3 - Formulação do Inquérito por Questionário correspondendo aos objetivos definidos, dimensões (benefícios e barreiras) e literatura consultada	36
Tabela 4 - Descrição Gabinete de Apoio ao Bairro	46
Tabela 5 - Descrição Coordenação de Âmbito Social e Financeiro das Habitações do Município de Guimarães	47
Tabela 6 - Teste de Independência do Qui Quadrado.....	51
Tabela 7 - Perfil das pessoas entrevistadas	65
Tabela 8 - Entrevistas por Dimensão e Barreiras	68
Tabela 9 - População inquirida (dados gerais).....	83
Tabela 10 - População inquirida por género e categoria	83
Tabela 11 - Tabulação Cruzada entre faixa etária e género	84
Tabela 12 - Habilitações literárias por inquiridos.....	85
Tabela 13 - População inquirida por habilitações literárias e categoria	86
Tabela 14 - População inquirida por situação profissional e categoria.....	86
Tabela 16 - População inquirida por bairro social	87

Tabela 17 - População inquirida por faixa etária.....	87
Tabela 18 - População inquirida por género	87
Tabela 21 - Nível de integração na comunidade onde vive da população inquirida	87
Tabela 22 - População inquirida por categoria e nível de integração	88
Tabela 23 - Perceção entre a realização de atividades e a atribuição bairro de sensações positivas, de acolhimento e segurança.....	88
Tabela 24 - Perceção sobre a informação divulgada.....	89
Tabela 25 - Perceção dos inquiridos em relação à opção "Falta de interesse pelas atividades/ações realizadas"	89
Tabela 26 - Perceção dos inquiridos em relação à influência do ambiente para o envolvimento comunitário	89
Tabela 27 - Perceção dos inquiridos sobre serem excluídos dentro do próprio bairro	91
Tabela 28 - Perceção sobre a influência do próprio bairro para a motivação e oportunidade de participar em atividades.....	91
Tabela 29 - Perceção sobre o horário e a duração das atividades como condicionante para a participação	92
Tabela 30 - Perceção do inquirido em relação à área habitacional para a motivação e a capacidade de se integrar na comunidade.....	92
Tabela 31 - Análise de frequências dos motivos pelos quais os residentes decidem participar	93
Tabela 32 – Relações interpessoais.....	93
Tabela 33 - Convívio.....	93
Tabela 34 - Ocupação	93
Tabela 35 - Desenvolver novas competências/conhecimentos	94
Tabela 36 - Sentir-me incluído.....	94
Tabela 37 - Atividades comunitárias - relaxamento/meditação	94
Tabela 38 - Atividades comunitárias - caminhadas	94
Tabela 39 - Atividades comunitárias - cinema.....	95
Tabela 40 - Atividades comunitárias - visitas a exposições	95
Tabela 41 - Atividades comunitárias - ateliers de trabalhos manuais.....	95
Tabela 42 - Atividades comunitárias - yoga e yoga do riso	95
Tabela 43 - Atividades comunitárias - atividades desportivas	95
Tabela 44 - Atividades comunitárias - grupos de jogos tradicionais	96
Tabela 45 - Atividades comunitárias - oficinas/workshops informativos	96
Tabela 46 - Atividades comunitárias - atividades de culinária	96
Tabela 47 - Sentimentos associados às atividades - bem-estar	96
Tabela 48 - Sentimentos associados às atividades - sentimento de pertença.....	96
Tabela 49 - Sentimentos associados às atividades - vontade de participar e se envolver na vida e nas decisões do bairro.....	97

Tabela 50 - Sentimentos associados às atividades - associar o bairro a um espaço seguro e onde gosta de estar	97
Tabela 51 - Sentimentos associados à participação nas atividades	97
Tabela 52 - Sentimentos associados à participação - Sensação de Bem-estar	100
Tabela 53 - Sentimentos associados à participação - Sensação de Segurança	100
Tabela 54 - Sentimentos associados à participação - Sentimento de Utilidade	101
Tabela 55 - Sentimentos associados à participação - Encontro de um Propósito	101
Tabela 56 - Sentimentos associados à participação - Vontade de Participar Ativamente na Comunidade	101
Tabela 57 - Sentimentos associados à participação - Melhoria da sua Saúde Física e Mental.....	101
Tabela 58 - Sentimentos associados à participação - Realização Pessoal e Identitária	101
Tabela 59 - Os conhecimentos adquiridos têm impacto no dia-a-dia?.....	102
Tabela 60 - Análise por nível de entendimento dos participantes.....	102
Tabela 61 - Análise do nível de entendimento – dos participantes (questões 1.1 a 1.5)	102
Tabela 62 - Análise do nível de entendimento dos participantes (questão 2.1)	103
Tabela 63 - Análise do nível de entendimento dos participantes (questões 3.1 a 3.3)	103
Tabela 64 - Análise do nível de entendimento dos participantes (questões 4.1 a 4.2)	103
Tabela 65 - Análise do nível de entendimento dos participantes (questões 5.1 a 5.3)	103
Tabela 66 - Análise do nível de entendimento dos participantes (questões 6.1 a 6.7)	104
Tabela 67 - Análise do nível de entendimento dos participantes (questões 7.1 a 7.3)	104
Tabela 68 - Análise por nível de entendimento por não participante	104
Tabela 69 - Análise do nível de entendimento dos não participantes (questões 1.1 a 1.4)	105
Tabela 70 - Análise do nível de entendimento dos não participantes (questões 2.1 a 2.2)	105
Tabela 71 - Análise do nível de entendimento dos não participantes (questões 3.1 a 3.3)	105
Tabela 72 - Análise do nível de entendimento dos não participantes (questões 4.1 a 4.7)	106
Tabela 73 - Análise do nível de entendimento dos não participantes (questões 5.1 a 5.3)	106
Tabela 74 - Resumo da Prespetiva dos Entrevistados	108

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução da pobreza e exclusão social em Portugal. Indicadores Europa 2020 (em %)	14
Gráfico 2 - População inquirida por género	49
Gráfico 3 - População inquirida por situação profissional.....	50
Gráfico 4 - Considero-me integrado/a na comunidade onde vivo?	53
Gráfico 5 - A presença de pessoas de diferentes culturas/etnias e/ou línguas é um entrave à participação?	54

Gráfico 6 - Perceção dos inquiridos face a associação de sensações positivas, de acolhimento e segurança para o bairro através das atividades.....	54
Gráfico 7 - Perceção sobre a divulgação da informação das atividades	55
Gráfico 8 - Relação do ambiente onde vive para o envolvimento comunitário	55
Gráfico 9 - Perceção dos moradores sobre serem ou não excluídos dentro do próprio bairro	56
Gráfico 10 - Relação do próprio bairro e o seu ambiente para a motivação e oportunidade de participar	57
Gráfico 11 - Relação da duração e horário das ações como condicionante para a participação	57
Gráfico 12 - Relação da área habitacional para a motivação e capacidade de integrar a comunidade	58
Gráfico 13 - População inquirida por faixa etária.....	83
Gráfico 14 - Categoria por género	84
Gráfico 15 - Categoria por bairro social.....	84
Gráfico 16 - População inquirida por habilitações literárias	85
Gráfico 18 - Presença de um "olhar diferente" para com o bairro	90
Gráfico 19 - Relação entre as atividades consideradas mais femininas ou com maior participação de mulheres coloca os homens que participem numa posição frágil?	90

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Articulação entre Imagens negativas, Conflitualidade e Insegurança e Consequências sobre as Dinâmicas Sociais Locais.....	17
Ilustração 2 - Triângulo Interinfluências.....	19
Ilustração 3 - Organograma.....	48
Ilustração 4 - Prespetiva dos não participantes sobre os motivos para a não participação.....	60
Ilustração 5 - Prespetiva dos inquiridos sobre o motivo para a baixa participação dos homens.....	61
Ilustração 6 - Análise da prespetiva dos participantes.....	75
Ilustração 7 - Análise da prespetiva dos não participantes.....	76

SIGLAS E ABREVIATURAS

GAB – Gabinete de Apoio ao Bairro

CASFIG – Coordenação de Âmbito Social e Financeiro das Habitações do Município de Guimarães

EP - Entrevista Participante

ENP - Entrevista Não Participante

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado debruçou-se sobre a intervenção sócio ocupacional e o processo de (re)estruturação da população em situação de vulnerabilidade social, isto é, a importância das atividades sócio ocupacionais para a promoção de bem-estar, integração, dinâmica, segurança e acolhimento para o bairro social e os seus residentes, contribuindo (ou não) para o sentimento de pertença em relação ao espaço comunitário e interação social dos residentes.

A dissertação encontra-se dividida em 6 capítulos: (1) revisão da literatura, no qual se realiza uma breve síntese explicativa do surgimento dos bairros, bem como sociabilidade, identidade social e cultural e as dimensões e benefícios/barreiras da intervenção comunitária sócio ocupacional identificadas na literatura decorrentes de experiências vivenciadas noutros projetos de intervenção social; (2) metodologia de investigação; (3) descrição síntese dos estudos de caso das entidades com matéria de intervenção em bairros sociais; (4) apresentação dos dados recolhidos; (5) discussão dos dados quantitativos e (6) apresentação e discussão dos dados qualitativos.

A associação a um bairro habitacional no qual os seus habitantes desenvolvem sentimentos de bem-estar, pertença e autoestima, encontra-se intimamente relacionada com o vínculo emocional que o indivíduo consegue estabelecer com outras pessoas e contexto, desta forma, a própria identidade pessoal (Kearns & Whitley, 2018). O espaço bairro é uma ampliação do espaço casa.

Perante tal constatação, a interiorização de ideias preconcebidas e estigmatizantes sobre o espaço bairro, e a população que lá reside, compromete o normal decurso de conexões sociais e práticas de sociabilidade, bem como, a coesão social e a forma como o próprio espaço é assumido por toda a comunidade, além das políticas sociais e de planeamento urbano. Assim sendo, um bairro social, quando associado a uma ideia estigmatizante e de perigosidade promove uma visão de desorganização social e física (Kim, 2009).

Assim, uma intervenção comunitária concertada poderá ser a chave para a promoção do bem-estar, coesão e participação social aliado a relações de vizinhança e experiências positivas. Sentir-se protegido e comprometido é o primeiro passo para as denominadas comunidades sustentáveis.

A intervenção comunitária pode potenciar práticas de inclusão social que respeitam valores comunitários e de sobrevivência. Neste sentido, é a ponte que permite estabelecer interações sociais, debruçando-se no entendimento da melhoria da qualidade de vida da população. Quando considerada a diversidade étnica e cultural de um bairro social para a intervenção comunitária, é crucial para promover relações de vizinhança estáveis, dado que a probabilidade de desenvolvimento de sentimentos e relações negativas é frequente (Fong et al., 2021).

Neste sentido, selecionamos, para estudos de caso, um Gabinete de Intervenção e uma Empresa Municipal com atuação junto de comunidades de bairros sociais, com o objetivo de compreender e avaliar as vantagens de uma intervenção sócio ocupacional enquanto promotoras da qualidade de vida dos habitantes.

Esta avaliação centra-se nos benefícios e barreiras encontradas para a concretização da intervenção comunitária sócio ocupacional, em grupos distintos, integrando pessoas que participam nas atividades, sejam estas destinadas ao desenvolvimento de relações interpessoais, lazer, desenvolvimento de processos criativos, de sensibilização, promoção de novos conhecimentos ou aprimoramento de capacidades e pessoas que não participam nas referidas atividades. A par disto, procuraremos conhecer os benefícios sentidos numa intervenção centrada no indivíduo e na identificação, por parte da comunidade, das suas necessidades e problemáticas, bem como, a promoção de espaços direcionados à participação, convívio e lazer.

A dimensão da avaliação sobre as intervenções na ótica das pessoas residentes, torna-se fulcral para o entendimento dos benefícios que esta pode comportar para uma prática mais eficaz, consciente e organizada. No âmbito do presente estudo, esta avaliação será efetuada com recurso a 2 instrumentos de recolha de dados, o questionário e a entrevista semiestruturada. Desta feita, partimos do princípio de que o conhecimento alargado acerca dos efeitos da intervenção efetiva-se pela avaliação e consideração de diferentes grupos que estiveram expostos à mesma, assim como pela perceção detida pelas pessoas que não estiveram expostas às atividades. Esta prática possibilita a observação e delineamento de estratégias de atuação, na medida em que, permite compreender o porquê de maioritariamente a população residente participar num reduzido número de atividades e qual a estratégia para motivar e promover a participação, identificando os prós e contras numa perspetiva de potencial melhoria.

No presente trabalho foi utilizado um método de recolha de dados misto, isto é, qualitativo e quantitativo, sendo aplicados 90 inquéritos por questionário sob orientação e individualizado a cada residente participante e não participante, bem como 8 entrevistas a participantes e não participantes.

Os inquéritos por questionário foram realizados através do Google Forms, contudo, tendo em conta tratar-se do público-alvo em causa, foram aplicados individualmente e na presença quer do investigador quer do inquirido para garantir a resposta e entendimento das questões colocadas. O inquérito por questionário detém questões identificadas com recurso ao material de pesquisa das dimensões dos benefícios e das barreiras.

As entrevistas semiestruturadas possibilitaram a recolha de material de forma detalhada, específica e pormenorizada, registando informação que complementa a recolhida nos inquéritos por questionário.

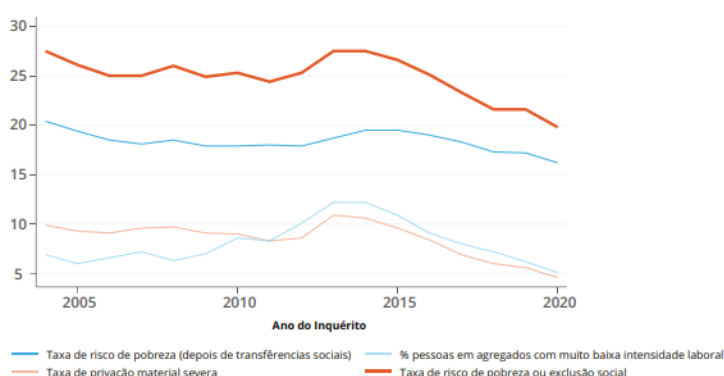
1. REVISÃO DA LITERATURA

No rescaldo da Revolução Industrial e, concomitantemente, da economia capitalista, surgem os primeiros bairros sociais como consequência de fortes desequilíbrios e disparidades internas que influenciam a organização e ordenamento físico e social das cidades e das suas periferias (Sebastião, 1998). Capucha (1990) descreve bairro social como um local que agrega diferentes pessoas, essencialmente famílias pobres e multiproblemáticas, desprovidas de redes de solidariedade e vizinhança ajustadas e, sobretudo, concentradas num espaço onde se verifica pouco investimento, no que respeita ao acompanhamento e intervenção com as famílias. Segundo as perspetivas apresentadas destaca-se a crucialidade das redes de sociabilidade para o pleno desenvolvimento da comunidade, contribuindo fortemente para o sentimento de deslocamento da população que habita nos bairros. Este sentimento compromete, frequentemente, a participação ativa dos habitantes na dinâmica quotidiana do bairro, descaracterizando, desta forma, o conceito de bairro social.

Encontramos na sociedade atual a presença de situações de desigualdade, pobreza e exclusão social que se posicionam em sentido contrário ao defendido pela noção de Estado Social, sendo, portanto, prioridade dos Estados a sua prevenção e minimização. Para o Estado Social os conceitos de igualdade, cidadania e liberdade devem predominar sobre as situações de precariedade social. Nos últimos dois anos, em Portugal, verifica-se que a taxa de pobreza aumentou 2.2% (Rodrigues, 2021) e em 2021 um total de 2.3 milhões de pessoas (22.4%) vivenciava uma situação de pobreza ou exclusão social, aumentando relativamente a 2020, face à situação pandémica (20.0%). A informação em destaque é visivelmente identificada e analisada no gráfico nº1 que apresentamos de seguida.

Gráfico 1 - Evolução da pobreza e exclusão social em Portugal. Indicadores Europa 2020 (em %)

Figura 1 - Evolução da pobreza e exclusão social em Portugal - Indicadores Europa 2020 (em %)



Fonte: Relatório Fundação “la Caixa” e BPI

A população que habita os conjuntos de habitação social encontra-se, por norma, à margem da sociedade, habitando locais situados nas periferias das urbes (Blackwith, 2015). Perante a manifestação de comportamentos socialmente reprováveis e o estigma social por parte da comunidade local, surge, ainda com maior relevo, o autoestigma dos habitantes que veem o espaço como um gueto social que, pela

presença de determinados comportamentos desviantes, é assimilada para si uma imagem socialmente reprovada (Quintas, 2008).

Concomitantemente, a exclusão social associada aos bairros de habitação social traduz-se em distintas vertentes, essencialmente na sua segregação geográfica, da qual se retratam locais situados na periferia das urbes onde se manifestam problemas sociais característicos quase comuns em todos e que, desta forma, determinam a imagem dos bairros sociais, tais como o tráfico e consumo de droga, prostituição, entre outros (Labandeiro, 2004). As características associadas à população que habita estes empreendimentos sociais, bem como o conjunto de problemas sociais aí identificados, conduzem a população residente a uma posição de vulnerabilidade social. Nesta perspetiva, são identificados como fatores importantes a relação com as políticas habitacionais que remetem para habitações construídas com menor qualidade contribuindo para o desenvolvimento de um sentimento desajustado em função do espaço (Labandeiro, 2004).

1.1. SOCIABILIDADE, IDENTIDADE SOCIAL E CULTURAL

O espaço casa ocupa um lugar de destaque na vida de cada pessoa, sendo um direito constitucionalmente estabelecido de importante relevo para a construção da nossa personalidade, identidade e sentimento de pertença. A nossa casa representa um espaço que proporciona o pleno desenvolvimento da pessoa, de bem-estar e saúde (Fong et al., 2021).

Considera-se que tal facto surge pela primeira vez na literatura em 1960 e é em 1963 reforçada e melhorada por autores como Proshansky, Fabian e Kaminoff (1963). Na perspetiva destes autores é possível reter que a construção da identidade do indivíduo não é exclusivamente influenciada pelo seu processo individual, social ou decorrente das relações sociais estabelecidas, mas, igualmente, motivada pelo espaço físico, denotando-se relevante para a evolução da identidade pessoal. Concomitantemente, constata-se que a identidade de lugar é parte e elemento integrante da identidade pessoal e social, preponderante para o desenvolvimento de sentimentos de pertença e identificação ao espaço. Perante o exposto, as motivações de ordem física, social e espacial, assim como, as vivências de carácter espacial e social, pessoais ou emocionais determinam o desenvolvimento da identidade de lugar (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016).

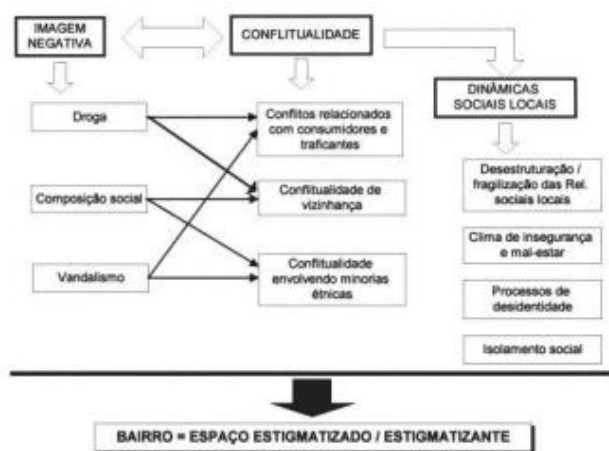
Um dos componentes mais importantes para entender o comportamento da população no espaço urbano é a densidade populacional, contudo, não é considerado suficiente para compreender a desorganização e a constante fragmentação dos laços sociais, considerando que o contexto envolvente assume um importante papel para os acontecimentos registados (Soczka, 1988). Nesta linha de pensamento, quer a identidade de lugar quer a identidade pessoal sugerem uma estreita ligação a relações similares dentro de um determinado contexto, podendo a pessoa criar maior vínculo a situações ou pertença a determinadas categorias sociais em detrimento de situações de carácter individual. Isto é, uma ideia positiva sobre determinado local e uma identidade de lugar positiva é crucial para a identidade da pessoa

constatando-se uma relação favorável entre estes dois conceitos, bem como para a coesão social, comunitária e bem-estar dos indivíduos (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016) (Fong et al., 2021). Como tal, o estigma associado à habitação social pode afetar negativamente as relações sociais e a participação do indivíduo, o seu bem-estar físico e mental, a sua situação económica e a capacidade de se considerar como um membro da comunidade. Não obstante, as medidas e políticas de intervenção não analisam e colocam como ponto central dessa mesma intervenção o combate do estigma, ou seja, em diversas medidas de atuação não é visto como um objeto de preocupação, mas como um efeito secundário que se resolverá na sequência de outras medidas de intervenção direcionadas a outras problemáticas (Hastings & Dean, 2003).

Mediante distintas condições, os bairros sociais são tidos como lugares estigmatizados e marginalizados quer seja pela presença de comportamentos desviantes quer por relações de vizinhança conflituosas e desestabilizadoras (Pinto e Gonçalves, 2000). Paralelamente, tais fatores conferem aos bairros sociais uma imagem negativa e desagregadora para a população que habita este espaço urbano (Pinto e Gonçalves, 2000). No que concerne à perceção negativa do bairro social para a comunidade, sentido pela população residente como estigma social, esta é assumida em múltiplas situações como um mecanismo de defesa para os moradores, retratando uma forma de rejeição pessoal do estigma como se fosse transmitido de forma rígida entre todos. A estigmatização, de acordo com variados estudos, é uma barreira limitadora, no que concerne à promoção de bem-estar para o indivíduo. A exposição ao estigma implica sentimentos de frustração, raiva e tristeza, dificultando e comprometendo a integração do indivíduo no seio da comunidade (Jensen & Christensen, 2012). As populações que habitam espaços residenciais estigmatizados, no qual a discriminação e o estigma da comunidade exterior é uma realidade, apresenta para a pessoa efeitos negativos ao nível da saúde. Pelo que, conexões sociais positivas e o desenvolvimento de identidade de bairro, identificação com o local de residência e os vizinhos pode atenuar os efeitos do estigma associado, bem como, o aumento da participação comunitária e ação coletiva (Fong et al., 2021).

Na ilustração que se segue analisa-se os efeitos de uma imagem negativa e estigmatizante associada a um determinado espaço urbano, a conflitualidade daí decorrente e a influencia sobre as dinâmicas sociais locais.

Ilustração 1 - Articulação entre Imagens negativas, Conflitualidade e Insegurança e Consequências sobre as Dinâmicas Sociais Locais



Fonte: Os Bairros Sociais vistos por si mesmos (2000)

O espaço casa é onde o primeiro processo de socialização ocorre, sendo considerado um processo de aprendizagem através da interiorização de normas, crenças e valores do grupo social ao qual o indivíduo pertence como membro da sociedade. O processo de socialização é o principal veículo de disseminação cultural que atravessa gerações (Abrantes, 2011). A imitação, a identificação e a aprendizagem são mecanismos importantes de socialização. A socialização desenvolve-se nos primeiros anos de vida da criança junto de pessoas significativas e é gradualmente introduzida no ambiente externo e de maior interação. Neste sentido, é na comunidade e na nossa relação com os vizinhos que se transmitem saberes, sendo uma das principais fontes de desenvolvimento e bem-estar do indivíduo. A carência de socialização e de redes de sociabilidade equilibradas tem conduzido, nos últimos anos, a vários problemas de entre os quais destacamos problemas de saúde mental para a população e a qualidade de vida dos residentes de um determinado bairro, que se encontra diretamente relacionada com a possibilidade de o indivíduo estabelecer uma conexão social com as pessoas próximas que, por sua vez, se encontra dependente da identidade de bairro. Vários estudos apresentados comprovam que o bem-estar individual e a saúde mental de cada pessoa apresentam bons resultados em equilíbrio com a identidade de bairro e desta forma proporciona o aumento da autoestima coletiva e individual, bem como, a autoeficácia e entreadjada dentro do grupo. Assim, as redes sociais de vizinhança apresentam-se como um aspeto estrutural e, portanto, cruciais para a própria participação comunitária, sendo possível observar que pessoas com problemas de saúde mental e em situação de desigualdade social e económica sentem maior dificuldade em estabelecer conexões sociais e participar de forma ativa na comunidade. Desta forma, o seu bem-estar e a qualidade de vida encontram-se comprometidos (Smyth, Harries & Dorer, 2011).

Seguindo esta linha de pensamento, Chatterjee et al. (2019), constataram que, atualmente, a população em geral socializa em menor número com os seus vizinhos, tendo em conta o número de horas de trabalho

e deslocação o que, por consequência, diminuí as redes informais de entreaajuda na vizinhança. Não obstante, no caso concreto dos bairros sociais, a multiculturalidade pode ser um entrave ao pleno desenvolvimento e coesão social do espaço (Cheshire et al., 2018). Assim sendo, é considerado por vários autores como um fator que pode comprometer o sentimento de pertença da comunidade, dado que, os elementos de identificação manifestam-se escassos em comunidades com uma diversidade étnica e cultural muito diferenciada, como poderemos observar com mais detalhe no ponto seguinte (Srivarathan et al., 2020).

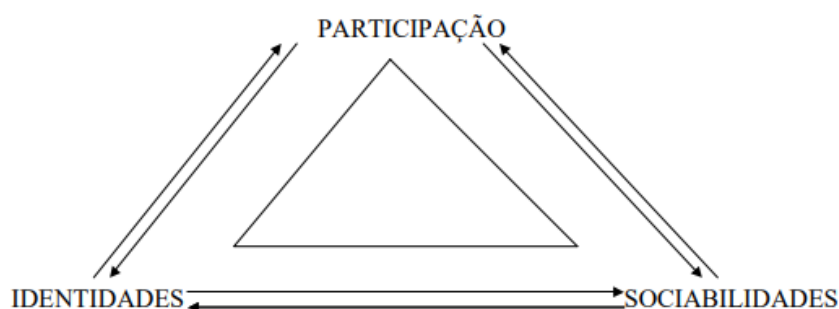
Simultaneamente, a identidade de bairro correlaciona-se com a identidade social que determina os laços psicológicos estabelecidos com outras pessoas que pertencem a um círculo comum. Paralelamente, quando uma pessoa se identifica com um determinado grupo desenvolve um pensamento coletivo, pelo que, identidades sociais fortes e concretas promovem o surgimento de determinados sentimentos e pensamentos de comunidade, além do ajuste dos seus pensamentos, ações e sentimentos com os do grupo, ou seja, incorpora as normas e valores de conexão ao grupo, assumindo assim um comportamento normativo de tomar para si a identidade do próprio grupo. Desta forma, conclui-se assim que o indivíduo se encontra plenamente incluído (Chang et al., 2016).

Simultaneamente, Fong et al. (2021), refere que no contexto, seja ele socioeconómico ou cultural, e as dinâmicas do próprio indivíduo são cruciais para determinar a identidade social do bairro e o seu sentimento de identificação e pertença ao local. A identidade cultural do espaço também determina o sentimento de bem-estar e identificação associada ao bairro habitacional, dado que, a existência de um número volumoso de pessoas com as mesmas origens étnicas transmite ao indivíduo maior segurança e possibilidade de entreaajuda. De acordo com o Fong et al. (2021), residir num bairro, cuja identidade cultural é compartilhada pode reforçar valores e práticas, autoestima, crenças e um sentido de pertença coletivo, além de se apresentar benéfico para a qualidade de vida de cada pessoa. Desta forma, a identidade social e a identidade cultural podem estar correlacionadas, dado que se influenciam mutuamente num comportamento normativo da sociedade. Tais comportamentos normativos ocorrem quando a pessoa se identifica com a cultura e assim procura agir de acordo com o esperado, assumindo uma postura firme e resistente (Chang et al., 2016).

Quando a pessoa não se identifica com o bairro social não proporciona espaços de promoção ou defesa, bem como, a concretização e consolidação de lógicas de ação coletiva.

Ao analisar a residência numa habitação social, verificam-se limitações na criação de um triângulo que se pressupõem uma relação preponderante entre as identidades, a participação e as sociabilidades.

Ilustração 4 - Triângulo Interinfluências



Fonte: Augusto (s.d) - Habitação social – da intenção de inserção à ampliação da exclusão

1.2. BAIROS SOCIAIS E A INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA SÓCIO OCUPACIONAL

Os bairros sociais são, normalmente, espaços físicos agregadores de diferentes culturas e perfis, inserindo população de zonas variadas do país, habitando o bairro social por situações e trajetos de vida predominantemente negativos. O próprio espaço é preponderante para a construção e consolidação da identidade cultural da população, essencialmente caracterizado pela diversidade cultural e social que, por sua vez, influencia a forma como este espaço é visto, representado e percebido (Gonçalves, 1994).

A necessidade de intervenção é mencionada na literatura, no sentido de promover no indivíduo o sentimento de identidade de bairro, dado que, permite aos habitantes de um bairro social sentirem-se protegidos e salvaguardados de consequências negativas decorrentes da exposição a uma imagem estigmatizante dos bairros desfavorecidos (Cruwys, et al, 2022). Paralelamente, podemos afirmar que a intervenção direcionada para a construção de uma identidade social apresenta resultados concretos na melhoria da qualidade de vida da pessoa (Norris, Byrne & Carnegie, 2018). O estigma é considerado uma barreira à intervenção e ao envolvimento comunitário, contudo os efeitos da sua intervenção pode gerar grande benefício, visto que, procura colmatar uma necessidade da população, fornecendo os recursos de que precisava para a construção da sua identidade social (Stevenson et al., 2014).

Outro fator preponderante é a baixa qualificação da população residente em bairros sociais que, por sua vez, apresenta como consequências o desemprego e a pobreza como problemáticas sociais que potenciam ciclos de marginalização e exclusão social. Alguns bairros sociais, próximos de espaços urbanos, identificam a existência de uma população jovem que apresenta níveis de qualificação baixos e com um número de analfabetismo também elevado, consequentemente níveis de qualificação profissional igualmente baixos e trabalhos precários (Gonçalves, 1994).

A intervenção comunitária inclui práticas de inclusão social que respeitam valores comunitários e de sobrevivência, bem como o foco na cidadania, mas, sobretudo, na melhoria da qualidade de vida da população. Pretende potenciar a emancipação coletiva e a mudança social de todos os envolvidos e em diferentes áreas que afetam a esfera do desenvolvimento cultural, social, educativo, entre outros

(Fernández, 2009). Os projetos de intervenção em bairros sociais têm como ponto central bases do desenvolvimento comunitário e da animação sociocultural, dado que, procuram promover a participação coletiva através do desenvolvimento cultural e da animação sociocultural, com consequências, expectáveis, ao nível do bem-estar e da qualidade de vida. A intervenção em epígrafe e o seu desenvolvimento local é fruto do esforço para melhorar os contextos e as condições de vida das pessoas que residem num determinado espaço urbano, isto é, toda a comunidade e o seu espaço cultural e geográfico (Matias, 2018). O bem-estar comunitário e a capacidade de reorganização urbana encontram-se relacionados com a identidade de bairro que, por sua vez, proporciona o aumento da autoestima, integração coletiva e a possibilidade de a pessoa se sentir capaz de recorrer ao apoio social (Heath et al., 2017).

As pesquisas realizadas sugerem que relações sociais fortes determinam a probabilidade de um indivíduo se encontrar predisposto ao envolvimento em ações de intervenção comunitária. Não obstante, vários estudos alegam que o envolvimento coletivo é uma forma mais eficaz de conseguir intervenção com públicos desfavorecidos, sendo um fator de motivação e uma forma de convencer a população para a intervenção (Suto, Smith & Channe, 2021).

Concomitantemente a educação comunitária demonstra-se, portanto, crucial para o desenvolvimento do ser humano como membro ativo e útil da comunidade, traduzindo-se num meio para promover e alcançar o pleno direito, respeito e liberdade do indivíduo. Assim sendo, considera-se as ações de âmbito comunitário como um processo de evolução e transformação social para a promoção da qualidade de vida, cooperação, participação, universalidade e autonomia. Associado à realidade dos bairros de habitação social predominam as situações de vulnerabilidade social, traduzidas em desemprego ou precariedade laboral ou aqueles que em situação de reforma se encontram, originando, por sua vez, desocupação e tempos livres. Nesta perspetiva, a prevalência do ócio é uma realidade para a comunidade que vive em bairros sociais, traduzindo-se no conjunto de ações que realizam de um modo livre, desfrutando do tempo disponível (Freire, 2013).

A ocupação dos tempos livres é importante para o indivíduo e sinónimo de evolução e desenvolvimento para a comunidade, pelo que, a animação sociocultural assume um importante contributo e abarca hoje diferentes objetivos e contextos com foco na melhoria da qualidade de vida. Deste modo, perante o exposto e considerando que nos bairros sociais existe uma grande heterogeneidade de pessoas, com problemáticas distintas e delicadas, a intervenção comunitária de âmbito socio ocupacional assume um papel significativo para a integração na sociedade e a sua inclusão social, criando condições para reverter situações de vulnerabilidade, isto é, mais importante do que as obras realizadas ao espaço ou a atribuição de uma habitação social, é o conjunto de ações levadas a cabo num sentido educativo, capazes de promover a sua adaptação através de uma intervenção holística e sistémica (Guerra, 1994).

Por conseguinte, é necessário que as pessoas sejam as protagonistas das suas próprias ações e transformação social, para que, sejam capazes de contrariar e reverter a situação de fragilidade em que se encontram (Amaro, 2003). A intervenção realizada deve procurar sempre corresponder às

necessidades e problemas identificados pela população residente, bem como as potencialidades ali identificadas, pois só desta forma é possível alcançar a mudança social. A escuta ativa e a promoção da participação da comunidade no seu processo de mudança são imprescindíveis para que tal aconteça. Neste sentido, a intervenção comunitária tem de respeitar a identidade cultural do indivíduo, ou seja, o passado e a forma como este é encarado, mas não esquecendo a sua realidade presente e a forma como se posicionam em relação ao futuro numa perspetiva de mudança e de orientação do seu desenvolvimento (Rothes, 2009).

Considerando a informação mencionada, os movimentos associativos são relevantes para o bom funcionamento de um bairro social, assim como, da restante comunidade, realçando a importância do seu contributo para um desenvolvimento social positivo, caso das associações de moradores, frequentes em bairros sociais, como um bom exemplo de iniciativa e participação local (Carvalho, 2018). Contudo, existe uma grande propensão para as pessoas interagirem apenas com pessoas com características individuais semelhantes às suas em detrimento de outros indivíduos com outras características, denotando-se determinados estereótipos étnicos (Liljas et al., 2017). Neste sentido é perceptível que o afastamento de outras pessoas com culturas, etnias ou nacionalidades diferentes é comum, assim como, a associação de determinados comportamentos negativos a indivíduos com outras características assumindo os seus próprios comportamentos como melhores, ampliando as diferenças de comportamentos desviantes.

O género, também, apresenta importante relevância e ponderação na tomada de decisão que remete para a participação ou não em ações de envolvimento comunitário, por exemplo, participantes de nacionalidade dinamarquesa do sexo masculino expressaram a sua dificuldade em estabelecer contacto com as participantes de origem turca do sexo feminino, do qual compreendemos que é impulsionado por questões iminentemente decorrentes de determinantes culturais. Portanto as preferências culturais, o género ou crenças são consideradas barreiras que influenciam a participação e as dinâmicas de intervenção com comunidades em geral, sendo ainda mais evidente em públicos desfavorecidos (Serivarathan et al, 2020).

A ausência de estabilidade e segurança habitacional impulsionada pelas mudanças de ordem estrutural comprometem as relações sociais entre moradores, assim como, a sua disponibilidade e aptidão para a participação em atividades de cariz cívico ou atividades de trato ocupacional (Kearns & Parkinson, 2001). Os estudos realizados pelo Governo da Dinamarca comprovam que a intervenção por meio da arte e de atividades recreativas podem combater o isolamento e o surgimento de comunidades socialmente excluídas, uma vez que, a interiorização do estigma por parte dos habitantes de bairros sociais conduz a sentimentos contrários aos de pertença e de identificação quanto ao espaço físico e social (Wacquant, 2008).

Contudo, também, alguns estudos a propósito de projetos como Let's Make Pizza ou Discover Your City (ver mais detalhes na Tabela 1 – Análise e Síntese dos Projetos de Intervenção Sócio Ocupacional), alertam para a forma como a intervenção é planeada e para os riscos inerentes que podem comprometer uma

ação bem-sucedida, na medida em que é necessário avaliar as necessidades e interesses dos moradores, não caindo no erro de supor a necessidade de determinada intervenção, pois poderá não corresponder à realidade. Não obstante, alegam que a intervenção deverá ser realizada por voluntários locais evitando a exposição dos moradores a determinados projetos temporários e ações exteriores que pelo seu elevado nível de rotatividade podem provocar sentimentos de descontentamento, cansaço e relutância à intervenção (Eriksson & Sørensen, 2021).

Nesta linha de pensamento, os estudos consultados pretendem que o leitor reflita sobre a hipótese de a desigualdade ser diminuída apenas ignorando a sua existência ou se está de facto deve ser considerada e intervencionada, sob a premissa de estes espaços residenciais serem identificados como espaços “expostos” em diferentes dimensões, quer pelas problemáticas sociais refletidas, pelos investimentos e ações do estado que são identificadas como medidas específicas e, por isso, obriga a uma atenção específica sobre o local e, por fim o estigma e autoestigma que define os bairros sociais (Schrag, 2018).

No geral este formato de intervenção social, que pode incluir arte, momentos de lazer ou de expressão pessoal, é dignificado como uma via de incorporação de coesão social que promove a cidadania ativa através da responsabilização, envolvimento social e catalisadores de mudança social (Clavier & Kauppinen, 2013).

Assim, a habitação social apresenta-se como uma estratégia para suprir necessidades de âmbito económico, contudo não resolve questões relacionadas com o isolamento social, a pouca participação ou cidadania. Um alojamento adequado e garantido permite que o indivíduo se sinta disponível para se envolver em atividades e ações comunitárias para aumento do seu bem-estar, mas, a forma como as pessoas são atraídas e a forma como o seu sentimento de pertencimento pode ser facilitado é ainda pouco conhecido (Suto, Smith & Channe, 2021).

Na **tabela nº 1** é possível identificar exemplos de projetos/programas sociais realizados em bairros sociais, demonstrando a importância e os benefícios da aplicação da intervenção comunitária para a população residente. A tabela em apreço permite-nos identificar pontos de comparação na aplicação da intervenção sócio ocupacional e diferentes estratégias de intervenção.

Tabela 1 - Análise e Síntese de Projetos de Intervenção Sócio Ocupacional

Projetos de Intervenção Comunitária Sócio Ocupacional

Exemplos de projetos	Área de atuação	Benefícios	Como mediram os benefícios
Collect-ive-ing (Eriksson & Sørensen, 2021)	Arte e cultura	<ul style="list-style-type: none"> • Melhoria do bem-estar e da qualidade de vida dos moradores • Melhoria do sentimento de pertença ao local e à comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas individuais
Plant Sanatorium (Eriksson & Sørensen, 2021)	Intervenção pela jardinagem	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de um sentimento de identificação e cuidado, sentimento de utilidade • O artista decidiu recuperar plantas doentes ou abandonadas onde são cuidadas e preservadas pelo próprio impulsionador desta arte e pelos moradores do bairro social. Em cada planta podemos encontrar a sua história antes de viverem naquele espaço, remetendo-nos para o simbolismo da indiferença a que os moradores de bairros desfavorecidos se encontram expostos e o paralelismo existente 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas individuais
Let's Make Pizza (Eriksson & Sørensen, 2021)	Gastronomia	<ul style="list-style-type: none"> • Momentos de partilha e convívio • Identificação com o espaço bairro • Potenciam a participação comunitária e envolvimento social 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas individuais
Discover your city	Inclusão social	<ul style="list-style-type: none"> • Sensação de pertença a um determinado lugar e de fazer parte de uma comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas individuais

(Eriksson & Sørensen, 2021)			
Men's Sheds Wilson & Cordier, 2013).	Intervenção sócio ocupacional destinado ao envolvimento masculino	<ul style="list-style-type: none"> • Redução do isolamento social, criar amizades e aumento da autoestima • Melhoria da saúde e bem-estar nos homens, essencialmente em homens com problemas de saúde mental ou vícios • Combate às desigualdades de saúde de género, potenciando aos homens o envolvimento comunitário e o seu cuidado de saúde de uma forma não tradicional. Literacia em saúde • Aquisição de habilidades práticas e novos interesses num contexto informal • Oportunidade de criar conexões sociais, sentido de camaradagem • Prioridade por um maior bem-estar social e mental, considerando mais importante do que a própria saúde física • Meio para promover o bem-estar e a saúde para os homens que após longos anos de trabalho se reformam e se deparam com toda a alteração de rotina e estilo de vida, possibilitando uma adaptação mais favorável. • Possibilidade de criação de um formato de mentoria intergeracional • Partilha de experiências individuais 	<ul style="list-style-type: none"> • Programa de Habilidades de Avaliação Crítica • Ferramenta de avaliação para métodos mistos (Long et al., 2002) • Grupos focais e entrevistas individuais
Do-Live-Well Pour semer les graines du bien-être	Saúde Mental (projeto direcionado à saúde mental através de uma intervenção pela	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de uma aprendizagem sobre um determinado tema, ex: a jardinagem; • Sentimento de pertença • Existência de sentimentos positivos relacionados com o fazer (utilidade). • Bem-estar psicológico/mental e capacidade cognitiva 	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização dos princípios do CBPR como metodologia de investigação; • Reuniões bimestrais com os participantes e a equipa de investigação;

(Sutto, Smith & Channe, 2021).	jardinagem comunitária para pessoas residentes em bairros sociais)	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de novas habilidades, competências e aprendizagem • Partilha do espaço e dos recursos através da jardinagem, traduzindo-se num ambiente de segurança para os participantes • Desenvolvimento de papéis e empoderamento • Programa de recuperação pela vertente da terapia ocupacional • Partilha de experiências individuais 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas individuais semiestruturadas; • Grupos focais pós-intervenção; • Utilização do questionário WHOQOL-BREF, da organização mundial de saúde • O investigador participou em conjunto com os participantes nas atividades de jardinagem para fomentar a aceitação e confiança por parte dos participantes e quebrar a ideia de <i>insider-outsider</i> • Registo das expressões e opiniões que os participantes foram expressando durante o decorrer do projeto.
Projeto Piloto: Higiene do Sono e loga (Spadola et al., 2020)	Intervenção Comunitária: Saúde do Sono para população de um bairro social	<ul style="list-style-type: none"> • Melhorias do sono • Aumento dos níveis de energia • Tomada de consciência sobre as ações erradas referentes ao sono • Desenvolvimento de novas aprendizagens e habilidades • Contacto com a realidade dos outros participantes, escutar as suas dúvidas, desafios e soluções potencia a participação comunitária • Presença e participação da comunidade, no sentido de estes conduzirem as atividades e terem um papel ativo na escolha de como realizar e o que realizar; contributo das suas opiniões no desenho do projeto 	<ul style="list-style-type: none"> • Diário de registo da higiene do sono e ioga • Escala de stress percebido (PSS-10) • NIH Patient Reported Outcomes Measurement Information System (PROMIS) Sleep Disturbance (PROM-SDA) e as escalas PROMIS Sleep-Related Impairment (PROM-SRI)

		<ul style="list-style-type: none"> • Existência de um diário do sono que ajudava a documentar os hábitos e rotinas do sono e, dessa forma, apelar a maior consistência • Redução do stress e melhoria das rotinas do sono através da frequência das aulas de yoga presencial e rotina noturna de yoga • Perante estas informações é de elencar a importância de proporcionar atividades que envolvam momentos de experimentação prática nos processos de intervenção, tendo em conta os sentimentos positivos expressos - "Eu tenho outro papel no jardim. Eu sou o fotógrafo não oficial." O cumprimento de papéis contribuiu para uma atmosfera de pertencimento, o que fortaleceu ainda mais o senso de propósito e lugar de um indivíduo dentro do grupo através da validação de outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Índice de Higiene do Sono (questionário de autorrelato) • Pós-intervenção: 3 grupos focais onde foi aplicada uma entrevista semiestruturada
<p>Projeto de pesquisa: Saúde, bem-estar e relações sociais num bairro em mudança (Srivarathan et al., 2020)</p>	<p>Intervenção comunitária direcionada à saúde e às relações familiares</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de mais e melhores laços sociais dentro da área residencial • Fortalecimento das relações sociais já existentes e a união de todos os habitantes • Quebra com a rotina de vida diária, oportunidade para novas experiências e "explorar o mundo" fora da área habitacional ou visitar locais, novas experiências e aprendizagens já há muito esquecidas • Coesão social • Vontade de investir em atividades que impulsionem e promovam o associativismo e o envolvimento comunitário promovendo áreas de bem-estar para as pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de entrevistas pré-intervenção e pós-intervenção • Utilização da técnica de amostragem de bola de neve para entrar em contacto e recrutar os residentes mais vulneráveis • Aplicação de entrevistas individuais semi-estruturadas • Recolha de notas de campo • Conceito de Othering

<p>Projeto Piloto: Mirar Our Community Garden (Fieldhouse, 2003)</p>	<p>Projeto de jardinagem comunitária direcionado para mulheres em situação de sem-abrigo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sentido de propósito, algo pelo qual trabalhar • Alívio do stress • Atividade proporciona a mudança pessoal e inclusão social • Local de refúgio que permite “esquecer” dos ressentimentos e momentos negativos da rua • O jardim ou horta era da inteira responsabilidade das mulheres e, portanto, estimulava a autonomia e a própria mudança • Identificação do espaço como positivo e terapêutico • Momento de expressão ao ar livre, associado a um espaço seguro e de conforto e para muitas mulheres a lembrança do lar da infância • Recuperação da sua identidade social • Identificação de pontos fortes. Possibilidade de interações sociais. Fortalecimento de relacionamentos sociais • Surgimento de sentimentos de entreajuda e compreensão para com os outros elementos participantes • Aumento da sensação de camaradagem, pertença e quebra do isolamento social • O jardim é percebido pelas participantes como um lugar de terapêutico, sentem que têm voz, que podem traçar a sua linha para o futuro, isto é, autorrealização. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de entrevistas semiestruturadas • Registos de notas de campo das expressões/observações percebidos pelos investigados no decorrer do projeto
---	--	---	---

Fonte: Elaboração Própria

1.3. DIMENSÕES

Antes de identificarmos mais detalhadamente as dimensões relacionadas com benefícios e barreiras, parece-nos importante referir que, no âmbito das estratégias de intervenção aplicadas e de acordo com os projetos consultados, é perceptível uma maior participação e envolvimento de pessoas do sexo feminino por oposição ao masculino. Esta perspetiva remete-nos para a reflexão da intervenção com o público masculino e a sua resistência à mudança e envolvimento em atividades de participação comunitária (Spadola et al., 2020) Neste seguimento, alguns estudos também remetem para a importância de identificar os líderes locais para o processo de identificação de potenciais interessados contribuindo fortemente para captar e contemplar uma intervenção direcionada através da aproximação e conhecimento da própria comunidade (Rottapel et al., 2020).

Além disso, o conceito de governança participativa assume um importante papel na transformação das comunidades. A capacitação dos indivíduos e a redistribuição dos recursos permite combater as desigualdades sociais e, neste sentido, a governança participativa pretende promover um desenvolvimento local ajustado e significativo, além de destacar diferentes vozes e opiniões no processo de tomada de decisão. Com este género de intervenção as pessoas sentem-se parte do processo de mudança e como decisores envolvidos desde o momento em que se programa uma determinada intervenção/atividade até ao seu próprio momento de avaliação (Jancovich, 2017).

1.3.1. BENEFÍCIOS E BARREIRAS DA INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA SÓCIO OCUPACIONAL

No âmbito dos projetos consultados e a investigação realizada deparamo-nos com distintas dimensões que permitem medir os benefícios da intervenção sócio ocupacional. Neste sentido, identificamos que uma das dimensões é a **inclusão social**. Tendo em conta que a intervenção comunitária sócio ocupacional procura promover, junto da população, a sua integração social, esta pode ser alcançada através da criação de espaços ou momentos comunitários onde as pessoas podem estabelecer conexões sociais, partilhar experiências pessoais, estabelecer contactos, identificar pessoas a quem possam recorrer numa determinada dificuldade através de relações de vizinhança saudáveis e funcionais. Não obstante, a intervenção sócio ocupacional poderá funcionar como facilitador, uma vez que conseguirá promover o acesso a determinados recursos, tais como saúde, apoio social, emprego ou educação.

Concomitantemente, a inclusão social através da intervenção comunitária sócio ocupacional, apresenta-se como necessária para a redução do estigma e do próprio autoestigma, dado que, é nas atividades ocupacionais que surgem os maiores relatos de associação a um sentimento de pertença, integração com o lugar, identidade e comunidade. Assim sendo, a dimensão da inclusão social é um dos fatores-chave para o empoderamento comunitário (Grabbe, Ball & Goldstein, 2013). A dimensão da inclusão social é revelada através das sensações expressas pelos participantes na atividade e a forma como se sentem perante a sociedade a partir desse momento. O contacto potenciado com outros participantes, escutar as suas dúvidas, desafios e soluções possibilita a participação comunitária, dado que, as conexões sociais criadas, a partilha e o apoio social são imprescindíveis para a satisfação pessoal de qualquer indivíduo. O

sentimento de pertença desenvolve-se de acordo com a inclusão, interação social e afirmação do outro através da manifestação de utilidade para a comunidade.

A dimensão da **qualidade de vida** remete-nos para o principal propósito da intervenção comunitária sócio ocupacional que é, de facto, promover nos participantes a melhoria da sua qualidade de vida através de projetos ou atividades que promovem o bem-estar físico e mental e que se apresentam como pilar psicossocial e emocional para os participantes (Suto, Smith & Channe, 2021). Essencialmente, para que tal ocorra, é necessário que se verifique uma participação significativa, isto é, a participação em atividades que representam retorno para a pessoa e que vão de encontro às suas necessidades e interesses (Connell et al., 2012). Permitir que o participante tenha um papel e presença ativa na orientação, controle e escolha sobre a atividade, poderá funcionar como estratégia impulsionadora para a participação comunitária e para o bem-estar experienciado pelo indivíduo (Connell et al, 2012).

Paralelamente, a aprendizagem dos adultos ou melhor dizendo, **capacitação e empoderamento**, isto é, a utilização da intervenção sócio ocupacional para dotar os indivíduos de ferramentas e recursos que lhes permitam a aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades que potenciem a capacitação profissional, financeira, empreendedora ou vocacional numa ótica de mudança social, pode ser um importante benefício. Aprender fazendo, potencia e aumenta a autoestima e confiança, dos participantes, nas suas habilidades e competências (Suto, Smith & Channe, 2021), bem como possibilita a oportunidade para a pessoa assumir responsabilidades pela atividade que desenvolve.

No decorrer da pesquisa realizada, verificou-se que assegurar um espaço seguro e acolhedor produz efeitos positivos e benéficos para os participantes, relatando sentimentos associados ao bem-estar, confiança e maior envolvimento comunitário. Por sua vez, são as atividades ou projetos positivos que possibilitam reabilitar os espaços e que proporcionam a estes locais as características de “seguro e acolhedor”.

A dimensão do desenvolvimento pessoal é, talvez, das mais importantes da intervenção sócio ocupacional, dado que, poderá facultar aos participantes oportunidades de crescimento e desenvolvimento de novas habilidades ou conhecimentos, descoberta de interesses ou talentos que possibilitem maior integração social, confiança, aumento da autoestima, ferramentas de comunicação e diminuição do autoestigma. As atividades significativas, gratificantes e ajustadas às necessidades e interesses da pessoa são o principal impulsionador do desenvolvimento pessoal e garante da participação comunitária ajustada.

Uma outra importante dimensão é a avaliação participativa, na medida em que a utilização deste género de participação permite medir os benefícios de forma mais precisa e concreta, potenciando a melhoria futura da intervenção. Adotando esta estratégia, os participantes sentem-se mais envolvidos e com maior motivação para participar ativamente na comunidade. A avaliação participativa consiste em utilizar os participantes para avaliar e contribuir para o sucesso da intervenção durante o decorrer da mesma, bem como exigir dos participantes uma atitude dinâmica permitindo-lhes conduzir as atividades e escolher

como as realizar ou o que realizar, contribuindo com as suas opiniões para o desenho da própria intervenção (Sutto, Smith & Channe, 2021).

Por fim, a **coesão comunitária** é apresentada como uma outra dimensão para medir os benefícios da intervenção comunitária sócio ocupacional que impulsiona a participação comunitária da população através da criação de atividades coletivas que apelam ao envolvimento ativo dos residentes de um determinado bairro social. As atividades podem variar podendo envolver grupos de trabalho ou eventos da comunidade, dado que, na realidade o importante é os benefícios que daí advém e que nos remetem para a identificação ao lugar e sentimento de pertença, desenvolvimento de vínculos sociais ou até a própria solidariedade entre vizinhos.

Ao analisar na literatura projetos de intervenção comunitária sócio ocupacional não foram apenas identificados benefícios, contudo, também foram identificadas as barreiras que se impõem e dificultam o decurso da intervenção em causa.

O acesso ao **financiamento** de projetos sociais ou a falta de recursos materiais ou humanos apresentam-se como barreiras muito importantes para que a intervenção comunitária se possa realizar, dado que, impede ou compromete a sua efetiva implementação, podendo limitar a continuidade e o alcance dos projetos comunitários. Por motivos inerentes ao financiamento, recursos materiais ou humanos ou pelo simples desenho do projeto comunitário, por vezes estes apresentam altas taxas de rotatividade quer do próprio projeto quer dos dinamizadores afetos. A rotatividade destes projetos e de quem os dinamizada pode provocar nos participantes a descredibilização, cansaço e frustração para com a intervenção, pelo que rompe desta forma com qualquer possibilidade de estes participarem de forma ativa e de se sentirem envolvidos (Eriksson & Sørensen, 2021). Neste seguimento, dinamizadores exteriores ao bairro social são um fator que poderá influenciar, de forma menos positiva, a participação e envolvimentos dos residentes, dado que, a baixa representatividade de pessoas que de facto pertencem e conhecem o bairro é comum (Eriksson & Sørensen, 2021). A dimensão anteriormente mencionada enquadra-se na dimensão da resistência e desconfiança da intervenção sentida, por vezes, pelos participantes devido a experiências anteriores.

Os baixos níveis de **alfabetização** apresentam-se como uma das principais barreiras à participação comunitária, dado que, por vezes dificultam a participação em determinadas atividades que possam ser de realização mais complexa ou, essencialmente, no que concerne às avaliações e validade dos resultados, visto que, os participantes inquiridos em alguns dos projetos relatam dificuldade para conseguirem realizar e interpretar as questões colocadas pelos investigadores (Spadola et al., 2020).

Uma outra barreira identificada compreende as parcerias com a comunidade, visto que, nem sempre os objetivos, interesses e motivações se encontram ajustados para todos os parceiros e participantes envolvidos (Suto, Smith & Channe, 2021).

Em alguns dos projetos ou programas comunitários são identificadas barreiras de cariz pessoal dos participantes, tais como comprometimentos de ordem física ou mental, doenças ou obrigações familiares (pessoas dependentes a cargo, cuidados familiares, etc) que dificultam e comprometem o envolvimento

e a participação comunitária. Neste sentido, é necessário que os projetos ou atividades da intervenção comunitária possam integrar alternativas, principalmente em relação às obrigações familiares, de forma a flexibilizar e enquadrar a intervenção e potenciar a participação. Não obstante e relacionado com a barreira anterior, prende-se a durabilidade das ações ou o momento em que as atividades se realizam, pois, se a ação a realizar ocorrer próximo de uma hora de refeição ou se a ação for demorada poderá condicionar a participação. Estas barreiras identificadas representam uma dimensão geral que podemos referir como **fatores de carácter estrutural** que podem ser barreiras relacionadas com o próprio ambiente vivenciado no espaço bairro, como por exemplo perigosidade, crime ou violência ou ainda fatores de mudanças habitacionais, descontentamento com o espaço do edificado (erros de obra; demolições, entre outros) ou questões de origem psicossocial, tais como desemprego ou dificuldades económicas (Srivarathan et al., 2020).

A dimensão do estigma social é retratada nos diferentes projetos em análise podendo tratar-se de um **estigma** relacionado ao bairro social ou às próprias atividades ocupacionais, pelo que poderá afetar a participação ou o compromisso do participante para com a atividade ou intervenção sócio ocupacional. Denota-se que o estigma social conduz os moradores à exclusão social e a adotar uma postura de resistência para com os projetos ou atividades sociais. Perante o exposto, as principais barreiras enquadradas nesta dimensão, referem-se à retenção e recrutamento dos homens quer por fatores relacionados com o facto de as comunidades apresentarem maior representatividade feminina ou, pelo facto de determinada atividade ser considerada tipicamente mais feminina do que masculina (por exemplo atividades de relaxamento, desenvolvimento pessoal, entre outras), bem como a reduzida representatividade por parte dos homens nessas atividades e de quem dinamiza. Assim constata-se que, esta é uma barreira para a sua participação quer para os participantes como para os não participantes.

Não obstante, verifica-se que uma outra barreira identificada como estigma social é a diversidade cultural e linguística presente nos bairros sociais e que apresenta como consequência a exclusão social de quem tem uma cultura ou língua diferente dos demais, bem como a associação a determinadas etnias ou culturas de comportamentos mais violentos e menos disponíveis para se integrarem na comunidade. De acordo com os projetos estudados, constatou-se que as populações com características semelhantes entre si apresentam maior propensão para a realização de atividades (Srivarathan et al., 2020).

Há ainda o estigma territorial, isto é, o estigma associado ao espaço habitacional que é muitas vezes impulsionado pela associação a comportamentos desviantes e marginalizados e, por outro lado decorrente da própria intervenção comunitária que, por vezes, transmite a imagem de que aquele espaço concreto é um local de maior carência e, portanto, necessita de uma atenção personalizada.

No estudo realizado por Spadola et al. (2020) direcionado a comunidades desfavorecidas que residem em complexos habitacionais acessíveis com problemas do foro psíquico, os autores identificaram como dimensões para que a mudança de comportamento ocorra na intervenção comunitária três condições essenciais, tais como a capacidade, a oportunidade e a motivação. A capacidade respeitando ao físico e emocional do indivíduo, isto é, o conhecimento que detém sobre aquela atividade; a oportunidade,

relativo ao físico e social, no sentido de possuir os instrumentos ou ferramentas necessárias à implementação da atividade ou o próprio acesso à atividade e por fim, a motivação, que diz respeito à reação automática e reflexiva, como resultado dos dois anteriores que determinam a vontade da pessoa em realizar determinada atividade. Neste estudo os autores utilizaram a Roda de Mudança do Comportamento (BCM) que permite mapear a intervenção, no sentido de identificação das mudanças de comportamento que devem ocorrer, falhas/erros, barreiras e áreas de investimento para que uma futura intervenção possa surtir o efeito pretendido e os objetivos estipulados sejam cumpridos. Ao analisar sob a perspectiva do modelo de comportamento elencado anteriormente, verifica-se que as intervenções são direcionadas e avaliadas mediante uma análise teórico-comportamental no seu contexto através da aplicação de um diagnóstico comportamental denominado COM-B e o BCM para identificar funções e categorias políticas da intervenção. Assim, é importante mapear as necessidades de intervenção às quais serão associadas estratégias/técnicas de mudança de comportamento mais ajustadas aos alvos de modificação identificados (Spadola et al. 2020).

2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

2.1. TIPO DE ESTUDO

A par da revisão da literatura realizada para conhecer e compreender alguns dos conceitos cruciais ao tema em estudo, o trabalho em epígrafe debruça-se sobre um estudo de caso aplicado em dois bairros sociais, utilizando ferramentas qualitativas e quantitativas para recolher os dados. Desta forma, procurou-se analisar, na perspetiva dos habitantes, a intervenção psicossocial e sócio ocupacional disponível. Em ambos os bairros habitacionais identificam-se projetos/gabinetes de intervenção, cujo objetivo é dinamizar e criar pontos de ligação entre o bairro e a comunidade geral numa ótica de aceitação interna e externa.

O estudo realizado utiliza parâmetros da estatística descritiva e da estatística inferencial. A recolha dos dados decorreu durante o mês de setembro de 2023.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa de informação disponível sobre o tema em apreço, nomeadamente, outros projetos sociais de intervenção sócio ocupacional em bairros sociais, tendo como intuito identificar os benefícios e as barreiras desta intervenção, assim como possibilitar a verificação da relação entre as diferentes variáveis analisadas. Neste sentido, o inquérito por questionário foi elaborado através da adaptação e corroboração da informação disponível procurando refutar as hipóteses identificadas.

O inquérito por questionário, realizado no Google Forms, foi aplicado individualmente sob orientação do investigador, tendo em conta tratar-se de um público vulnerável e, por essa forma, não se previa que estes efetuassem qualquer resposta sozinhos.

Ainda sobre este instrumento de recolha de dados, este foi submetido à análise e avaliação do Gabinete de Ética da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, do Politécnico do Porto, tendo em conta que poderia traduzir-se em implicações éticas do direto à proteção de dados, confidencialidade, autodeterminação e intimidade do público-alvo. Contudo, perante a estruturação do inquérito por questionário e, tendo em conta que não detinha questões de resposta obrigatória ou informação que ofendesse os princípios éticos e morais dos inquiridos, foi atribuída a aprovação por parte do mesmo.

No que concerne ao entendimento das questões, introduzimos uma questão onde a investigadora classificava o grau de entendimento do mesmo. Durante a sua aplicação, foi perceptível a dificuldade de alguns inquiridos em responder às questões colocadas, contudo, na sua maioria os inquiridos entenderam perfeitamente as questões dirigidas. No entanto, em algumas das questões a percentagem de não entendeu e, principalmente, de não sabe se entendeu são consideráveis.

Após a recolha dos dados, realizou-se o devido tratamento/análise das distintas variáveis avaliadas e apresentadas neste trabalho.

A amostra selecionada compreendia habitantes de dois bairros sociais, isto é, de Fafe e de Guimarães, num total de 43 participantes e 47 não participantes das atividades sócio ocupacionais desenvolvidas pelas equipas de intervenção.

2.3. MÉTODOS E OBJETIVOS

Tendo em conta a natureza de investigação, poder-se-á dizer que a opção pelo estudo de caso teve como objetivo concretizar um estudo comparativo sobre 2 bairros sociais com intervenção sócio ocupacional direcionada à população adulta, possibilitando identificar os pontos comuns e distintos da intervenção, tal como o comportamento dos participantes e não participantes em atividades desenvolvidas por cada uma das instituições. Concomitantemente, a utilização das mesmas permite conhecer o impacto das intervenções em duas realidades paralelas, o que impulsiona a melhoria contínua através do reconhecimento dos benefícios e obstáculos que poderão, ou não, ser iguais e assim influenciar a atuação das equipas de intervenção.

A opção pela metodologia qualitativa torna-se fundamental quando partimos da premissa de compreender, em todos os seus aspetos, as perceções e sentimentos vivenciados pela pessoa em contexto de bairro e/ou das pessoas que lhes são próximas, sob o ponto de vista da produção de conhecimento empírico (Amaro, 2005). Perante isto, avaliar o impacto da intervenção realizada, podendo observar e conhecer os efeitos alcançados, bem como comprovar a sua correlação entre a intervenção ajustada e em função dos interesses do indivíduo para a melhoria das relações sociais, coesão social, participação comunitária e mudança da dinâmica de Bairro, contribui para a construção de uma identidade social positiva, diminuição do estigma e autoestigma.

Em relação à metodologia quantitativa, esta assemelha-se pela pretensão de contribuir para um aumento do conhecimento, permitindo a medição com recurso a variáveis suscetíveis de se analisar os pontos comuns e díspares entre os resultados da investigação e o conhecimento epistemológico (Coutinho, 2011). Esta metodologia contribui para a descrição e compreensão do fenómeno estudado segundo as suas características e atributos (Babbie, 2003).

Os questionários e as entrevistas são duas ferramentas de recolha de dados distintas que recolhem informação complementar para o estudo de caso, tal como referido na **tabela nº2 – A Metodologia e os objetivos**.

Tabela 2 - A metodologia e os objetivos (OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS)

Questionário	Entrevista
Conhecer e avaliar a perceção dos moradores em relação ao espaço bairro, a sua identidade social e cultural; Conhecer e compreender a influência do processo de integração e o nível de participação nas dinâmicas do bairro.	Conhecer as vantagens, o impacto, os benefícios e barreiras de uma intervenção comunitária sócio ocupacional para a coesão social do próprio bairro através da perspectiva dos moradores e para a melhoria da intervenção comunitária sócio ocupacional na prática.

Fonte: Elaboração Própria

Esta metodologia cruza-se com os objetivos estabelecidos, uma vez que, possibilitará uma abordagem detalhada dos objetivos que se pretendem atingir, visto que, os questionários de resposta fechada nos darão informação sobre a forma como as pessoas se sentem consigo mesmas e perante o bairro social. Além disso, as entrevistas semiestruturadas permitem uma resposta mais flexível e exploratória para a avaliação do impacto da intervenção. **Na tabela 3 – Formulação do Inquérito por Questionário** correspondendo aos objetivos definidos, dimensões (benefícios e barreiras) e literatura consultada podemos analisar com mais detalhe os objetivos definidos e quais as dimensões que poderão ser significativas.

Tabela 3 - Formulação do Inquérito por Questionário correspondendo aos objetivos definidos, dimensões (benefícios e barreiras) e literatura consultada

Objetivos	Dimensões	Autores
<p>1. Conhecer e avaliar a perceção dos moradores em relação ao espaço bairro, a sua identidade social e cultural.</p> <p>2. Compreender a influência do processo de integração e o nível de participação nas dinâmicas do bairro.</p> <p>3. Identificar as vantagens, o impacto, os benefícios e barreiras de uma intervenção comunitária sócio ocupacional para a coesão social do próprio bairro através da perspetiva dos moradores e para a melhoria da intervenção comunitária sócio ocupacional na prática.</p>	<p>Inclusão social</p> <p>Como se sente no bairro e na comunidade em que vive? Considera-se integrado? Se sim, o que o leva a considerar-se integrado? Se não, que fatores identifica para que não se sinta integrado?</p> <p>Quais foram os motivos que o levaram a participar das ações ou atividades comunitárias?</p> <p>Quais são as atividades ou ações em que costuma participar e porquê?</p> <p>As ações decorrem em grupo ou individualmente?</p> <p>De que forma é que as atividades em grupo influenciam a integração da população?</p> <p>Existe neste grupo pessoas de diferentes nacionalidades, etnias ou raças?</p> <p>A diversidade cultural é um entrave à participação?</p> <p>Quais são as principais diferenças da participação num grupo culturalmente diverso?</p> <p>Que opções/hipóteses podemos utilizar para facilitar a participação dos homens? O que influencia a sua participação? (participantes e não participantes)</p> <p>Que sentimentos experimentou ao sentir-se parte da comunidade?</p> <p>Quais foram os motivos que impedem a sua participação nas ações ou atividades comunitárias?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (Fieldhouse, 2003); • (Srivarathan et al., 2020); • (Wilson, 2013); • (Spadola et al., 2020).
<p>Objetivos</p>	<p>Qualidade de Vida</p>	<p>Autores</p>

2. Compreender a influência do processo de integração e o nível de participação nas dinâmicas do bairro.

3. Identificar as vantagens, o impacto, os benefícios e barreiras de uma intervenção comunitária sócio ocupacional para a coesão social do próprio bairro através da perspectiva dos moradores e para a melhoria da intervenção comunitária sócio ocupacional na prática.

Objetivos

2. Compreender a Influência do processo de integração e o nível de participação nas dinâmicas do bairro.

3. Identificar as vantagens, o impacto, os benefícios e barreiras de uma intervenção comunitária sócio ocupacional para a coesão

Como define qualidade de vida e bem-estar?

Ao participar das ações ou atividades comunitárias que sentimentos experienciou?

Como podemos motivar à participação? O que poderá impulsionar essa participação?

Considera importante, para que os moradores queiram continuar a realizar as atividades, o seu envolvimento participativo? Isto é terem um papel ativo na escolha das atividades ou ações, bem como na sua concretização ou sugestões?

Desenvolvimento de competências e empoderamento

De que forma a participação em ações ou atividades da comunidade contribuíram para o seu desenvolvimento como pessoa? Indique pelo menos uma habilidade, talento ou conhecimento que identifica após a sua participação.

Como avalia no seu dia-a-dia a importância das competências desenvolvidas?

De que forma é que participar em atividades ou programas comunitários contribuí para o sentimento de bem-estar e de identidade pessoal?

- (Sutto, Smith & Channe, 2021);
- (Fieldhouse, 2003);
- (Spadola et al., 2020).

Autores

- (Sutto, Smith & Channe, 2021);
- (Srivarathan et al., 2020).

3. Identificar as vantagens, o impacto, os benefícios e barreiras de uma intervenção comunitária sócio ocupacional para a coesão social do próprio bairro através da perspectiva dos moradores e para a melhoria da intervenção comunitária sócio ocupacional na prática.

Objetivos

2. Compreender a Influência do processo de integração e o nível de participação nas dinâmicas do bairro.

3. Identificar as vantagens, o impacto, os benefícios e barreiras de uma intervenção comunitária sócio ocupacional para a coesão social do próprio bairro através da perspectiva dos moradores e para a melhoria da intervenção

<p>Financiamento e rotatividade dos projetos de intervenção comunitária</p> <p>Sabendo que estes projetos ou atividades apresentam prazos de execução e quem os dinamiza encontra-se numa situação contratual pouco estável, de que forma estas situações influenciam a motivação da população para participar nos programas?</p> <p>A existência de facilitadores da comunidade local pode motivar e impulsionar à participação? Se sim de que forma e porquê?</p> <p>Quais são os principais motivos que implicam uma postura de resistência e de desistência de um programa?</p> <p>Dos motivos identificados e que se apresentam como barreiras à participação, que medidas poderiam possibilitar a participação?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (Eriksson & Sørensen, 2021); • (Srivarathan et al., 2020); • (Spadola et al., 2020); • (Sutto, Smith & Channe, 2021).
<p>Baixo nível de alfabetização</p> <p>Qual é o seu nível de escolaridade?</p> <p>Sente que alguma vez deixou de participar de uma atividade ou ação por causa do seu nível de escolaridade?</p> <p>Alguma vez sentiu maior dificuldade em participar de uma ação ou atividade devido a possuir baixos estudos?</p>	<p>Autores</p> <ul style="list-style-type: none"> • (Spadola et al., 2020); • (Sutto, Smith & Channe, 2021).

comunitária sócio ocupacional na prática.

Objetivos

1. Conhecer e avaliar a percepção dos moradores em relação ao espaço bairro, a sua identidade social e cultural.

3. Identificar as vantagens, o impacto, os benefícios e barreiras de uma intervenção comunitária sócio ocupacional para a coesão social do próprio bairro através da perspectiva dos moradores e para a melhoria da intervenção comunitária sócio ocupacional na prática.

Objetivos

1. Conhecer e avaliar a percepção dos moradores em relação ao espaço bairro, a sua identidade social e cultural.

3. Identificar as vantagens, o impacto, os benefícios e barreiras

	Estigma Social	Autores
	<p>No seio da comunidade em que vive sente que não se encontra integrado e que existe a presença de estigma principalmente para com o bairro social em que habita? Se sim, de que forma?</p> <p>De que forma o estigma da sociedade compromete o seu dia-a-dia?</p> <p>Que atividades ou ações já deixou de realizar por não se sentir integrado?</p> <p>O ambiente do local onde vive compromete o seu envolvimento comunitário?</p> <p>Porque é que os homens participam menos nas atividades ou ações que decorrem no bairro?</p> <p>Atividades consideradas mais femininas ou maior representatividade feminina conduz ao estigma social para com os homens?</p> <p>A questão cultural ou linguística dificulta a sua participação?</p> <p>Sente que já foi excluído (dentro do próprio espaço habitacional) por ter uma característica que o diferencia das outras pessoas?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (Srivarathan et al., 2020); • (Fildhouse, 2003); • (Wilson, 2013); • (Spadola et al., 2020).
	Caráter estrutural	Autores
	<p>O próprio espaço habitacional e o seu ambiente influenciam a sua motivação e a oportunidade de participar?</p> <p>O comprometimento com as ações, ou seja, a duração ou o seu horário pode ser um fator que condiciona a sua participação?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (Srivarathan et al., 2020); • (Sutto, Smith & Channe, 2021); • (Spadola et al., 2020).

de uma intervenção comunitária sócio ocupacional para a coesão social do próprio bairro através da perspectiva dos moradores e para a melhoria da intervenção comunitária sócio ocupacional na prática.

Sente que a existência de uma situação que possa não se encontrar como pretendido na sua área habitacional, influencia a sua motivação e capacidade para integrar a comunidade?

Fonte: Elaboração Própria

2.4. PARTICIPANTES E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

De forma a efetuar uma recolha de dados de acordo com a amostra pretendida, foram definidos os critérios de inclusão, tais como:

- Habitantes dos bairros sociais da Cumieira Fafe e da CASFIG Guimarães;
- Serem participantes ou não participantes das atividades do bairro;
- Encontrarem-se na faixa etária dos 20 aos 100 anos de idade;
- Estarem disponíveis para responder às questões colocadas, compreendendo que é salvaguardada a sua confidencialidade e anonimato;
- No caso dos participantes, participarem de forma ativa em mais do que uma atividade desenvolvida no bairro;
- Público-alvo sugerido pelas equipas de intervenção.

2.5. RECOLHA DE DADOS

2.5.1. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

A recolha de dados iniciou-se com a aplicação de um inquérito por questionário individual destinado a participantes e não participantes dos empreendimentos sociais selecionados, sendo devidamente explicado o intuito das questões realizadas e salvaguardando a sua confidencialidade e anonimato das respostas.

O inquérito por questionário continha questões formuladas a partir da literatura e de acordo com as dimensões: benefícios e barreiras identificadas. Tal como já elencado, foi utilizado o Google Forms como plataforma de resposta ao inquérito, facilitando, posteriormente, o tratamento dos dados, dado que armazena e permite analisar de forma breve e sucinta os dados recolhidos. A aplicação do inquérito por questionário decorreu em tempo distinto para os inquiridos, estabelecendo-se numa média de 10 a 30 minutos.

Inicialmente foram solicitados os dados sociodemográficos das pessoas inquiridas, tais como: idade, género, habilitações literárias, nacionalidade, situação profissional e bairro social.

Na fase seguinte os inquiridos eram abordados sobre questões relacionadas com as dimensões direcionadas aos benefícios e numa outra fase de questões direcionadas para as barreiras sempre com foco nos objetivos correspondentes. Do inquérito constavam questões de resposta aberta e fechada (maioritariamente), sendo as de resposta aberta sem carácter obrigatório de resposta.

Para ambas as fases relacionadas às dimensões e em ambos os questionários, os inquiridos foram questionados sobre a sua inclusão no bairro social e na comunidade em que vivem, a importância ou não da realização das seguintes atividades para o bairro e a atribuição de sentimentos positivos, de acolhimento e segurança, bem como os sentimentos associados ao bairro e em relação à presença de outras pessoas de diferentes línguas, etnias ou culturas. Não obstante, sobre a influência do ambiente do

bairro para a sua motivação e oportunidade de participar e os motivos pelos quais as pessoas participam pouco nas atividades, em especial os homens. Apenas diferem nas questões relacionadas com as atividades concretas, dado que nos participantes pretende-se saber em que atividades participam e que sentimentos advém dessa participação e, no caso dos não participantes o porquê de não participarem e que fatores os condicionam.

Neste sentido os inquéritos por questionário pretendem comprovar as dimensões dos benefícios relacionadas:

- à inclusão social;
- à qualidade de vida;
- ao desenvolvimento de competências;
- empoderamento e coesão comunitária.

Em relação às dimensões das barreiras pretende apurar no que concerne:

- ao financiamento e rotatividade dos projetos de intervenção;
- ao baixo nível de alfabetização;
- ao estigma social;
- ao carácter estrutural.

As seguintes questões foram respondidas numa escala de *Likert* de 5 pontos, designados da seguinte forma: (1) “Concordo totalmente”; (2) “Concordo”; (3) “Não concordo nem discordo”; (4) “Discordo” ou (5) “Discordo totalmente”. Em ambos os questionários, foi utilizada a referida escala de Likert.

Importa referir que nos 2 questionários, foi aplicada uma questão destinada ao nível de entendimento das questões a responder pelo investigador perante a avaliação realizada na aplicação dos inquéritos por questionário.

2.5.2. ENTREVISTA

As entrevistas são um método de recolha de dados que permite ao investigador recolher um elevado número de informação detalhada, concreta e matizada da perspetiva/vivências do público-alvo sujeito à problemática em análise. Não obstante, caracteriza-se pelo contacto direto e de proximidade entre o investigador e a pessoa entrevistada, procurando testar as hipóteses identificadas no trabalho. Permite, igualmente, a realização de uma observação participante, na medida em que o investigador apreende na primeira pessoa os comportamentos, as expressões, atitudes e opiniões do entrevistado, potenciando uma recolha de dados autêntica e espontânea, fazendo-se valer da recolha documental realizada (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Após a identificação das dimensões relativas aos benefícios e às barreiras, conforme realizado para o inquérito por questionário, foi aplicada uma entrevista semiestruturada, com objetivo de complementar os dados recolhidos com o inquérito por questionário e melhor compreender as sensações, posição e experiência quer dos participantes quer dos não participantes das atividades sócio ocupacionais nos 2 bairros sociais em estudo. Neste sentido foram aplicadas 2 entrevistas semiestruturadas a 2 participantes e 2 não participantes do bairro da cumieira e 2 participantes e 2 não participantes identificados pela CASFIG num total de 8 entrevistas.

As entrevistas possibilitaram, aos entrevistados, desenvolverem de forma mais detalhada as suas respostas, bem como colocar outras questões que foram complementando o pensamento da pessoa entrevistada. As entrevistas decorreram no período máximo de 1h, de forma individual e recorrendo a investigadora ao registo escrito das respostas dos entrevistados. Numa fase posterior, o conteúdo das entrevistas foi transcrito para o presente trabalho, registando-se as declarações originais.

O guião das entrevistas aplicadas aos participantes era composto por 10 questões e o dos não participantes era composto por 4 questões, tendo por objetivo compreender o impacto das atividades sócio ocupacionais para quem participa e os motivos ou barreiras à participação para quem não participa. As entrevistas cumpriram o propósito de complementar a informação recolhida com os inquéritos por questionário, justificando-se a aplicação de 8 entrevistas pela saturação da informação recolhida.

3. ESTUDOS DE CASO

3.1. GABINETE DE APOIO AO BAIRRO

O **Gabinete de Apoio ao Bairro (GAB)** é um gabinete pertencente ao Município de Fafe localizado no bairro da Cumieira. O GAB surge da necessidade de intervenção biopsicossocial num bairro habitacional que remonta ao ano de 1978 e que durante três décadas encontrava-se sob a gestão do IGAPHE, herdando o Município um património degradado e com vários desequilíbrios ao nível litigioso, sem a presença de intervenções concretas e duradoras ao nível comunitário. O bairro da Cumieira é composto por 30 Blocos de 4 pisos, onde residem atualmente 195 agregados familiares. No bairro residem famílias de origem caucasiana, cigana, cabo-verdiana e da República Centro Africana. Entre janeiro e março de 2023, o bairro da Cumieira deparou-se com a entrada de novos residentes através de concurso público realizado pelo Município para a habitação social que, desta forma impulsionaram o crescimento populacional do bairro e o reforço dos esforços por parte da equipa técnica do GAB para uma integração ajustada de todos os moradores externos. Neste concurso, foram selecionadas 91 novas famílias que residem atualmente neste bairro social.

O bairro da Cumieira recebeu intervenção ao nível do edificado em 2018 num investimento global de 9.481.298, 78€ com o principal objetivo de melhoria do edificado e eficiência energética. Neste bairro, além do GAB, intervém um projeto pertencente ao Programa Escolhas, de âmbito nacional e presença em diferentes bairros sociais, denominado Projeto EI, que atua no bairro da Cumieira há pelo menos 8 anos,

contando com várias gerações de projeto e é fundamental para as famílias e todas as crianças e jovens que são o público-alvo da sua intervenção. Para melhor compreender segue a **tabela nº 4 - Descrição Gabinete de Apoio ao Bairro**.

Tabela 4 - Descrição Gabinete de Apoio ao Bairro

Cenário de estudo	GABINETE DE APOIO AO BAIRRO Objetivos/Funções	Atividades Ocupacionais
<p>O GAB inicia funções a 27 de maio de 2022, sucedendo o Projeto Trilhos Interculturais, cujo foco da atuação era, exclusivamente, a população da comunidade cigana.</p> <p>O GAB é composto por uma equipa de quatro elementos com duas Assistentes Sociais, uma Socióloga e uma Psicóloga, além de uma vasta equipa de profissionais da área social da Divisão de Ação Social do Município de Fafe, ao qual pertence este Gabinete que funciona como uma extensão deste serviço municipal. Neste sentido, o GAB consiste numa “equipa que presta um acompanhamento direto às famílias na superação das suas dificuldades e promove um conjunto de ações para a conservação do edificado, na promoção de competências e capacitação, de forma a contribuir para a manutenção do Bairro, objetivando a inclusão, a autonomização e coresponsabilização dos seus habitantes. O GAB integra os laboratórios experimentais de inovação para a inclusão ativa.” (Gabinete de Apoio ao Bairro, 2022).</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Atendimento Social (Programas Municipais de Apoio); ○ Apoio direto às habitações/agregados familiares; ○ Mediação escolar/familiar/comunidade; ○ Criação de respostas ocupacionais promotoras de bem-estar biopsicossocial; ○ Laboratórios experimentais: laboratório cívico; laboratório Casa Modelo; laboratórios de experimentação e socialização e sustentabilidade ecológica. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Reiki; ○ Dias Comemorativos; ○ Caminhadas; ○ Rastreios; ○ Cinema; ○ Peddy Paper’s; ○ Visitas Culturais e Temáticas; ○ Aulas de Ginástica e de lazer; ○ Laboratórios Experimentais para a Inclusão Ativa; ○ Sessões de Sensibilização; Inclusão nas atividades mensais promovidas pelo Município.

Fonte: Elaboração Própria

3.2. COORDENAÇÃO DE ÂMBITO SOCIAL E FINANCEIRO DAS HABITAÇÕES DO MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

A CASFIG – Coordenação de Âmbito Social e Financeiro das Habitações do Município de Guimarães, EM, Unipessoal, Lda., consiste numa empresa de natureza municipal, ao abrigo do artigo nº 19 da Lei 50/2012, de 30 de agosto.

A CASFIG realiza a gestão de 493 habitações sociais, bem como, 5 salas de condomínio e 1 edifício sede. As habitações referidas distribuem-se por 9 empreendimentos sociais, além de 2 bairros sociais antigos e um composto de habitações dispersas. Para melhor compreender segue a **tabela nº 5 - Descrição Coordenação de Âmbito Social e Financeiro das Habitações do Município de Guimarães**.

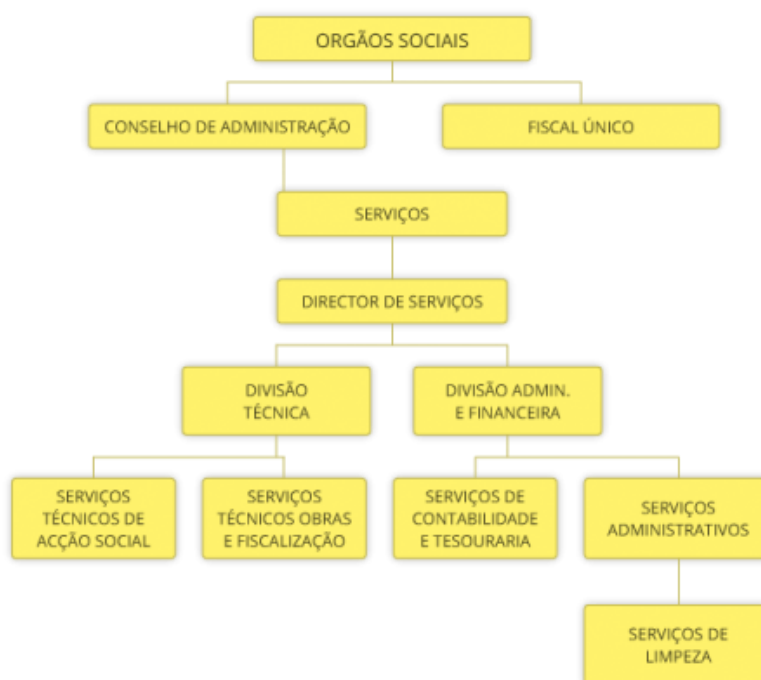
Tabela 5 - Descrição Coordenação de Âmbito Social e Financeiro das Habitações do Município de Guimarães

COORDENAÇÃO DE ÂMBITO SOCIAL E FINANCEIRO DAS HABITAÇÕES DO MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

Cenário de estudo	Objetivos/Funções	Atividades Ocupacionais
<p>A CASFIG foi fundada em 1999, dispondo de 17 trabalhadores, dos quais constam: 1 Chefe de Divisão Técnica; 2 Assistentes Sociais; 3 Psicólogos; 1 Engenheiro Civil; 1 Contabilista; 1 Técnico Superior de Educação, 3 Assistentes Técnicos e 3 Assistentes Operacionais (Serviços de Obras, Limpeza e Jardinagem).</p> <p>A participação social detida da CASFIG é de 100% pelo Município de Guimarães.</p> <p>A CASFIG “tem como objeto principal a promoção e gestão do património imobiliário municipal, em especial e primordialmente as habitações sociais do Município de Guimarães. Neste âmbito, para além de assegurar a manutenção e a conservação das habitações de interesse social, desenvolve um conjunto de projetos e ações de âmbito social com objetivo de promover a qualidade de vida das famílias que nelas residem.” (CASFIG, 2023).</p> <p>Concomitantemente, com as delegações de competências a CASFIG acumula “responsabilidades no domínio das carências habitacionais do concelho de Guimarães, bem como na implementação, tramitação e gestão de medidas de apoio à habitação” (CASFIG, 2023).</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Manutenção e conservação das habitações de cariz social; ○ Criação de respostas ocupacionais promotoras de bem-estar e qualidade de vida biopsicossocial; ○ Atribuição de habitação social, realojamentos e residências partilhadas; ○ Avaliação da atribuição do subsídio Municipal de Arrendamento a agregados familiares carenciados, de forma a colmatar as necessidades habitacionais que não é possível solucionar através da habitação social; ○ Apoio técnica na submissão de candidaturas ao programa Porta 65; ○ Limpeza e manutenção das áreas ajardinadas dos empreendimentos sociais. <p>Fonte: CASFIG, 2023</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ As atividades promovidas pela CASFIG surgem da candidatura a programas públicos que visam apoiar projetos que têm como principal objetivo a melhoria das condições de bem-estar, saúde, qualidade de vida em locais fragilizados. Assim surge o Projeto 7 Bairros Capitais_7 Bairros Culturais a decorrer nos empreendimentos de Azurém, Monte S. Pedro, Creixomil, Coradeiras, Bairro Municipal de Urgezes e Mesão Frio. Este projeto promove atividades nos domínios da pintura, cinema, música, escultura, dança, literatura; ○ Projeto de Teatro que conduziu à materialização de um filme com a participação dos residentes dos empreendimentos de Mataduchos, Fermentões e Guimarães; ○ Tal como no bairro da cumieira, também em Guimarães, a CASFIG desenvolve a sua atuação em parceria com instituições/associações, tal como a Sol do Ave que é a responsável como entidade gestora pela dinamização dos projetos que decorrem nos bairros; ○ Programa Escolhas – Iniciativas/Intervenção com crianças e jovens; ○ Kit experiências de Verão, promovendo experiências de lazer e divertimento de forma gratuita a crianças dos 6 aos 14 anos dos empreendimentos sociais (visitas a museus; ida às piscinas ou passeios de teleférico são algumas das atividades promovidas – 6 experiências)

Fonte: Elaboração Própria

Ilustração 3 - Organograma



Fonte: Elaboração Própria

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1. ANÁLISE QUANTITATIVA

4.1.1. ANÁLISE SOCIODEMOGRÁFICA

A análise quantitativa foi realizada com recurso ao programa estatístico IBM SPSS Statistics, na qual se analisaram duas bases de dados. No que concerne à base de dados denominada por **respostas_comuns**¹, identificam-se 41 variáveis e, 56 variáveis para a base de dados **respostas_diferentes**², o que perfaz uma amostra de 90 participantes.

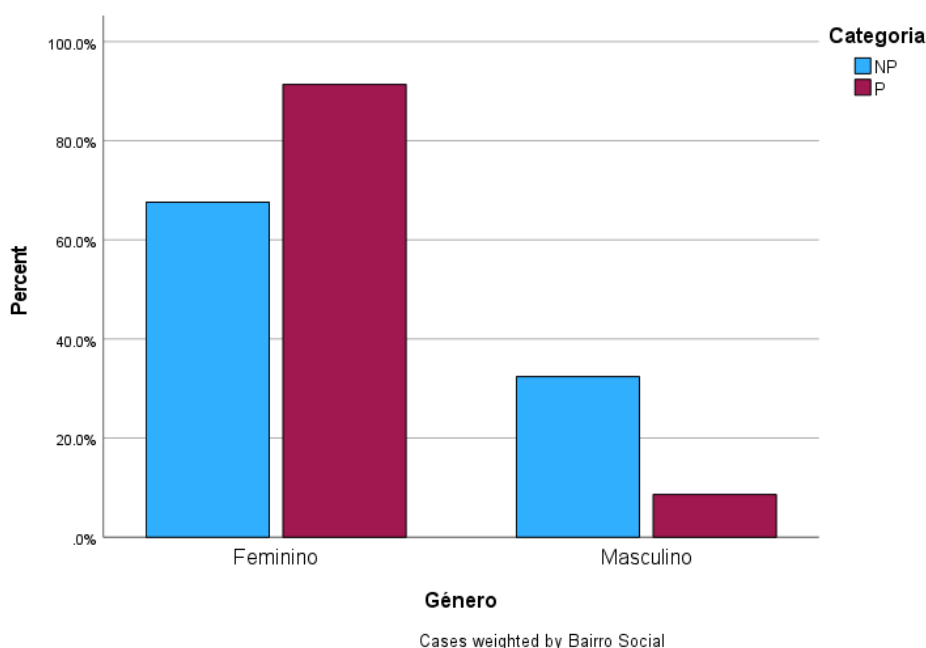
Assim, de forma a caracterizar a amostra, iniciamos por uma análise estatística descritiva.

Perante isto, o perfil dos inquiridos, no que concerne ao seu género, mostra-se dominante para o género feminino (com uma representação de 71 inquiridos), em detrimento do género masculino (com 19 inquiridos).

¹ Respostas comuns dos questionários dos participantes e dos não participantes

² Respostas diferentes dos questionários dos participantes e dos não participantes

Gráfico 2 - População inquirida por género



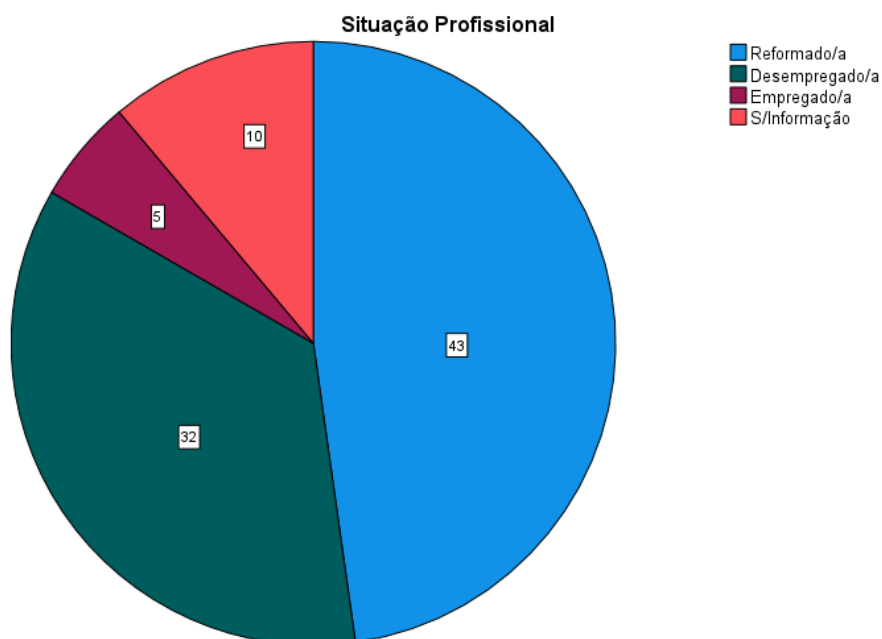
Fonte: Elaboração Própria

Concomitantemente, podemos verificar no gráfico 2 de que a faixa etária com maior número de respostas centra-se nas pessoas com idades compreendidas entre os 40 e os 60 anos de idade (42,2%), seguindo-se de pessoas com idades entre os 60 e aos 80 anos de idade (36,7%), 15 inquiridos (16,7%) dos 20 anos aos 40 anos de idade e apenas 4 (4,4%) dos 80 anos aos 100 anos de idade.

Conforme é possível observar na tabela nº 11 presente no Anexo I, para o intervalo de idades dos 20 anos aos 40 anos, participaram no estudo 13 pessoas do género feminino e 2 do género masculino. Ainda sobre a mesma análise, dos 40 aos 60 anos de idade regista-se 27 pessoas do género feminino e 11 do género masculino, dos 60 aos 80 anos de idade um total de 28 pessoas do género feminino e 5 pessoas do género masculino e, por fim, dos 80 aos 100 anos de idade 3 pessoas do género feminino e 1 do género masculino. A habilitação literária dos inquiridos denota maior predominância para o 1º ciclo com 46 participantes do estudo (51,1%), seguindo-se o 3º ciclo com 16 inquiridos (17,8%), 15 inquiridos com o 2º ciclo (16,7%), 9 inquiridos com o ensino secundário/profissional (10,0%) e 4 inquiridos sem escolaridade (4,4%).

Relativamente à situação profissional, 43 pessoas são reformadas (47,8%), 32 pessoas desempregadas (35,6%) e 5 pessoas empregadas (5,6%). Importa salvaguardar a impossibilidade de recolha de dados da situação profissional de 10 pessoas (11,1%).

Gráfico 3 - População inquirida por situação profissional



Fonte: Elaboração Própria

Relativamente ao local sobre qual os inquiridos participaram na investigação, é possível verificar que 51 inquiridos são do bairro da Cumieira em Fafe (56.7%) e 39 dos bairros sociais da CASFIG em Guimarães (43.3%). Destes, 47 inquiridos são não participantes (52,2%) e 43 participantes (47.8%) nas atividades sócio ocupacionais que decorrem nestes bairros sociais.

Para a questão "**Considero-me integrado/a na comunidade onde vivo?**", a média é de 4.13.

Perante o exposto, verifica-se que apenas 5 inquiridos (5,6%) não se consideram integrados na comunidade onde vivem, 7 destes não demonstram opinião sobre a sua integração (7,8%), 49 pessoas (54,4%) sentem-se integradas e, por fim, 29 pessoas (32,2%) sentem-se totalmente integradas na comunidade onde vivem.

4.1.2. ANÁLISE DA ASSOCIAÇÃO ENTRE PERCEÇÕES E PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES

Para entender se a perceção dos inquiridos, relativamente às questões que foram realizadas em comum para os participantes das atividades e para os não participantes, está relacionada com a referida participação, recorreu-se ao teste de Qui-quadrado de independência.

Esta ferramenta estatística testa a hipótese nula (H0) de que a resposta à questão é independente da participação ou não na atividade. Na prática estamos a testar se a perceção do indivíduo relativamente à questão está associada à participação em atividades, ou vice-versa. Se o valor de prova for inferior a 5% (0,05) rejeita-se a H0 com 95% de confiança, o que significa que existe associação estatisticamente significativa entre a perceção e a participação em atividades. Para quantificar a associação existente

calculou-se a estatística de V de Cramer. Assim, a **tabela nº 6** que se segue é respeitante às questões idênticas para ambos os inquiridos.

Tabela 6 - Teste de Independência do Qui Quadrado

Questões Comuns	V de Cramer	Valor de prova (sig.)
Faixa etária	0,436	<0,001
Género	0,287	0,001
Habilitações Literárias	0,248	0,095
Bairro Social	0,162	0,066
Situação Profissional	0,355	<0,001
1.1. Considero-me integrado/a na comunidade onde vivo?	0,323	0,004
1.4. A presença de pessoas de diferentes culturas/etnias e/ou línguas é um entrave à participação?	0,294	0,025
4.1. A realização de atividades ou ações que permitem a participação e a integração de toda a população atribuí ao bairro sensações positivas, de acolhimento e segurança?	0,289	0,013
4.2. Considera que a informação divulgada sobre as atividades ou ações é ajustada ou tem acesso à mesma?	0,394	<0,001
Selecione três obstáculos que influenciam a participação comunitária: Relações conflituosas com outras pessoas	0,035	0,69
Falta de interesse pelas atividades/ações realizadas	0,215	0,015
Reduzida identificação com o grupo	0,023	0,796
Ver o espaço bairro como um espaço perigoso e violento	0,049	0,579
Alteração frequente dos técnicos que se encontram nos projetos	0,086	0,329
Sentir que não é capaz de participar (poucos estudos)	0,071	0,418
Inexistência de uma pessoa da comunidade do bairro que facilite a comunicação entre a população e os técnicos	0,066	0,456
Mudança dos projetos de intervenção com frequência	0,152	0,085

6.1. Verifica a presença de um “olhar diferente” por parte da comunidade para com o bairro?	0,23	0,149
6.3. O ambiente do local onde vive compromete o seu envolvimento comunitário?	0,388	<0,001
6.5. Atividades consideradas mais femininas ou com maior presença feminina coloca os homens que participam numa posição frágil na comunidade?	0,22	0,185
6.7. Sente que já foi excluído (dentro do próprio bairro) por ter uma característica que o diferencia das outras pessoas?	0,281	0,038
7.1. O próprio bairro e o seu ambiente influenciam a sua motivação e a oportunidade de participar?	0,385	<0,001
7.2. O comprometimento com as ações, ou seja, a duração ou o seu horário pode ser um fator que condiciona a sua participação?	0,437	<0,001
7.3. Sente que a existência de uma situação que possa não se encontrar como pretendido na sua área habitacional influencia a sua motivação e capacidade para integrar a comunidade?	0,276	0,041

Fonte: Elaboração Própria

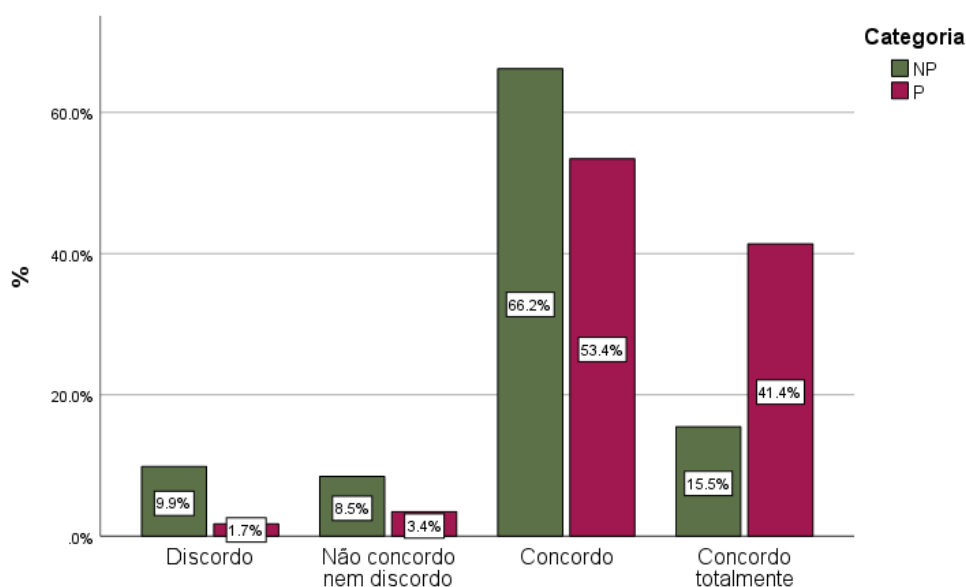
Assim, ser-nos-á possível verificar que, na sua maioria, os itens mostram-nos uma associação estatisticamente significativa moderada, entre as respostas/perceções e a participação nas atividades. Não apresentaram qualquer associação as questões relacionadas com as habilitações literárias, bairro social, relações conflituosas, reduzida identificação com o grupo, associação da violência ao bairro, alteração frequente dos técnicos que se encontram nos projetos, sentir que não é capaz de participar, a inexistência de uma pessoa da comunidade do bairro que facilite a comunicação entre a população e os técnicos e, por fim, a mudança dos projetos de intervenção com frequência.

No que concerne à faixa etária verifica-se que sobressaem as idades compreendidas entre os 40 anos e os 60 anos de idade (59.2%) para os não participantes, ao passo que, no caso dos participantes, sobressaem as idades compreendidas entre os 60 anos e os 80 anos de idade (55.2%). Em relação ao género verifica-se que tanto para os participantes como não participantes é o género feminino que apresenta uma frequência superior, isto é 67.6% para não participantes e 91.4% para participantes. No entanto esse rácio é superior para os participantes.

No que à situação profissional diz respeito, a diferença na distribuição encontra-se na categoria dos participantes e não participantes reformados, dos quais podemos mencionar 63.8% para os participantes e apenas de 32.4% para os não participantes. Adicionalmente, constata-se uma diferença significativa na distribuição face ao número de desempregados não participantes, cujo valor é mais de metade (36.6%) face aos reformados participantes.

Nas questões sobre o género e habilitações literárias não se verifica uma associação estatisticamente comprovada, por isso não se encontram associadas à participação.

Gráfico 4 - Considero-me integrado/a na comunidade onde vivo?



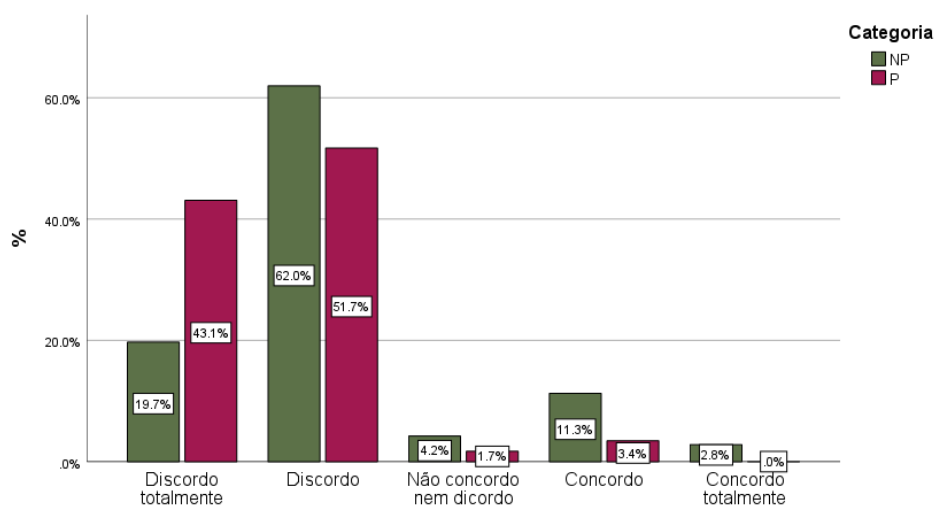
1.1. Considero-me integrado/a na comunidade onde vivo?

Cases weighted by Bairro Social

Fonte: Elaboração Própria

Relativamente à análise da percepção dos inquiridos e a participação em atividades compreende-se que, para a **questão 1.1**, existe uma associação estatisticamente significativa, dado que, se verifica que 53.4% dos participantes se consideram integrados, bem como 66.2% dos não participantes. Contudo, 9.9% dos não participantes não se sentem integrados, face a 1.7% dos participantes.

Gráfico 5 - A presença de pessoas de diferentes culturas/etnias e/ou línguas é um entrave à participação?



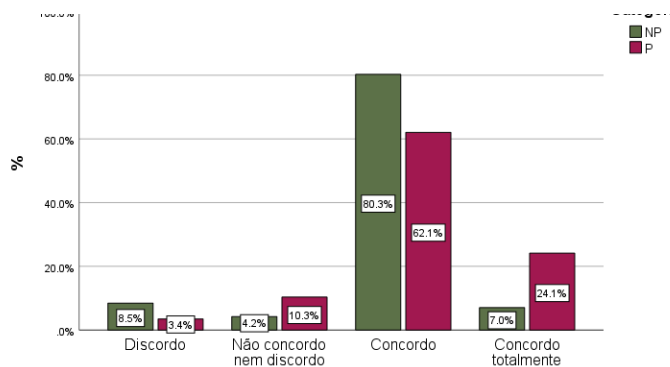
1.4. A presença de pessoas de diferentes culturas/etnias e/ou línguas é um entrave à ...

Cases weighted by Bairro Social

Fonte: Elaboração Própria

Na **questão 1.4.**, observa-se que 51.7% dos participantes e 62.0% dos não participantes respondem que discordam que a participação de pessoas de diferentes culturas/etnias e/ou línguas é um entrave à participação. Verifica-se a existência de diferença na distribuição das percepções em relação ao discordo e discordo totalmente, na medida em que mais de metade dos participantes (43.1%) respondem que discordam totalmente perante os 51.7% que apenas discordam.

Gráfico 6 - Percepção dos inquiridos face a associação de sensações positivas, de acolhimento e segurança para o bairro através das atividades



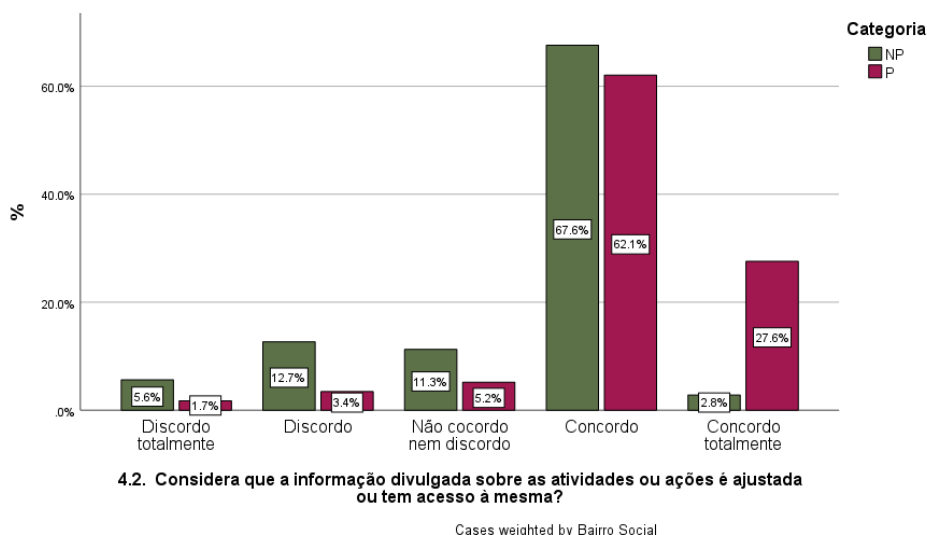
4.1. A realização de atividades ou ações que permitem a participação e a integração de toda a população atribuí ao bairro sensações positivas, de acolhimento e segurança?

Cases weighted by Bairro Social

Fonte: Elaboração Própria

No âmbito das respostas à **questão 4.1. "A realização de atividades ou ações que permitem a participação e a integração de toda a população atribui ao bairro sensações positivas, de acolhimento e segurança?"**, verifica-se uma diferença na distribuição das perceções em relação à resposta concordo e concordo totalmente para os participantes, no qual 62.1% respondeu concordo para 24.1% que responderam concordo totalmente. Além disso, 80.3% dos não participantes respondeu concordo.

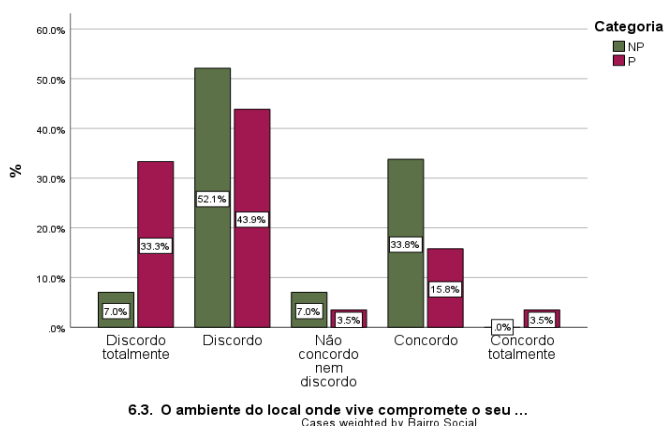
Gráfico 7 - Perceção sobre a divulgação da informação das atividades



Fonte: Elaboração Própria

Na resposta à **questão 4.2.**, a maioria dos inquiridos respondeu que concordam com o facto de a informação sobre as atividades serem bem divulgadas, isto é 62.1% dos participantes e 67.6% dos não participantes. Ainda assim, a associação significativa das perceções reside nos 12.7% dos não participam que discordam, considerando que não é ajustada a sua divulgação ou não têm acesso à mesma, pelo que a perceção do indivíduo relativamente à questão está associada à participação em atividades. Quanto à questão **"Falta de interesse pelas atividades/ações realizadas"**, 93.1% dos inquiridos participantes consideram que sim, bem como 77.5% dos não participantes.

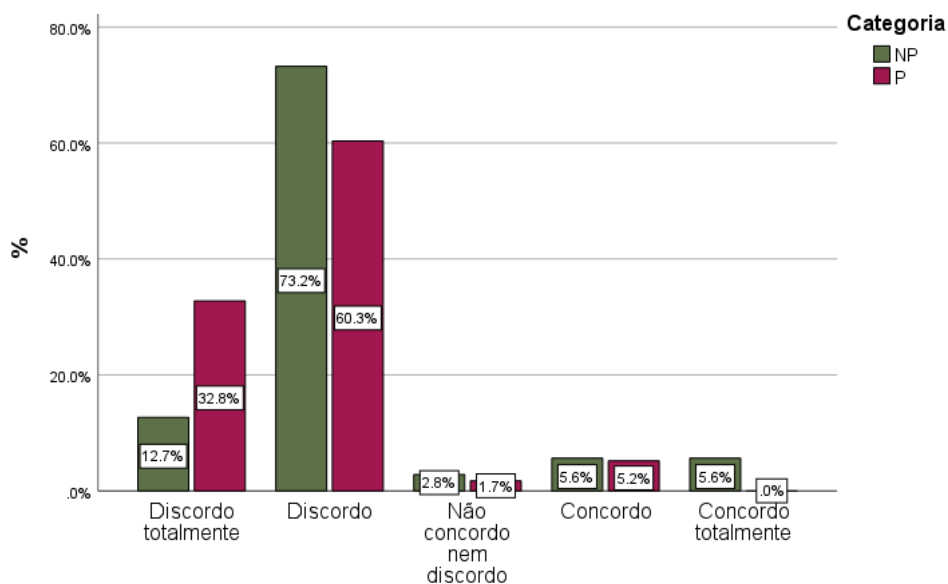
Gráfico 8 - Relação do ambiente onde vive para o envolvimento comunitário



Fonte: Elaboração Própria

De seguida, "**O ambiente do local onde vive compromete o seu envolvimento comunitário?**", analisamos que se verifica uma forte diferença na distribuição da perceção dos indivíduos não participantes, visto que, 52.1% dos não participantes e 43.9% dos participantes discordam que o ambiente compromete o envolvimento, porém ,33.8% dos não participantes e 15.8% dos participantes, concordam que o ambiente compromete o seu envolvimento.

Gráfico 9 - Perceção dos moradores sobre serem ou não excluídos dentro do próprio bairro

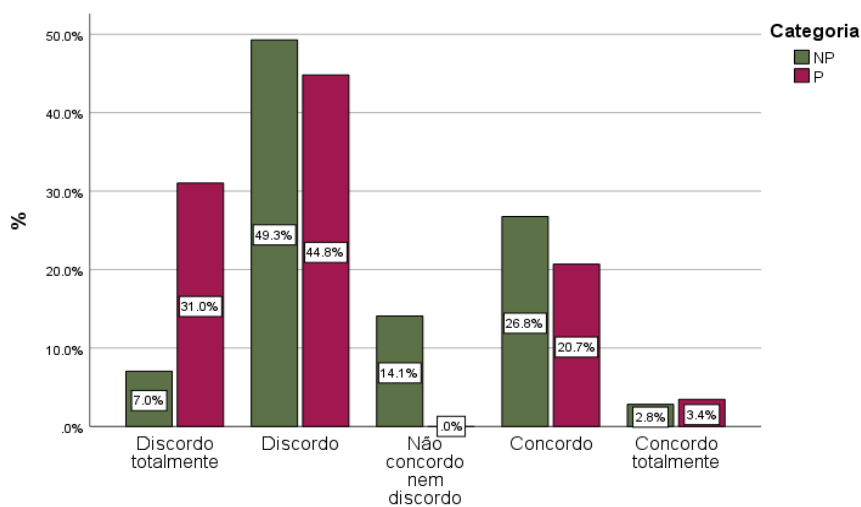


6.7. Sente que já foi excluído (dentro do próprio bairro) por ter ...
Cases weighted by Bairro Social

Fonte: Elaboração Própria

Face à **questão 6.7.**, considera-se que na sua maioria 60.3% dos participantes e 73.2% dos não participantes referem que discordam do facto de já se sentirem excluídos do próprio bairro por apresentarem uma característica que diferencia o inquirido das outras pessoas. Apesar disso, analisamos, também aqui, uma diferença na distribuição da perceção em relação à resposta discordo totalmente para mais de metade nos participantes (32.8%).

Gráfico 10 - Relação do próprio bairro e o seu ambiente para a motivação e oportunidade de participar

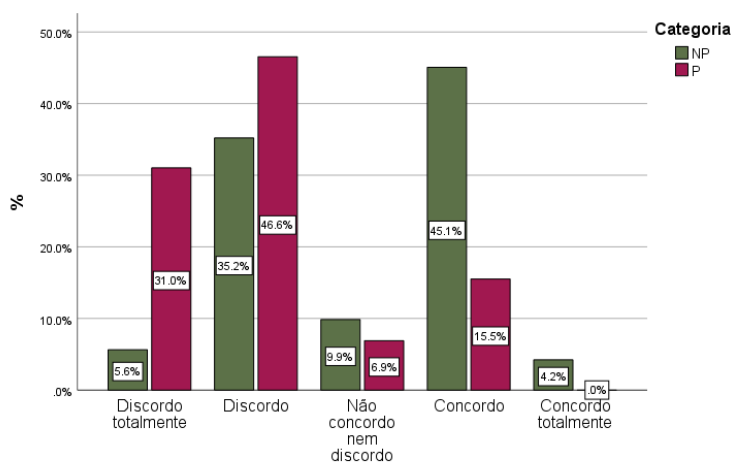


7.1. O próprio bairro e o seu ambiente influenciam a sua ...
Cases weighted by Bairro Social

Fonte: Elaboração Própria

Posteriormente, perante a questão "O próprio bairro e o seu ambiente influenciam a sua motivação e a oportunidade de participar?", a diferença na distribuição das perceções do indivíduo reside entre os 44.8% por participantes que discordam face a mais de metade dos 31.0% que discordam totalmente, assim como 49.3% dos não participantes que discordam para 26.8% que concordam. Assim sendo, esta perceção é muito ténue para os não participantes sobre a influência do próprio bairro e ambiente para a sua oportunidade e capacidade de participar em atividades (ou não).

Gráfico 11 - Relação da duração e horário das ações como condicionante para a participação

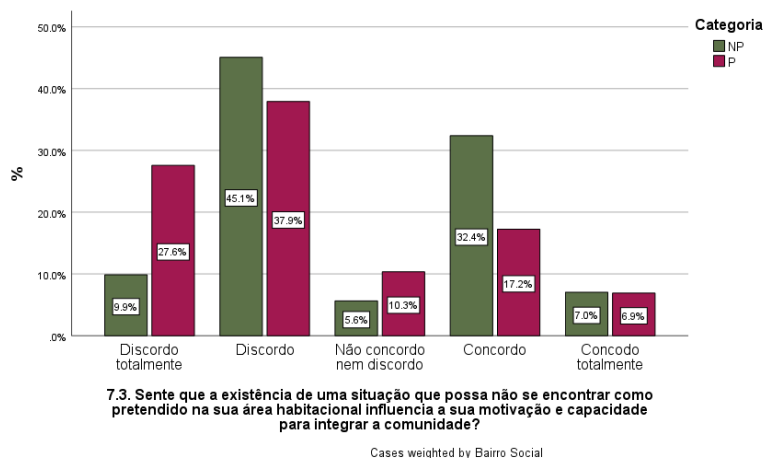


7.2. O comprometimento com as ações, ou seja, a duração ou o ...
Cases weighted by Bairro Social

Fonte: Elaboração Própria

Na **questão 7.2.** deparamo-nos com a seguinte diferença na distribuição da percepção, dado que: 45.1% dos não participantes concordam que o horário e a duração das ações podem condicionar a participação, no entanto, mais de metade dos inquiridos não participantes, isto é 35.2%, discordam. Além disso, 46.6% dos inquiridos participantes discordam para menos de metade dos 15.5% que concorda.

Gráfico 12 - Relação da área habitacional para a motivação e capacidade de integrar a comunidade



Fonte: Elaboração Própria

Por fim, "**Sente que a existência de uma situação que possa não se encontrar como pretendido na sua área habitacional influencia a sua motivação e capacidade para integrar a comunidade?**" e, também aqui, se verifica a diferença na distribuição da percepção, na medida em que: 45.1% dos não participantes discordam da influência da área habitacional para a integração na comunidade, face a mais de metade dos 32.4% dos não participantes que concordam. Nesta linha de pensamento, o mesmo se verifica com 37.9% dos participantes que responderam que discordam para 17.2% dos participantes que concordam.

4.1.3. ANÁLISE DE QUESTÕES NÃO COMUNS

A análise de frequências realizada é referente à análise das questões colocadas nos inquéritos por questionário e que variam em função de ser ou não participante. Neste sentido, observamos primeiramente as questões colocadas aos não participantes.

Quanto à questão "**Relações de vizinhança conflituosas**" enquadrada na pergunta principal "**Que sentimentos se encontram associados à falta de integração?**", identifica-se que 34,0% dos inquiridos responderam que sim, isto é, concordam que as relações de vizinhança conflituosas são um motivo/sentimento associado à falta de integração, face a 66,0% dos inquiridos que não concordam.

Para a questão "**Baixa participação na comunidade**", a maioria dos inquiridos respondeu que não é um sentimento associado à falta de integração, isto é 95,7% de respostas, para os 4,3% que respondeu que sim.

Em relação à questão "**Desinteresse pela vida no bairro ou por manter um espaço agradável**", 85,1% dos inquiridos respondeu que "não" para 14,9% dos inquiridos que concordam com esta afirmação.

De seguida, para a questão "**Desinteresse pela participação em atividades ou ações desenvolvidas**" a maioria dos não participantes não concorda que este seja um motivo/sentimento associado à falta de integração (97,9% para 2,1% dos não participantes que concordam, isto corresponde a apenas uma resposta).

Por fim, para a questão "**Isolamento**" verifica-se que também para esta pergunta a resposta predominante é o "não", na qual 89,4% dos não participantes não concordam e 10,6% dos inquiridos concordam. Assim sendo, na sua maioria, os não participantes não consideram que nenhuma destas potenciais afirmações seja um sentimento que se encontra associado à falta de integração, apenas as relações de vizinhança conflituosas apresentam uma percentagem mais elevada.

Seguidamente, analisaremos as respostas dos participantes às questões diferenciadas colocadas no inquérito por questionário. Desta forma, para a questão principal "**Indique nas opções em baixo três motivos pelos quais decidiu participar nas ações**", pelo que, para o motivo "**Fortalecer as relações interpessoais**" obteve-se o resultado de 62,8% para não e 37,2% para sim. Assim sendo, concluímos que este não é o motivo mais prevalente de entre os participantes e que dita a sua participação em atividades. Para o motivo "**Convívio**" verifica-se o inverso, dado que, 27,9% dos inquiridos responderam que não face a 72,1% dos participantes que responderam que sim. Tal resultado se constata para o motivo seguinte, pois, para o motivo "**Ocupação**" 37,2% dos participantes refere que não, mas em contrapartida 62,8% responderam que sim.

Concomitantemente, para o motivo "**Desenvolver novas competências/conhecimentos**" a tendência mantém-se com 30,2% dos inquiridos a responder não perante 69,2% dos inquiridos que responderam que sim.

Contudo, em relação ao motivo "**Sentir-me incluído**" averigua-se o oposto, na medida em que 76,7% dos participantes responderam que não face a 23.3% dos participantes. Neste sentido, e após analisarmos os resultados, verifica-se que os motivos que se encontram relacionados e influenciam a participação das pessoas nas atividades são as questões relacionadas ao convívio, ocupação e o desenvolvimento de novos conhecimentos/competências.

Face à questão "**Em que atividades costuma participar?**" a atividade predominante entre os participantes é as oficinas/workshops informativos, ao qual 58,1% dos participantes responderam que sim em oposição a 41.9% dos participantes que responderam que não. De seguida, aquelas que apresentam maior participação são relaxamento/meditação (37.2%); visitas a exposições (44.2%), para o qual apresentam uma diferença reduzida entre aqueles que responderam não e sim, isto é, menos de metade; ateliers de trabalhos manuais (37,2%) , cujas diferenças na frequência da resposta entre sim e não é menos de

Por fim, em relação à questão sobre se situações em que o bairro é "olhado de lado" e sobre a possibilidade de comprometerem o dia-a-dia das pessoas que habitam estes espaços, é perceptível que a maioria dos inquiridos concorda que o bairro é visto pela comunidade geral como diferente, contudo não sentem que esse facto seja comprometedor para o seu dia-a-dia. Neste sentido identificaram comentários e situações em que se depararam com o estigma da sociedade.

4.1.4. ANÁLISE DE FREQUÊNCIA - NÍVEL DE ENTENDIMENTO

No âmbito do estudo efetuado foi realizada uma avaliação por parte da investigadora sobre o nível de entendimento dos inquiridos face às questões colocadas, tendo em conta ser uma das questões que na literatura e na consulta realizada a outros projetos de intervenção social se verificou como condicionante. Assim sendo, para as respostas às questões de 1.1 a 1.5 para os participantes é possível compreender que na sua maioria 68,2% dos inquiridos entendeu perfeitamente as questões colocadas. Ainda assim, 9,1% não sabe se entendeu. Em relação à questão 2.1, compreende-se que a maioria dos inquiridos entendeu perfeitamente as questões colocadas (69,2%) face a metade dos participantes que apenas entendeu as questões dirigidas (29,5%).

Para as questões 3.1 a 3.3. compreende-se que 65,9% dos participantes, também, entenderam perfeitamente as questões colocadas, assim como nas questões restantes, tais como 4.1 a 4.2, 5.1 a 5.3, 6.1 a 6.7 e 7.1 a 7.3. Não obstante, é importante realçar que para as questões 5.1 a 5.3, 6.1 a 6.7 e 7.1 a 7.3, a percentagem de respostas é ainda significativa para as opções "não entendeu" e "não sabe se entendeu".

No entendimento relacionado com as questões 1.1 a 1.4 nos não participantes, igualmente se compreende que na sua maioria, isto é, 70,2% entendeu perfeitamente as questões colocadas.

Quanto às questões 2.1 a 2.2 colocadas aos não participantes verifica-se igualmente a predominância da opção "entendeu perfeitamente", ainda assim, de realçar a percentagem de 8,5% para a opção "não sabe se entendeu". Para as questões 3.1 a 3.3, o resultado segue o mesmo padrão com 72,3% dos participantes a entender perfeitamente as questões colocadas para 14,9%, isto é, menos de metade daqueles que apenas entenderam e 8,5% para a opção "não sabe se entendeu". Por fim, para as questões 4.1 a 4.7 e 5.1 a 5.3, a maioria mantém-se na opção "entendeu perfeitamente", porém a percentagem face à opção "não sabe se entendeu" é igualmente significativa (19,1% - questões 5.1 a 5.3. e 12,8% - questões 4.1 a 4.7).

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS QUANTITATIVOS

Os dados em análise manifestam-se de importante relevo quando analisados em sintonia com a literatura, visto que o género é considerado uma das principais barreiras no que se refere à retenção e recrutamento dos homens para a participação comunitária. Este fenómeno é encarado pelo facto de as comunidades apresentarem maior representatividade feminina, assim como, pela consideração de que as atividades

promovidas vão ao encontro dos interesses das pessoas do género feminino, aliadas a questões culturais, relacionais ou crenças assimiladas pela população (Serivarathan et al, 2020). Nos dados recolhidos, compreendemos claramente que a percentagem de pessoas, tanto participantes como não participantes inquiridas, é maioritariamente feminino.

Nesta sequência, constata-se que o ócio caracteriza-se por uma determinada situação de desocupação, na qual os indivíduos se encontram e integra o conjunto de ações que se pretende que decorram de um modo livre, possibilitando a agradável ocupação do tempo (Freire, 2013).

O baixo nível de escolaridade, que se destaca da observação e apresentação dos dados, relaciona-se de forma determinante considerando-se como possível justificação para a barreira identificada na literatura sobre os baixos níveis de alfabetização, visto que, influenciam a participação comunitária, no que diz respeito à participação em atividades de maior complexidade ou na avaliação e validação dos resultados (Spadola et al., 2020). Os baixos níveis de alfabetização são considerados uma das características dos públicos vulneráveis, assim como se verifica em contexto de bairro social.

De acordo com a literatura, o nível ou sensação de integração dos residentes num bairro social influenciará a sua disponibilidade para participar em ações comunitárias e se envolver de forma contínua. O seu nível de integração e inclusão social ditará a sua aproximação à própria intervenção comunitária. Ainda assim, para que a inclusão social possa ser alcançada na sua totalidade é necessário que o indivíduo se encontre plenamente inserido e encontrem elos de ligação e de referência com a comunidade. Tratando-se de uma população vulnerável e, tendo por base os resultados do estudo, compreende-se que uma das percentagens mais elevadas da situação profissional dos inquiridos é o desemprego e, de acordo com a pesquisa efetuada, a sociedade atual apresenta níveis de desigualdade, pobreza e exclusão social elevados, dos quais se evidenciam que nos anos de 2019 e 2020 a taxa de pobreza aumentou 2.2% e em 2021, viviam em Portugal, 2.3 milhões de pessoas em situação de pobreza e exclusão social (22.4%) (Rodrigues, 2021). Perante o exposto, a intervenção comunitária configura-se como um fator de proteção para a população que se encontra em situação de vulnerabilidade social, pelo que a sua atração e retenção é crucial para um desenvolvimento comunitário ajustado. A intervenção comunitária é considerada um meio para o indivíduo alcançar o pleno direito e a liberdade necessárias para que se possa desenvolver como um elemento útil e ativo para a sociedade, pelo que, o conjunto de ações de carácter educativo que promovem a reabilitação da pessoa vai muito além da simples atribuição de uma habitação social ou das condições habitacionais (Fernández, 2009).

No decorrer da aplicação dos inquéritos por questionário foi perceptível que a perceção de integração ou de não integração está relacionada com as experiências e episódios vivenciados, de forma mais ou menos traumáticos, o que, por sua vez, determina a forma de se relacionar no seio da sua comunidade e pares semelhantes. Experiências desajustadas e negativas implicam sentimentos menos positivos, fuga e negação do local onde vivem, como será possível avaliar na análise que se segue. Posto isto, considerou-se necessário questionar acerca do sentimento expresso face ao local onde residem, do qual se compreende que a própria associação a atividades de intervenção social e que promovem a integração é

crucial, atribuindo ao espaço sensações positivas, de segurança e acolhimento, dado que, a maioria dos inquiridos concordam ou concordam totalmente com esta afirmação. Não obstante, a própria literatura vem comprovar tal questão ao afirmar que o bem-estar de cada indivíduo e a sua saúde mental apenas se encontra plenamente saudável quando em equilíbrio com a identidade de bairro, possibilitando o aumento da autoestima, seja ela coletiva ou individual, bem como, a interação e entreatajuda social (Smyth, Harries & Dorer, 2011). Neste sentido, a principal sensação dos participantes quando se sentem parte da comunidade é precisamente a associação do espaço ao local onde gostam de estar e sentem ser seguros, pelo que, se comprova ser uma sensação necessária para que as pessoas possam querer estar num determinado espaço.

Numa análise geral compreende-se que as questões que mais influenciam a participação das pessoas nas atividades são as relações de vizinhança que influenciam diretamente a participação comunitária e são estruturais no seio da comunidade, sendo as pessoas que vivem em situações de maior vulnerabilidade social as que mais dificuldade apresentam para estabelecer conexões sociais estáveis e saudáveis. Contudo, os de maior relevo são os fatores de carácter estrutural que se relacionam com o ambiente do próprio espaço, muitas vezes relacionado a perigosidade, violência e crime, bem como os fatores de mudança habitacional, como questões relacionadas por exemplo com erros de obra ou questões de carácter psicossocial, como carência económica ou desemprego (Srivarathan et al., 2020).

Por sua vez, as barreiras de cariz pessoal estão relacionadas com questões de ordem física e/ou mental, obrigações familiares ou doenças que comprometem a participação. Paralelamente, algumas questões, como por exemplo **"Que sentimentos se encontram associados à falta de integração?"**, contrariam a pesquisa literária, pois os resultados destes trabalhos não se encontram de acordo com o expresso pelos autores, uma vez que a resposta por parte dos não participantes à questão em causa demonstra que apenas um número reduzido concorda com as opções identificadas na literatura, face à maioria que discorda. Contudo, foi perceptível que a perceção de integração não era clara e definido o seu significado para todos os inquiridos.

Por sua vez, as barreiras relacionadas ao estigma encontram-se em conformidade com a literatura, visto que nos relatos expressos pelos inquiridos, essencialmente em questões de resposta aberta, expressam situações relacionadas com o estigma, ainda que de alguma forma não sintam diretamente que compromete o seu dia-a-dia, a maioria já se deparou com uma situação de estigma social, através de comentários depreciativos sobre o local onde vive. Contudo, é o estigma territorial que de facto afeta os residentes, isto é a associação do espaço a comportamentos desviantes e marginalizados provocados por determinados episódios negativos.

Além disso, o autoestigma manifesta-se determinante, ainda que em reduzida significância face aos dados recolhidos, contudo é identificado por alguns dos inquiridos e entrevistados que esta visão é impeditiva de mudança e de promoção da intervenção, associado a um discurso pouco animador sobre a capacidade de superação da população que habita o bairro (Grabbe, Ball & Goldstein, 2013).

No que respeita aos benefícios e às sensações vivenciadas pelos participantes, estas corroboram a revisão da literatura, pois são manifestados sentimentos de bem-estar, segurança e acolhimento face ao espaço bairro e à participação comunitária, sendo perceptível que os indivíduos participantes se sentem mais protegidos em relação aos que não participam. Além disso, é notório que quando uma pessoa se identifica com um determinado grupo surgem pensamentos e sentimentos coletivos, assumindo para si a identidade do próprio grupo, bem como a promoção de ações coletivas em prol da comunidade e incorpora as normas e valores de incorporação ao grupo (Chang et al., 2016).

6. ANÁLISE QUALITATIVA

6.1. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS QUALITATIVOS

As entrevistas realizadas foram aplicadas a 8 residentes dos bairros sociais, sendo que 4 eram participantes nas atividades e 4 eram não participantes. Quanto ao local da recolha de dados, 4 pessoas pertencem aos bairros sociais da CASFIG e 4 pessoas ao bairro da Cumieira em Fafe. O principal objetivo foi complementar a informação recolhida nos inquéritos por questionário, tendo em conta a possibilidade de recolha de informação mais abrangente e em maior profundidade.

Perante a informação recolhida nas entrevistas aplicadas constata-se que as respostas são semelhantes às informações detidas nos inquéritos por questionário, contudo mais detalhadas e facultando ao estudo uma análise e perspetiva mais realista e aprofundada. De seguida analisamos o perfil das pessoas entrevistadas que nos permitirá verificar dados sociodemográficos das pessoas entrevistadas e o seu perfil.

Tabela 7 - Perfil das pessoas entrevistadas

Participantes					
Género	Idade	Habilitação literária	Situação Profissional	Bairro Social	Código
Feminino	48 anos	Ensino Secundário	Desempregada	BF	EP1
Feminino	62 anos	3º ciclo	Desempregada	BF	EP2
Feminino	55 anos	1º ciclo	Desempregada	BG	EP3
Feminino	51 anos	1º ciclo	Desempregada	BG	EP4
Não Participantes					
Feminino	68 anos	3º ciclo	Desempregada	BF	ENP1
Masculino	66 anos	3º ciclo	Reformado	BF	ENP2
Feminino	58 anos	1º ciclo	Desempregada	BG	ENP3
Feminino	59 anos	1º ciclo	Desempregada	BG	ENP4

Fonte: Elaboração Própria

Conforme informação constante da tabela nº 7, verifica-se a aplicação de 4 entrevistas à população do bairro social da Cumieira e quatro entrevistas à população dos bairros sociais da CASFIG, isto é, dois participantes e dois não participantes dos empreendimentos sociais selecionados. Cumpre referir que o género predominante é o género feminino, sendo apenas entrevistado um homem. A faixa etária dos entrevistados é dos 40 anos aos 60 anos de idade e, no que respeita às habilitações literárias, prevalece o 1º ciclo, três pessoas com o 3º ciclo e uma pessoa com o ensino secundário. Ao nível profissional é visível que o desemprego é a situação profissional dominante para as pessoas entrevistadas, verificando-se apenas um entrevistado como reformado.

Perante a informação constante da literatura consultada, e à semelhança dos dados recolhidos nos inquéritos por questionário, também aqui, o género, a idade e as habilitações literárias seguem a tendência. Desta forma, relacionam-se com as barreiras identificadas na literatura respeitantes ao recrutamento e seleção de pessoas do género masculino e a baixa participação referente à baixa escolarização da população que integra o estudo (Serivarathan et al, 2020; Spadola et al., 2020). A baixa escolarização é uma das principais problemáticas associadas aos bairros sociais, perpetuando ciclos de desemprego, pobreza, marginalização e exclusão social, bem como a prevalência de trabalhos precários (Gonçalves, 1994).

Neste aspeto concreto, é frequente a prevalência de situações de vulnerabilidade social, tais como situações de desemprego, pelo que a ocupação dos tempos livres é crucial para quem vive em bairros sociais, dado que, o ócio é predominante entre este público (Freire, 2013). Assim sendo, a ocupação destes tempos livres possibilita contrariar situações de vulnerabilidade social ou a sua permanência, potenciando uma intervenção ao nível holístico e sistémico (Guerra, 1994). O género assume também um importante contributo para a participação em atividades, na medida em que se associa a determinantes culturais presentes na sociedade em relação ao contacto homem/mulher.

As entrevistas centraram-se, à semelhança do inquérito por questionário, nas dimensões benefícios e barreiras e um conjunto de questões pré-estruturadas que procuram responder a cada uma das dimensões identificadas. Contudo, para este instrumento de recolha de dados foram selecionadas apenas as questões/dimensões retiradas do inquérito por questionário e consideradas de maior relevância, pertinência e que possibilitariam complementar com um maior número de dados o estudo concreto.

Nesta linha de pensamento, considera-se necessário esclarecer as dimensões, conforme informação constante da Tabela nº 7, apuradas com as questões colocadas aos entrevistados relacionando com as suas respostas.

A análise que se segue procurará discutir os dados recolhidos nas entrevistas, realizando uma reflexão sobre as informações alcançadas tanto com as entrevistas dos participantes como as dos não participantes, comparando as respostas e identificando as relações que podem ser realizadas.

Neste sentido, e por forma a elucidar sobre as questões colocadas e a sua ligação com as dimensões, quer benefícios quer barreiras, bem como as definições que caracterizam cada uma das dimensões e que

enquadram as questões direcionadas. As entrevistas semiestruturadas foram aplicadas individualmente a cada pessoa, facultando a livre resposta de cada entrevistado e o investigador utilizou as questões como um guia a facilitador do momento de recolha de dados, contudo, as respostas direcionaram-se apenas para as questões constantes do guião.

Tabela 8 - Entrevistas por Dimensão e Barreiras

<p>Dimensões Benefícios: Inclusão Social</p>	<p>Definição: Inclusão Social, conjunto de ações com vista a melhorar as condições de participação na sociedade das pessoas mais vulneráveis.</p> <hr/> <p>Questões a responder: Como se sente no espaço bairro? EP Relativamente à comunidade onde vive, como se sente? EP Quais são as atividades ou ações em que costuma participar? EP As ações decorrem em grupo ou individualmente? EP Existe neste grupo pessoas de diferentes nacionalidades, etnias ou raças? Se sim, quais são as principais diferenças da participação num grupo culturalmente diverso? EP Como se sente no espaço bairro e na comunidade em que vive? ENP Já participou de alguma atividade ou ação promovida no bairro? ENP Se respondeu “sim”, que obstáculos impediram que continuasse a participar? Se respondeu “não”, que obstáculos impediram que continuasse a participar? ENP</p>
<p>Dimensões Benefícios: Qualidade de Vida</p>	<p>Definição: Carateriza-se pelo conjunto de condições que contribuem para o bem-estar físico e mental da pessoa.</p> <hr/> <p>Questões a responder: Como podemos motivar à participação? EP</p>
<p>Dimensões Benefícios: Desenvolvimento de competências e empoderamento</p>	<p>Definição: Consiste na criação de oportunidades, adquirir, aplicar e difundir conteúdo.</p> <hr/> <p>Questões a responder: De que forma é que participar em atividades ou programas comunitárias contribuí para o sentimento de bem-estar? EP Estas ações ou atividades influenciam a sua identidade individual e do grupo? EP</p>
<p>Dimensões Barreiras: Financiamento e rotatividade dos projetos de intervenção comunitária</p>	<p>Definição: Constante término dos projetos e alteração por outros diferentes.</p> <hr/> <p>Questões a responder: Quais são os principais motivos que implicam uma postura de resistência e de desistência de um programa? EP + ENP</p>
<p>Dimensões Barreiras: Estigma Social</p>	<p>Definição: Colocar "de parte" de pessoas que têm características ou crenças diferentes das restantes pessoas da comunidade.</p> <hr/> <p>Questões a responder: Que atividades ou ações já deixou de realizar por não se sentir integrado? EP</p>

Num primeiro momento analisaremos as questões da **Dimensão Benefícios: Inclusão Social**. Segundo os entrevistados participantes considera-se que o seu nível de integração é elevado e positivo, tendo em conta as manifestações expressas por estes aquando da colocação das questões "**Como se sente no espaço bairro?**" e "**Relativamente à comunidade onde vive, como se sente?**", predominando respostas como "Sinto-me bem" quer no espaço bairro, quer junto da comunidade, procurando manter um contacto de aceitação e proximidade com a comunidade, "Sinto-me bem" (EP1); "Nessa aí é assim, eu não me sinto mal, porque eu dou-me com toda a gente, de todas as raças e nacionalidades. Tento conviver com toda a gente. Mesmo que haja algo que alguém faça que não esteja bem eu tento conversar para chegar onde quero." (EP2); "Sinto-me bem, estou sempre metida em casa, sou muito caseira" (EP3); " Sinto-me bem, tem de tudo, tem momentos em que os ciganos criam conflitos, mas para mim não me interessa, só ouço, mas não me meto." (EP3)

Neste seguimento, e tendo por base a pesquisa efetuada, práticas de inclusão social encontram-se integradas na intervenção comunitária e o próprio bem-estar comunitário e a estruturação urbana é dependente da identidade de bairro, que influencia diretamente o aumento da autoestima, da inclusão comunitária ou a possibilidade de a pessoa solicitar apoio perante uma situação de carência (Heath et al., 2017).

Em contrapartida, a mesma questão efetuada ao público não participante, "**Como se sente no espaço bairro e na comunidade em que vive?**", sugere-nos uma perspetiva diferente, apontando o bairro como um lugar onde não gostam de estar e no qual não se sentem bem, manifestando-se a inexistência de um sentimento de integração e de pertença. Predomina o sentimento de "obrigação", alegando residirem nestes locais por não possuírem condições económicas que lhes permitem viver num outro lugar "Sinto-me mais ou menos. Como é que eu hei-de explicar...sou obrigada a lá estar, nem tenho outro lado para onde ir" (ENP3).

Perante isto, verifica-se um discurso de sujeição, desanimo, desinteresse e desintegração face ao espaço bairro, face à comunidade residente, sendo perceptível a existência de conflitos e relações de vizinhança desajustadas como o principal contributo para a forma como é visto e sentido o bairro onde vivem "Não gosto. Eu já pedi para me mudarem, mas não me mudam. É uma confusão. Podia ser mais calmo, mas não muda. Já foi mais calmo, mas agora é uma confusão. O ambiente é um bocado pesado, de noite põem-se debaixo das janelas a falar alto e arrastam móveis." (ENP4).

Ao analisarmos os trechos das respostas referentes às questões que se debruçam sobre a inclusão social, compreendemos que de uma forma geral as pessoas reportam os seus conflitos ou divergências culturais para com a população de etnia cigana, demonstrando o seu descontentamento com atitudes ou comportamentos desajustados e, para com a restante população, no que ao incumprimento das regras diz respeito. O ambiente do bairro é sentido como um ambiente negativo, destacando-se como principais pontos o barulho, o lixo/higienização dos espaços comuns e violência "No bairro sinto-me bem e na comunidade em que vivo desde que ninguém me chateie tudo bem. Eu por exemplo, só não gosto de algumas coisas que se passam aqui no bairro. As pessoas deveriam de pôr o lixo só às 20:00h e se for

preciso põem às 16:00h da tarde ou nos ecopontos da reciclagem põem comida. Outra questão, debaixo das janelas do meu bloco na parte de trás põem-se lá acampados, deitam-se os ciganos, levam para lá as cadeiras, não acho isso muito bem, nem muito correto". (ENP2)

Contudo, a barreira associada ao estigma ou melhor autoestigma encontra-se aqui evidentemente presente, bem como, fatores de caráter estrutural relacionados com o ambiente sentido no próprio bairro, associado a situações de desorganização e que provocam desconforto nestes residentes, percecionando este espaço como um local violento, perigoso e onde é evidente o crime e ainda situações contrárias ao saber estar em comunidade (Srivarathan et al., 2020) "Já me disseram que isto são casas para os ciganos e não para nós, têm mais dinheiro do que nós, bem vê que eles é cada frota de carros" (ENP1).

Ainda sob a prespetiva do **Benefício: Inclusão Social** direcionado para a participação em atividades e ações, as questões colocadas aos participantes são "**Quais são as atividades ou ações em que costuma participar?**" e "**As ações decorrem em grupo em individualmente?**", sendo que prevalecem as atividades relacionadas com ateliers e trabalhos manuais, seguido de grupos de desenvolvimento pessoal e literacia/rentabilização de recursos, grupos de teatro, grupos de caminhadas e outros diversos.

No que concerne aos não participantes, a questão colocada foi "**Já participou de alguma atividade ou ação promovida no bairro?**", constatando-se uma resposta quase unânime, visto que, dos quatro entrevistados apenas o NP3 participou de uma atividade. Contudo, é importante esclarecer que esta atividade foi realizada fora do contexto de bairro, com outro público-alvo diferente e que não eram residentes do bairro social em que o ENP3 reside, pois, tal como afirma, em contexto de bairro não participa. Assim sendo, podemos determinar que nenhuma das pessoas que colaborou no estudo esteve integrado numa das atividades ou ações de bairro. Não obstante, perante as respostas podemos entender que a relutância à participação é evidente, perentória e de conotação negativa, sobressaindo-se as respostas "Não" (ENP1) ou "Não, nem vou participar" (ENP2) ou "Nunca participei e não quero, tenho mais que fazer" (ENP4).

De seguida, apenas dirigido aos participantes, segue a questão "**Existe neste grupo pessoas de diferentes nacionalidades, etnias ou raças? Se sim, quais são as principais diferenças da participação num grupo culturalmente diverso?**", sendo expresso respostas neutras, não se manifestando qualquer comprometimento na participação perante o envolvimento de uma pessoa de uma diferente etnia, nacionalidade ou raça. Simultaneamente, as opiniões dividem-se, isto é, os entrevistados do bairro de Fafe consideram que as populações de culturas diferentes não se encontram integradas, autoexcluindo-se, denotando-se a dificuldade em realizar atividades em grupo ou "misturarem-se" com outras pessoas de outras culturas. Tal afirmação é evidenciada com a literatura, na medida em que, se verifica a existência de maior probabilidade de pessoas com características individuais semelhantes se relacionarem essencialmente entre si em oposição a pessoas com características opostas, pelo que, é frequente predominarem certos estereótipos étnicos (Liljas et al., 2017). "Sim. A principal diferença é que não conseguem fazer grupo. Não vê a fazerem pares. É cigano com cigano, preto com preto. Não se tratam

por igual. Se o fizessem dessa forma seria muito melhor e aproveitariam mais." (EP1). Nesta linha de pensamento, Cheshire et al. (2018) referem que a multiculturalidade associada aos bairros sociais é entendida como uma barreira ao desenvolvimento e coesão social do espaço. Por sua vez, Serivarathan et al. (2020) descrevem como um fator que condiciona o sentimento de pertença da comunidade pela escassez de elementos de identificação entre as pessoas face às discrepâncias étnicas e culturais, "Por exemplo, eu na etnia gosto de certas coisas e são diferentes eles. Mas têm muita dificuldade em se habituar, talvez por que não querem." (EP2).

Em oposição, os entrevistados do bairro da CASFIG consideram que não existem diferenças e que o convívio decorre com normalidade.

No que concerne às questões **"Se respondeu "sim", que obstáculos impediram que continuasse a participar?"** ou **"Se respondeu "não", que obstáculos impediram que continuasse a participar?"** direcionadas aos não participantes, constata-se que apenas o entrevistado ENP3 respondeu que participou, tal como já verificado numa das questões anteriores, ainda assim, tal como já expresso anteriormente apenas participou pelo facto destas atividades decorrerem em contexto exterior ao bairro, depreciando as atividades no bairro e demonstrando incompatibilização para com outros residentes, sendo este o motivo indicado para a sua relutância em participar. Em relação aos restantes entrevistados, verificamos que predominam as justificações relacionadas com "...não gosto, não me sinto bem, não gosto desses ajuntamentos" (ENP1), "Eu não tenho paciência para andar de um lado para o outro. Não tenho interesse." (ENP2) e " Não gosto e depois as pessoas em vez de irem para estarem com atenção e participarem vão para lá criticar as outras pessoas. Não são unidas e não se apoiam uns aos outros." (ENP4)

Deste modo, os principais motivos identificados relacionam-se com relações de vizinhança conflituosas e instáveis, expressando a sua experiência relacionada com situações de violência ou situações de descontentamento face às condições de habitação. De acordo com as referências anteriores, o distanciamento de pessoas de diferentes culturas ou etnias é algo comum, bem como a sua identificação e associação a comportamento negativos assumindo os seus como melhores, evidenciando maiores discrepâncias negativas.

Não obstante, tendo por base a literatura, é-nos sugerido que a existências de relações sociais influenciam a possibilidade de participação do indivíduo e a sua disponibilidade para se envolver em ações comunitárias. Tal não se verifica para estes entrevistados, uma vez que apresentam relações sociais inter pares desestruturadas "No bairro são só pessoas do bairro e eu não gosto de certas pessoas, já tive experiências e antes quero entrar e sair da minha casa tranquila e sem grandes contactos com outras pessoas no bairro." (EP3).

As questões de origem psicossociais, como o desemprego ou carências, comprometem a capacidade de envolvimento do indivíduo, uma vez que, estas pessoas se encontram associadas a fatores de exclusão e pobreza social, como podemos comprovar nos dados apresentados por Rodrigues (2021), " Eu já fui duas vezes às reuniões e é sempre a mesma coisa. Eu querer queria que não chovesse nas escadas, podiam

colocar um ecoponto para o lixo aqui ao pé do nosso bloco, queria a cortina e a porta da minha casa arranjada." (EP1). De acordo com este autor, em 2021, 2.3 milhões de pessoas, em Portugal, encontravam-se numa situação de pobreza e exclusão social, tendo esta taxa aumentado 2.2% face a 2019 e a 2020. De acordo com Kearns & Parkinson (2001) a estabilidade e segurança habitacional é crucial para o indivíduo, pelo que, a sua ausência compromete quer o desenvolvimento de relações sociais saudáveis quer a disposição e a propensão para a integração em atividades de cariz social ou ocupacional, sendo considerado como uma barreira (Srivarathan et al., 2020).

Seguidamente, analisamos a Dimensão Benefícios: Qualidade de vida, da qual consta uma única questão direcionada aos participantes, "**Como podemos motivar à participação?**".

Perante o exposto, compreendemos que os entrevistados do bairro de Fafe direcionam as suas respostas para o impacto da intervenção e motivação junto da comunidade cigana, apresentando sugestões de atividades e estratégias de interação que permitam integrar e apelar à sua participação. Desta feita, sobressai a importância de estabelecer contacto com as pessoas mais antigas ou "chefes" da comunidade cigana, criando ligações com aqueles que influenciam a opinião da própria comunidade e são considerados uma referência, "No que vai de encontro à comunidade cigana, creio que o mais oportuno seria reunir as pessoas mais antigas da etnia e conversar com elas. Em vez de serem eles sempre a sentir que são inoportunos, podíamos perguntar-lhes o que eles querem fazer. Parece que eles se sentem sempre inoportunos, que estão sempre a fazer algo errado e querem sempre mudá-los." (EP1)

Outras propostas direcionam-se para a promoção de atividades de maior interesse da comunidade e que potenciem dinâmica e atividades interculturais, promovendo o envolvimento de todos os residentes dos bairros ou a partilha de informação sobre as atividades que são realizadas "Realizar atividades novas e diferentes. Por exemplo, fazer atividades mais tradicionais, corrida de carrinhos de rolamentos, agora os miúdos também andam muito de patins e se calhar promover mais atividades desse género que são do interesse e atraem a atenção" (EP2). Connell et al. (2012) menciona a importância da realização de atividades em que se manifeste uma participação significativa, isto é, a realização de atividades que comportam retorno para as pessoas, satisfazem as suas necessidades, expectativas e interesses. Neste sentido, e de acordo com o autor, a pessoa assume uma posição de controle, orientação e escolha sobre as atividades, impulsionando a participação comunitária ativa e bem-estar experienciado pelo participante. Neste sentido, potenciar momentos de envolvimento por parte da comunidade, tal como sugerido pelos entrevistados, é possibilitar maior interação, interesse, motivação para participar e sensações positivas. Portanto, atividades ajustadas, significativas e compensatórias são fundamentais para o desenvolvimento pessoal e para a participação comunitária, pelo que, quando as pessoas são os agentes das suas próprias ações e mudança social potenciam a diminuição de situações de vulnerabilidade (Rothes, 2009).

Ainda sob a análise das **Dimensões Benefícios**, considerando o **Desenvolvimento de competências e empoderamento**, focando as respostas dos participantes à questão "**De que forma é que participar em**

atividades ou programas comunitários contribui para o sentimento de bem-estar?", cumpre observar o seguinte:

Na ótica da maioria dos entrevistados observamos que a participação em ações comunitárias contribui para o sentimento de bem-estar, nomeadamente, para o alívio do stress, fortalecimento da saúde mental promovido através do convívio e do fortalecimento de relações interpares estreitando os laços de vizinhança, bem como a promoção do desenvolvimento de novos conhecimentos e conhecer novas pessoas, "Aliviar o stress da cabeça e conviver com as outras pessoas e vamos ganhando amizade. Havia tantas coisas que não conhecia por lá e passei a conhecer com estas atividades" (EP3); "Conhecer os outros e aprender" (EP2).

Cruwys, et al. (2022) apresenta a intervenção como um meio importante e estratégico para o desenvolvimento no indivíduo de sentimentos associados à identidade de bairro, permitindo-lhes sentirem-se protegidos e seguros dos efeitos negativos decorrentes da exposição a imagens estigmatizantes que a comunidade geral associa aos bairros sociais. Não obstante, tais sentimentos são corroborados pela pesquisa realizada sobre projetos de intervenção comunitária e que podemos identificar observando a tabela nº 1, da qual se destacam inúmeros benefícios idênticos aos transmitidos pelo público-alvo. Neste sentido, destacam-se os sentimentos positivos associados ao convívio e à partilha (EP3), à criação de amizades ou fortalecimento de laços sociais (EP1 + EP2+ EP3), ao desenvolvimento de bem-estar psicológico/cognitivo (EP2 + EP3 + EP4), alívio do stress (EP3 + EP4) ou o próprio desenvolvimento de novos conhecimentos ou habilidades. Tais constatações são referidas em vários dos projetos elencados nessa tabela, como por exemplo Projeto Piloto: *Mirar Our Community Garden*; Projeto de pesquisa: Saúde, bem-estar e relações sociais num bairro em mudança; *Do-Live-Well Pour semer les graines du bien-être*; *Let's Make Pizza*, entre outros.

Sob a perspetiva de Suto, Smith & Channe (2021) é através da intervenção comunitária sócio ocupacional que o indivíduo poderá verificar uma melhoria e aumento da sua qualidade de vida, visto que é através destes projetos ou atividades que se identifica a melhoria de bem-estar físico e mental, sendo um importante elo de desenvolvimento psicossocial e emocional, "Estava super bem. Conversar, conviver com as pessoas, tudo, psicologicamente principalmente para aliviar o stress." (EP4).

De realçar que a EP1 apresenta-nos uma perspetiva diferenciada, na medida em que concorda que as atividades ou programas comunitários contribuem para o sentimento de bem-estar, contudo, preocupa-a a resistência daqueles que não participam, que não se integram e que se recusam a alterar os seus comportamentos, " Se não existir responsabilização e exigência para o cumprimento das regras quem não se conseguiu adaptar vai continuar a fazer como quer e tudo é permitido." Relacionado com esta afirmação, a literatura refere que se não existir identificação da pessoa para com o bairro social esta não irá promover espaços de defesa, nem a realização de ações de carácter coletivo. Devido ao autoestigma dos residentes este espaço do bairro é visto como um gueto social pela presença de condutas desviantes associando a uma imagem socialmente reprovada (Quintas, 2009).

No mesmo seguimento, surge a questão **"Estas ações ou atividades influenciam a sua identidade individual e do grupo?"**. Todos os entrevistados concordam que as atividades ou ações comunitárias são cruciais para a identidade individual e do grupo, na medida em que permitem o desenvolvimento de conhecimentos, recursos e ferramentas que possibilitam à pessoa a sua autonomização na comunidade. A identidade individual encontra-se diretamente relacionada com o vínculo estabelecido com determinadas situações ou pela pertença a determinadas categorias sociais (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016; Fong et al., 2021).

A próxima questão é sobre **"Quais são os principais motivos que implicam uma postura de resistência e de desistência de um programa?"**, direcionada para a **Dimensão Barreiras: Financiamento e rotatividade dos projetos de intervenção comunitária**.

Na perspetiva dos participantes, são identificados três principais motivos para a desistência ou a adoção de uma postura de resistência quanto à intervenção comunitária, dos quais podemos referir a falta de interesse, o entendimento sobre o propósito da intervenção e as interações sociais em si, manifestamente negativas.

Na perspetiva dos não participantes relaciona-se com interações sociais, também elas, negativas; associação de determinadas pessoas/etnias a comportamentos desviantes; situações profissionais condicionantes (pessoas que trabalham) ou pessoas de idade avançada e o descontentamento face ao espaço bairro e habitacional.

Nestas observações compreendemos a presença de diferentes barreiras, sejam elas relacionadas com fatores de resistência e desconfiança, fatores de carácter estrutural e estigma social.

A inclusão social é considerada um fator crucial para a emancipação comunitária (Grabbe, Ball & Goldstein, 2013), sendo que a intervenção comunitária é considerada um facilitador da inclusão social, na medida em que é através desta que surgem espaços ou momentos onde é possível criar conexões sociais, contactos, partilha de experiências pessoais ou o estreitamento das relações de vizinhança, o acesso a recursos, como a saúde, emprego, apoio social e/ou outros. Concomitantemente, além da função de facilitador, poderá assumir a função de redução do estigma e do autoestigma, visto que é em contexto de atividades ou ações comunitárias que surgem sentimentos de pertença, comunidade, identificação e inserção.

Posto isto, em oposição, verifica-se a barreira do estigma social identificada pelos entrevistados, no que diz respeito a " Não posso falar pelos outros, não sei. Só se for pela situação de serem pessoas mais velhas do que eu ou por trabalharem. Eles nos outros blocos não sei, estão ali pessoas e os ciganos eles querem lá saber disso e outro género de gente, drogados e etc...Aquelas pessoas não sabem estar, partem janelas e portas."(ENP2) Neste ponto concreto, observamos a associação do estigma social quer pela via da diversidade cultural e linguística através da exclusão de quem tem uma cultura diferente dos demais, bem como pela ligação a determinadas etnias ou pessoas em situações de vida mais vulneráveis, de comportamentos mais violentos, desviantes e menos aptos para incluírem a comunidade (Serivarathan et al., 2020).

A coesão comunitária pressupõe a criação de atividades ou ações de grupo potenciando o envolvimento ativo da comunidade, tendo como um dos principais objetivos o desenvolvimento da solidariedade entre vizinhos. Contudo, tal não se verifica, "Eu acho que depende das pessoas, às vezes há pessoas que entram. Bloqueiam a participação das outras pessoas. Às vezes por determinadas pessoas as outras não participam ou acabam por desistir." (ENP3); "Conflitos, desentendimentos. Por críticas lá dentro, vêm cá para fora e começam logo a criticar as pessoas que estavam lá dentro". (ENP4)

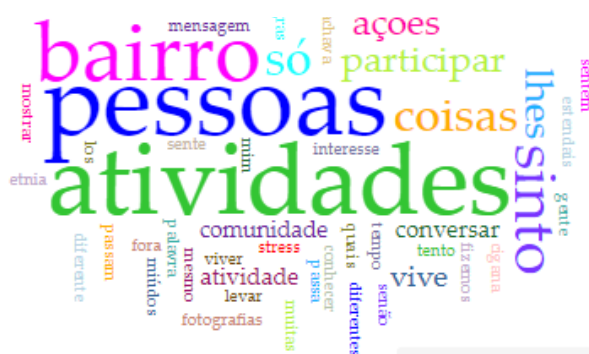
Quanto aos fatores de caráter estrutural compreende referir o próprio ambiente vivenciado no bairro, como por exemplo, conflitos, ações de violência ou perigosidade e, o descontentamento com o edificado "porque as pessoas estão revoltadas com certas coisas que se passam aqui no bairro. Eu também já falei e a mim quando me resolvem as coisas da minha casa? Oh vejo muita confusão e não gosto de ajuntamentos." (NP1)

Por fim, tendo por base Eriksson & Sørensen (2021), identificam-se os fatores de resistência e desconfiança relacionada com experiências de intervenção anteriores ou incompreensão da própria intervenção "Não sabem o porquê ou a existência daqui do gabinete." (EP2)

A última questão e sob a perspectiva dos participantes, é "**Que atividades ou ações já deixou de realizar por não se sentir integrado?**". No entanto, não se verifica qualquer análise desta questão, pois nenhum dos respondentes mencionou deixar de realizar uma atividade por não se considerarem integrados. Deste modo, compreendemos que os quatro entrevistados se encontram plenamente integrados.

Para finalizar a análise às entrevistas decidimos fazer uma análise integral às respostas dos participantes e dos não participantes, usando o *Voyant Tools*. Assim sendo, a que se segue relaciona-se com as respostas dos participantes e ao analisarmos a nuvem de palavras observamos que as palavras principais e de maior destaque para o estudo prendem-se com: bairro, pessoas, atividades, sinto, ações, comunidade, conversar, stress, viver, entre outras. Perante a nuvem de palavras apresentada, denota-se que o conjunto de palavras de destaque reflete as perspetivas dos residentes que participam nas atividades, demonstrando a importância destas atividades para o alívio de stress, oportunidade de convívio e viver em comunidade.

Ilustração 6 - Análise da perspectiva dos participantes



Fonte: Elaboração Própria

social e para o pleno desenvolvimento do indivíduo, sobretudo em bairros sociais estigmatizados e cujas relações de vizinhança se encontram debilitadas.

Na literatura identificamos projetos de intervenção social através dos quais se manifestam benefícios e barreiras da intervenção social sócio ocupacional e que nos permitem compreender e testar as hipóteses apresentadas no decorrer da pesquisa. Não obstante, é perceptível que a participação comunitária apresenta um reduzido envolvimento dos indivíduos que residem nos bairros sociais face ao público que poderia ser intervencionado. Perante o facto de residirem nestes locais indivíduos e famílias onde a vulnerabilidade social se faz presente, a intervenção comunitária surge como uma alternativa e solução, possibilitando encontrar estratégias e alternativas à situação em que se encontram, funcionando como um fator de proteção, bem como convencer famílias e/ou pessoas mais resistentes ou que não conseguem identificar os problemas que se fazem presentes nas suas vidas para a necessidade/benefícios da intervenção social (Suto, Smith & Channe, 2021).

O objetivo primordial desta intervenção é que as pessoas sintam que são parte importante no processo de mudança, sendo ouvidas e tendo um papel de decisoras desde o momento em que se identifica e constrói um plano de intervenção até ao momento da validação do mesmo (Jancovich, 2017).

O estudo realizado assume como objetivos principais conhecer e avaliar a perceção dos moradores em relação ao espaço bairro, a sua identidade social e cultural; conhecer e compreender a influência do processo de integração e o nível de participação nas dinâmicas do bairro e conhecer as vantagens, o impacto, os benefícios e barreiras de uma intervenção comunitária sócio ocupacional para a coesão social do próprio bairro através da perspectiva dos moradores e para a melhoria da intervenção comunitária sócio ocupacional na prática. Assim, as principais barreiras que se distinguem relacionam-se com os fatores de caráter estrutural, tanto habitacionais, psicossociais e o ambiente do espaço. As relações sociais estabelecidas também influenciam a predisposição dos residentes para se envolverem na comunidade, sendo frequente as pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade apresentarem conexões sociais comprometidas (Smyth, Harries & Dorer, 2011). A carência de socialização e de redes de sociabilidade equilibradas conduzem a problemas de variada ordem, dos quais se destacam os problemas de saúde mental e a qualidade de vida da população. Outra barreira identificada é de caráter pessoal, isto é, condicionantes de ordem física ou mental, obrigações familiares ou doenças que impedem que o indivíduo possa participar ativamente.

No que aos benefícios diz respeito, importa referir que o principal se desenvolve em função da inclusão social, sendo este o motor e chave para o pleno desenvolvimento da comunidade, influenciando as relações de vizinhança saudáveis e funcionais, o estigma e o autoestigma associado. A inclusão social possibilita o desenvolvimento do sentimento de pertença. O convívio e o desenvolvimento de novas competências/conhecimentos são os principais motivos pelos quais as pessoas decidem participar nas atividades, pelo que, conclui-se que um outro benefício preponderante se relaciona com a capacitação e empoderamento. Assim, é através da capacitação e empoderamento que é possível dotar as pessoas de

ferramentas e recursos que possibilitem gerar mudança social que permita à pessoa ser o agente de mudança na sua própria vida.

De forma a que intervenção comunitária decorra de forma ajustada e eficiente, tendo em conta as necessidades da população é importante que a os interventores sociais conheçam a realidade e realizem um diagnóstico que permita conhecer as necessidades da população. Neste sentido, a articulação e o envolvimento de elementos da comunidade é muito importante para o sucesso da intervenção, pelo que tanto a literatura como os dados recolhidos refletem a relevância da identificação de líderes locais que possibilitem conhecer a comunidade, o que realmente precisam e é o foco do seu interesse, conduzindo a uma intervenção direcionada e assertiva (Rottapel et al., 2020).

Neste estudo, uma das limitações é o curto espaço de tempo para a realização da recolha de dados e os seus potenciais constrangimentos com a demora na sua recolha, visto tratar-se de um público-alvo não tão disponível e com um nível de dificuldade acrescida em relação à perceção sobre as questões.

De futuro, seria interessante uma avaliação de impacto de um projeto de intervenção específico, o que permitiria mapear a intervenção, identificando mudanças de comportamento que devem suceder, falhas ou erros, áreas de intervenção no futuro da intervenção, objetivos e barreiras.

REFERÊNCIAS

- Abrantes, P. (2011). Para uma teoria da socialização. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXI, 2011, pág. 121-139
- Aguiar, E. & Tourinho, M. (2011, julho 17-21). *Discussões Metodológicas: A Perspectiva Qualitativa Na Pesquisa Sobre Ensino/ Aprendizagem Em História*. XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo, Brasil.
- Amaro, R. (2005). Toda a economia deveria ser solidária. *Pessoas e Lugares Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+*, 2(4-5).
- Augusto, M. N. (s.d). *Habitação Social – da intenção de inserção à ampliação da exclusão*. IV Congresso Português de Sociologia.
- Babbie, E. (2003). *Métodos de Pesquisa de Survey Tradução: Guilherme Cezarino*. (2ª reimpressão). UFMG.
- Bernardo, F. & Palma-Oliveira, J. M. (2016). Urban neighbourhoods and intergroup relations: The importance of place identity. *Journal of Environmental Psychology*, 45, 239-251.
- Blackwith, D. (2015). *Social work, poverty and social exclusion*. Nova Iorque: Open University Press
- Bott, E. (1990 [1971]). *Família e red social*. Madrid, Altea Taurus.
- Caetano, A. & Guadalupe, S. (2011). As Relações de Vizinhaça nas redes de suporte social num bairro social: Um estudo com residentes no Bairro de Santiago em Aveiro. *Revista Cidades, Comunidades e Territórios*, pp. 1-20.
- Capucha, L. (1990). Associativismo e modos de vida num bairro de habitação social. *Revista Sociologia – Problemas e Práticas nº8*.

- Carvalho, F. (2018). *Olhar o bairro a partir de dentro: estudo das percepções dos moradores do Bairro Social do Sobreiro*. [Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, no domínio da Educação, Comunidades e Mudança Social]. Repositório U. Porto.
- Connell J., Brazier J., O’Cathain, A., Lloyd-Jones, M. & Paisley S. (2012). Quality of life of people with mental health problems: a synthesis of qualitative research. *Health and Quality of Life Outcomes*, 138.
- Chang, M., Jetten, J., Cruwys, T., & Haslam, C. (2016). Cultural Identity and the Expression of Depression: A Social Identity Perspective. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 27(1), 16-34.
- Chatterjee, K., Chng, S., Clark, B., Davis, A., Vos, J., Ettema, D., Handy, S., Martin, A., & Reardon, L. (2019). Commuting and wellbeing: a critical overview of the literature with implications for policy and future research. *Transport Reviews*, 40 (1), 5-34.
- Cheshire, L. Fitzgerald, R., & Liu, Y. (2018). Neighbourhood change and neighbour complaints: how gentrification and densification influence the prevalence of problems between neighbours. *Urban Study*, 56(6), 1093-1112.
- Clavier, B. & Kauppinen, A. (2013). Art for integration: political rationalities and technologies of governmentalisation in the city of Malmö. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 21, 10-25.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas*. (2ª Edição). Almedina
- Cruwys, T., Fong, P., Evans, O., Batterham, P. & Cleave, A. L. (2022). Boosting neighbourhood identification to benefit wellbeing: Evidence from diverse community samples. *Journal of Environmental Psychology*, 81.
- Eriksson, B. & Sørensen, A. (2021). Public art projects in exposed social housing areas in Denmark – dilemmas and potentials. *Journal of Aesthetics & Culture*, 13.
- Fernández, X. (2009). *Intervenção Comunitária e Práticas de Inclusão*. *Saber & Educar*.nr 14 - Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Fieldhouse, J. (2003). The Impact of an Allotment Group on Mental Health Clients’ Health, Wellbeing and Social Networking. *British Journal of Occupational Therapy*, 66, 7
- Freire, C. (2013). *Viver com Qualidade: um Projeto de Intervenção num Bairro Social*. [Relatório de Estágio do Mestrado em Educação – área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária]. Repositório UMinho.
- Fong, P., Cruwys T., Robinson S. L., Haslam S. A., Haslam C., Mance P. L. & Fisher C. L. (2021). Evidence that loneliness can be reduced by a whole-of-community intervention to increase neighbourhood identification. *Social Science & Medicine*, 277.
- Gonçalves, H. (1994). Processos de (re)construção de identidades culturais num bairro social de habitação social. *Revista Sociologia – Problemas e Práticas*, nº16, pp.135-149.
- Grabbe L., Ball J. & Goldstein A. (2013). Gardening for the Mental Well-Being of Homeless Women. *Journal of Holistic Nursing - American Holistic Nurses Association*, 31, 4, 258-266.
- Guerra, I. (1994). *As Pessoas não são Coisas que se Ponham em Gavetas*. *Sociedade e Território*, nº20, 11-26. Porto: Afrontamento.
- Hastings, A. & Dean, J. (2003). Challenging images: Tackling stigma through estate regeneration. *Policy & Politics*, 31, 171-184.
- Heath, S., Rabinovich, A. & Barreto, M. (2017). Putting identity into the community: Exploring the social dynamics of urban regeneration. *European Journal of Social Psychology*, 47, 855-866.
- Jancovich, L. (2017). Creative people and places – an experiment in place-based funding. *Journal of Arts & Communities*, 9, 2, 129-147.
- Jensen, S. Q. & Christensen, A. (2012). Territorial stigmatization and local belonging: A study of the Danish neighbourhood Aalborg East. *Analysis of Urban Change, Theory, Action*, 16, 74-92.
- Kearns, A. & Whitley, E. (2018). Perceived neighborhood ethnic diversity and social outcomes: Context-dependent effects within a postindustrial city undergoing regeneration. *Journal of Urban Affairs*, 40:2, 186-208.
- Kearns, A. & Parkinson, M. (2001). The Significance of Neighbourhood. *Urban Studies*, 38, 12, 2103-2110.
- Kim, J. (2010). Neighborhood disadvantage and mental health: The role of neighborhood disorder and social relationships. *Social Science Research*, 39, 260-271.
- Labandeiro I. R. (2004). *“A vida num Cerco”*. *Exclusão Social – Um Estudo de Caso e Histórias de Vida no Bairro do Cerco do Porto*. [Dissertação de Mestrado em Sociologia]. Repositório U.Porto.

- Liljas, A., Walters, K., Jovicic, A., Iliffe, S., Manthorpe, J., Goodman, C. & Kharicha, k. (2017). Strategies to improve engagement of 'hard to reach' older people in research on health promotion: a systematic review. *BMC Public Health*, 17, 349.
- Marloes, M. Hoogerbrugge & Martijn J. Burger (2018) NeighborhoodBased social capital and life satisfaction: the case of Rotterdam. *The Netherlands, Urban Geography*, 39:10.
- Matias, F. (2018). *A Intervenção Social e Comunitária como estratégia de Inclusão Social no Bairro de Santiago em Aveiro.* [Relatório de Estágio do Mestrado em Educação – área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária]. UPT – Universidade Portucalense.
- Norris, M., Byrne, M. & Carnegie, A. (2018). Combatting stigmatisation of social housing neighbourhoods in Dublin, Ireland. *International Journal of Housing Policy*, 19, 254-266.
- Peralta, S., Carvalho, P. & Esteves, M. (2022). Portugal, Balanço Social 2021 – Um retrato do país e de um ano de pandemia. *Relatório Fundação “la Caixa” e BPI*.
- Pinto, T., & Gonçalves, A. (2000). Os bairros sociais vistos por si mesmos. *Revista Cidades – Comunidades e Territórios nº1*.
- Proshansky, H., Fabian, A., & Kaminoff, R. (1893). Place-identity: Physical World Socialization of the Self. *Journal of Environmental Psychology*, 3, 57-83.
- Quintas, A. (2008). *Onde está o bairro social? O caso de um realojamento social em lotes dispersos na Freguesia da Brandoa: Percepção dos residentes sobre o novo espaço residencial.* [Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa]. Repositório ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Quivy, R. and Campenhoudt, L. (1998): Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva.
- Ramos, A. (2005). *Crianças, Tecnologias e Aprendizagem: contributo para uma teoria substantiva* [Tese de Doutoramento: Universidade do Minho]. Repositório UMinho.
- Rodrigues, C. (2021). *A evolução recente dos indicadores de pobreza, desigualdade e exclusão social.* Documentário Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Roque Amaro, R. (2003). Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. *Cadernos de Estudos Africanos*, nº4. Lisboa: I.S.C.T.E.
- Roths, L. (2009). *A Recomposição Induzida do Campo da Educação Básica de Adultos.* Edição: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Repositório P. Porto.
- Rottapel, R., Zhou, E., Spadola, C., Clark, C., Kontos, E., Laver, K., Chen, J., Redline, S. & Bertisch, S. (2020). Adapting sleep hygiene for community interventions: a qualitative investigation of sleep hygiene behaviors among racially/ethnically diverse, low-income adults. *Sleep Health*, 6, 205-213.
- Sebastião, J. (1998). *Crianças da Rua – Modos de Vida Marginais na Cidade de Lisboa.* Oeiras: Celta Editora.
- Schang, A. (2018). The artist as social worker vs. the artist as social wanker. *Museums & Social Issues: A Journal of Reflective Discourse*, 13, 8-23.
- Smyth, G., Harries, P. & Dorer, G. (2011). Exploring mental health service users' experiences of social inclusion in their community occupations. *British Journal of Occupational Therapy*, 74, 323-331.
- Soczka, L. (1988). Ecologia social do risco psicológico em meio urbano. *Revista de Psicologia VI*, n.º 3, pp.207-346.
- Srivarathan, A., Lund, R., Christensen, U. & Kristiansen, M. (2020). Social Relations, Community Engagement and Potentials: A Qualitative Study Exploring Resident Engagement in a Community-Based Health Promotion Intervention in a Deprived Social Housing Area. *Internacional Journal of Environmental Research and Public Health*.
- Spadola, C., Rottapel, R., Zhou, E., Chen, J., Guo, N., Khalsa, S., Redline, S & Bertisch, S. (2020). A sleep hygiene and yoga intervention conducted in affordable housing communities: Pilot study results and lessons for a future trial. *Complement ther Clin Pract*, 39.
- Srivarathan, A., Lund, R., Christensen, U. & Kristiansen, M. (2020). Social Relations, Community Engagement and Potentials: A Qualitative Study Exploring Resident Engagement in a Community-Based Health Promotion Intervention in a Deprived Social Housing Area. *Internacional Journal of Environmental Research and Public Health*, 17, 2341.
- Stefaniak, A., Bilewicz, M. & Lewicka, M. (2017). The merits of teaching local history: Increased place attachment enhances civic engagement and social trust. *Journal of Environmental Psychology*, 51, 217-225.

- Stevenson, C., McNamara, N. & Muldoon, O. (2014). Stigmatised Identity and Service Usage in Disadvantaged Communities: Residents', Community Workers' and Service Providers' Perspectives. *Journal of Community & Applied Social Psychology*.
- Suto, M., Smith, A., Damiano, N. & Channe, S. (2021). Participation in Community Gardening: Sowing the Seeds of Well-Being: Participation au jardinage communautaire: pour semer les graines du bien-être. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, 88.
- Wacquant, L. (2008). *Urban Outcasts. A Comparative Sociology of Advanced Marginality*. Polity Press.
- Wilson, N. & Cordier, R. (2013). A narrative review of Men's Sheds literature: reducing social isolation and promoting men's health and well-being. *Health and Social Care – Faculty of Health Science, Centre of Disability Research and Policy*, 21, 5

ANEXOS

ANEXO I – ANÁLISE DESCRITIVA E TABELAS DE DUPLA ENTRADA

Tabela 9 - População inquirida (dados gerais)

		Statistics						
		Faixa etária	Género	Habilitações Literárias	Nacionalidade	Bairro Social	Situação Profissional	Categoria
N	Valid	129	129	129	2	129	129	129
	Missing	0	0	0	127	0	0	0

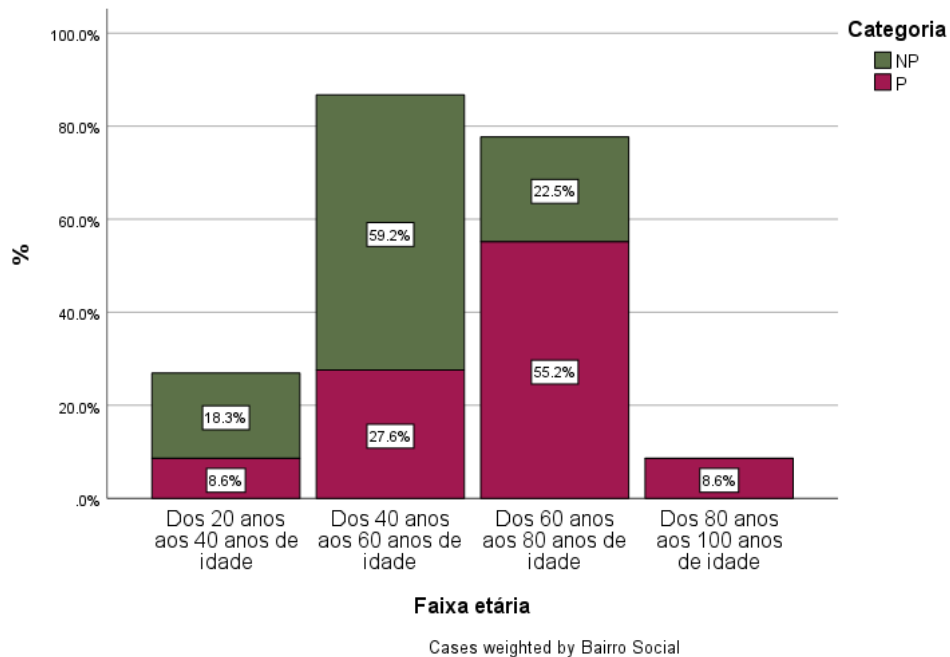
Fonte: Elaboração Própria

Tabela 10 - População inquirida por género e categoria

			Crosstab		
			Categoria		
			NP	P	Total
Género	Feminino	Count	48	53	101
		% within Categoria	67.6%	91.4%	78.3%
	Masculino	Count	23	5	28
		% within Categoria	32.4%	8.6%	21.7%
Total	Count	71	58	129	
	% within Categoria	100.0%	100.0%	100.0%	

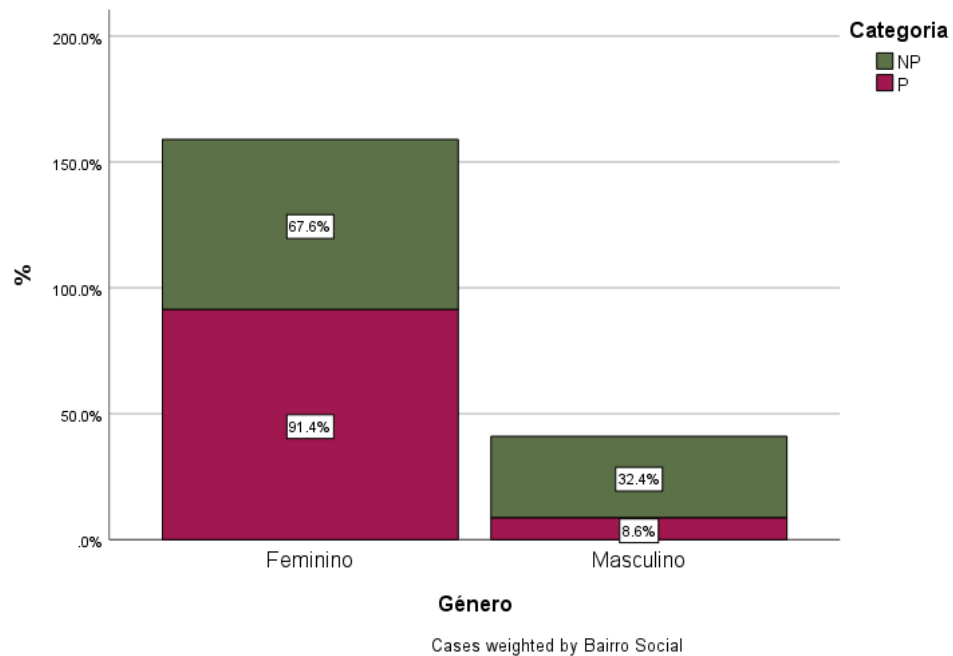
Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 13 - População inquirida por faixa etária



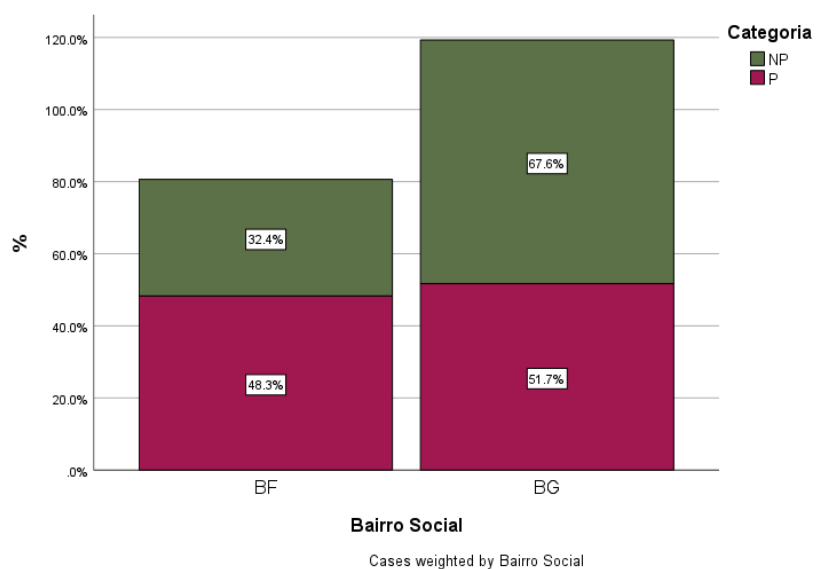
Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 14 - Categoria por gênero



Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 15 - Categoria por bairro social



Fonte: Elaboração Própria

Tabela 11 - Tabulação Cruzada entre faixa etária e gênero

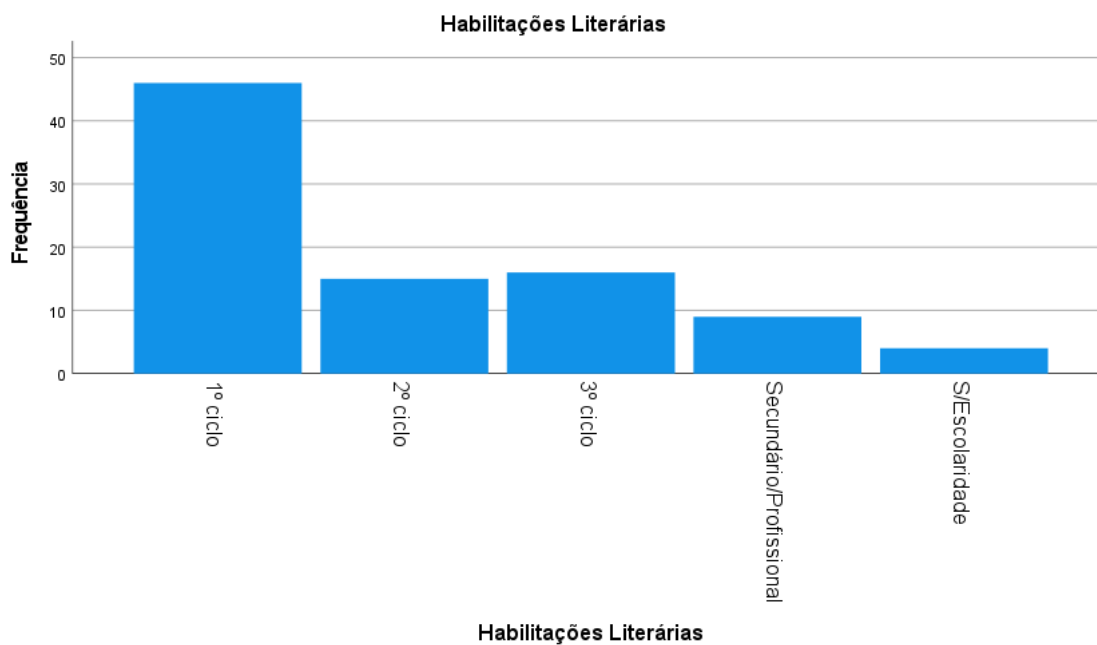
Tabulação cruzada Faixa etária * Gênero

Contagem

Faixa etária		Género		Total
		Feminino	Masculino	
	Dos 20 anos aos 40 anos de idade	13	2	15
	Dos 40 anos aos 60 anos de idade	27	11	38
	Dos 60 anos aos 80 anos de idade	28	5	33
	Dos 80 anos aos 100 anos de idade	3	1	4
Total		71	19	90

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 16 - População inquirida por habilitações literárias



Fonte: Elaboração Própria

Tabela 12 - Habilitações literárias por inquiridos

Habilitações Literárias		
	N	%
1º ciclo	64	49.6%
2º ciclo	21	16.3%
3º ciclo	24	18.6%
Secundário/Profissional	13	10.1%
S/Escolaridade	7	5.4%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 13 - População inquirida por habilitações literárias e categoria

Crosstab

			Categoria		Total
			NP	P	
Habilitações Literárias	1º ciclo	Count	30	34	64
		% within Categoria	42.3%	58.6%	49.6%
	2º ciclo	Count	14	7	21
		% within Categoria	19.7%	12.1%	16.3%
	3º ciclo	Count	15	9	24
		% within Categoria	21.1%	15.5%	18.6%
	Secundário/Profissional	Count	10	3	13
		% within Categoria	14.1%	5.2%	10.1%
	S/Escolaridade	Count	2	5	7
		% within Categoria	2.8%	8.6%	5.4%
	Total	Count	71	58	129
		% within Categoria	100.0%	100.0%	100.0%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 14 - População inquirida por situação profissional e categoria

Crosstab

			Categoria		Total
			NP	P	
Situação Profissional	Reformado/a	Count	23	37	60
		% within Categoria	32.4%	63.8%	46.5%
	Desempregado/a	Count	26	15	41
		% within Categoria	36.6%	25.9%	31.8%
	Empregado/a	Count	8	0	8
		% within Categoria	11.3%	0.0%	6.2%
	S/Informação	Count	14	6	20
		% within Categoria	19.7%	10.3%	15.5%
	Total	Count	71	58	129
		% within Categoria	100.0%	100.0%	100.0%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 15 - População inquirida por bairro social

Bairro Social		
	N	%
BF	51	39.5%
BG	78	60.5%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 16 - População inquirida por faixa etária

Faixa etária		
	N	%
Dos 20 anos aos 40 anos de idade	18	14.0%
Dos 40 anos aos 60 anos de idade	58	45.0%
Dos 60 anos aos 80 anos de idade	48	37.2%
Dos 80 anos aos 100 anos de idade	5	3.9%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 17 - População inquirida por género

Género		
	N	%
Feminino	101	78.3%
Masculino	28	21.7%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 18 - Nível de integração na comunidade onde vive da população inquirida

1. Dimensões Benefícios: Inclusão Social, conjunto de ações com vista a melhorar as condições de participação na sociedade das pessoas mais vulneráveis. 1.1. Considero-me integrado/a na comunidade onde vivo?

	N	%
Discordo	8	6.2%
Não concordo nem discordo	8	6.2%
Concordo	78	60.5%
Concordo totalmente	35	27.1%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 19 - População inquirida por categoria e nível de integração

Crosstab

			Categoria		Total
			NP	P	
1. Dimensões Benefícios: Inclusão Social, conjunto de ações com vista a melhorar as condições de participação na sociedade das pessoas mais vulneráveis. 1.1. Considero-me integrado/a na comunidade onde vivo?	Discordo	Count	7	1	8
		% within Categoria	9.9%	1.7%	6.2%
	Não concordo nem discordo	Count	6	2	8
		% within Categoria	8.5%	3.4%	6.2%
	Concordo	Count	47	31	78
		% within Categoria	66.2%	53.4%	60.5%
	Concordo totalmente	Count	11	24	35
		% within Categoria	15.5%	41.4%	27.1%
Total	Count		71	58	129
	% within Categoria		100.0%	100.0%	100.0%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 20 - Perceção entre a realização de atividades e a atribuição bairro de sensações positivas, de acolhimento e segurança

Crosstab

			Categoria		Total
			NP	P	
4. Coesão Comunitária, isto é, partilha de valores, objetivos, atitudes e hábitos dentro da mesma comunidade.	Discordo	Count	6	2	8
		% within Categoria	8.5%	3.4%	6.2%
4.1. A realização de atividades ou ações que permitem a participação e a integração de toda a população atribuí ao bairro sensações positivas, de acolhimento e segurança?	Não concordo nem discordo	Count	3	6	9
		% within Categoria	4.2%	10.3%	7.0%
	Concordo	Count	57	36	93
		% within Categoria	80.3%	62.1%	72.1%
	Concordo totalmente	Count	5	14	19
		% within Categoria	7.0%	24.1%	14.7%
Total	Count		71	58	129
	% within Categoria		100.0%	100.0%	100.0%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 21 - Percepção sobre a informação divulgada

Crosstab

			Categoria		Total
			NP	P	
4.2. Considera que a informação divulgada sobre as atividades ou ações é ajustada ou tem acesso à mesma?	Discordo totalmente	Count	4	1	5
		% within Categoria	5.6%	1.7%	3.9%
	Discordo	Count	9	2	11
		% within Categoria	12.7%	3.4%	8.5%
	Não concordo nem discordo	Count	8	3	11
		% within Categoria	11.3%	5.2%	8.5%
	Concordo	Count	48	36	84
		% within Categoria	67.6%	62.1%	65.1%
	Concordo totalmente	Count	2	16	18
		% within Categoria	2.8%	27.6%	14.0%
	Total	Count	71	58	129
		% within Categoria	100.0%	100.0%	100.0%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 22 - Percepção dos inquiridos em relação à opção "Falta de interesse pelas atividades/ações realizadas"

Crosstab

			Categoria		Total
			NP	P	
Falta de interesse pelas atividades/ações realizadas	Não	Count	16	4	20
		% within Categoria	22.5%	6.9%	15.5%
	Sim	Count	55	54	109
		% within Categoria	77.5%	93.1%	84.5%
Total	Count	71	58	129	
	% within Categoria	100.0%	100.0%	100.0%	

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 23 - Percepção dos inquiridos em relação à influência do ambiente para o envolvimento comunitário

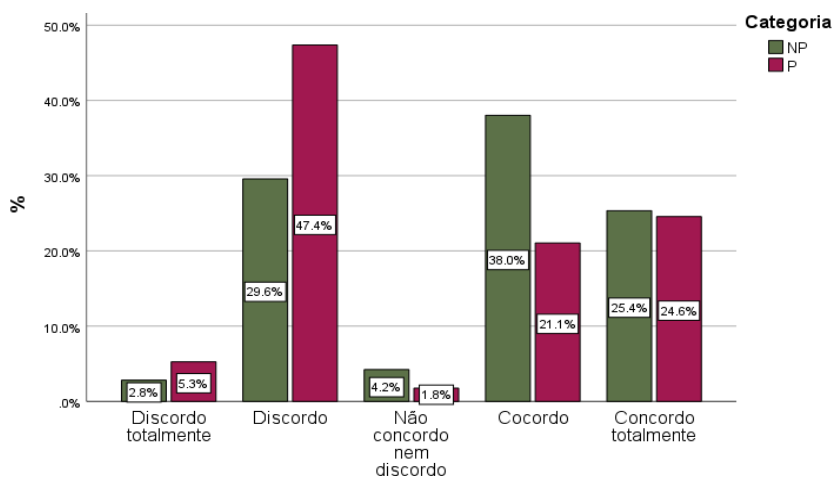
Crosstab

			Categoria		Total
			NP	P	
	Discordo totalmente	Count	5	19	24
		% within Categoria	7.0%	33.3%	18.8%

6.3. O ambiente do local onde vive compromete o seu envolvimento comunitário?	Discordo	Count	37	25	62
		% within Categoria	52.1%	43.9%	48.4%
	Não concordo nem discordo	Count	5	2	7
		% within Categoria	7.0%	3.5%	5.5%
	Concordo	Count	24	9	33
		% within Categoria	33.8%	15.8%	25.8%
Concordo totalmente	Count	0	2	2	
	% within Categoria	0.0%	3.5%	1.6%	
Total	Count	71	57	128	
	% within Categoria	100.0%	100.0%	100.0%	

Fonte: Elaboração Própria

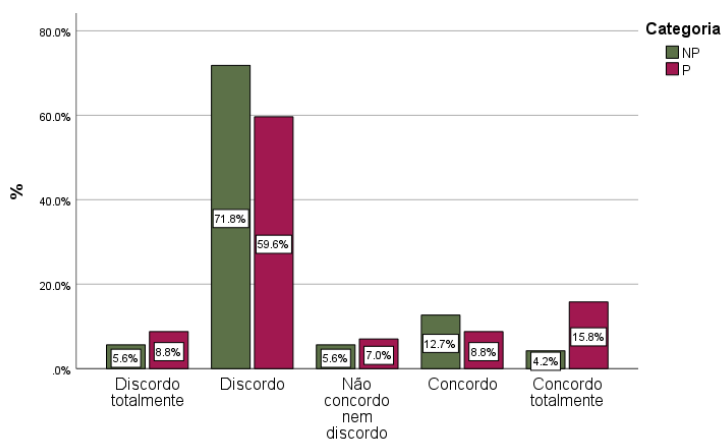
Gráfico 17 - Presença de um "olhar diferente" para com o bairro



6.1. Verifica a presença de um "olhar diferente" por parte da ...
Cases weighted by Bairro Social

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 18 - Relação entre as atividades consideradas mais femininas ou com maior participação de mulheres coloca os homens que participem numa posição frágil?



6.5. Atividades consideradas mais femininas ou com maior ...

Cases weighted by Bairro Social

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 24 - Percepção dos inquiridos sobre serem excluídos dentro do próprio bairro

Crosstab

			Categoria		Total
			NP	P	
6.7. Sente que já foi excluído (dentro do próprio bairro) por ter uma característica que o diferencia das outras pessoas?	Discordo totalmente	Count	9	19	28
		% within Categoria	12.7%	32.8%	21.7%
	Discordo	Count	52	35	87
		% within Categoria	73.2%	60.3%	67.4%
	Não concordo nem discordo	Count	2	1	3
		% within Categoria	2.8%	1.7%	2.3%
	Concordo	Count	4	3	7
		% within Categoria	5.6%	5.2%	5.4%
	Concordo totalmente	Count	4	0	4
		% within Categoria	5.6%	0.0%	3.1%
	Total	Count	71	58	129
		% within Categoria	100.0%	100.0%	100.0%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 25 - Percepção sobre a influência do próprio bairro para a motivação e oportunidade de participar em atividades

Crosstab

			Categoria		Total
			NP	P	
7. Carácter Estrutural, a forma como algo é construído e forma de funcionamento.	Discordo totalmente	Count	5	18	23
		% within Categoria	7.0%	31.0%	17.8%
	Discordo	Count	35	26	61
		% within Categoria	49.3%	44.8%	47.3%
7.1. O próprio bairro e o seu ambiente influenciam a sua motivação e a oportunidade de participar?	Não concordo nem discordo	Count	10	0	10
		% within Categoria	14.1%	0.0%	7.8%
	Concordo	Count	19	12	31
		% within Categoria	26.8%	20.7%	24.0%
	Concordo totalmente	Count	2	2	4
		% within Categoria	2.8%	3.4%	3.1%
Total	Count	71	58	129	
	% within Categoria	100.0%	100.0%	100.0%	

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 26 - Percepção sobre o horário e a duração das atividades como condicionante para a participação

Crosstab

			Categoria		Total
			NP	P	
7.2. O comprometimento com as ações, ou seja, a duração ou o seu horário pode ser um fator que condiciona a sua participação?	Discordo totalmente	Count	4	18	22
		% within Categoria	5.6%	31.0%	17.1%
	Discordo	Count	25	27	52
		% within Categoria	35.2%	46.6%	40.3%
	Não concordo nem discordo	Count	7	4	11
		% within Categoria	9.9%	6.9%	8.5%
	Concordo	Count	32	9	41
		% within Categoria	45.1%	15.5%	31.8%
	Concordo totalmente	Count	3	0	3
		% within Categoria	4.2%	0.0%	2.3%
	Total	Count	71	58	129
		% within Categoria	100.0%	100.0%	100.0%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 27 - Percepção do inquirido em relação à área habitacional para a motivação e a capacidade de se integrar na comunidade

Crosstab

			Categoria		Total
			NP	P	
7.3. Sente que a existência de uma situação que possa não se encontrar como pretendido na sua área habitacional influencia a sua motivação e capacidade para integrar a comunidade?	Discordo totalmente	Count	7	16	23
		% within Categoria	9.9%	27.6%	17.8%
	Discordo	Count	32	22	54
		% within Categoria	45.1%	37.9%	41.9%
	Não concordo nem discordo	Count	4	6	10
		% within Categoria	5.6%	10.3%	7.8%
	Concordo	Count	23	10	33
		% within Categoria	32.4%	17.2%	25.6%
	Concordo totalmente	Count	5	4	9
		% within Categoria	7.0%	6.9%	7.0%
	Total	Count	71	58	129
		% within Categoria	100.0%	100.0%	100.0%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 28 - Análise de frequências dos motivos pelos quais os residentes decidem participar

		Estatísticas				
		Fortalecer as relações interpessoais	Convívio	Ocupação	Desenvolver novas competências/co nhecimentos	Sentir-me incluído
N	Válido	43	43	43	43	43

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 29 – Relações interpessoais

Fortalecer as relações interpessoais		
	N	%
Não	27	62,8%
Sim	16	37,2%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 30 - Convívio

Convívio		
	N	%
Não	12	27,9%
Sim	31	72,1%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 31 - Ocupação

Ocupação		
	N	%
Não	16	37,2%
Sim	27	62,8%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 32 - Desenvolver novas competências/conhecimentos

Desenvolver novas competências/conhecimentos		
	N	%
Não	13	30,2%
Sim	30	69,8%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 33 - Sentir-me incluído

Sentir-me incluído		
	N	%
Não	33	76,7%
Sim	10	23,3%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 34 - Atividades comunitárias - relaxamento/meditação

Relaxamento/Meditação		
	N	%
Não	27	62,8%
Sim	16	37,2%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 35 - Atividades comunitárias - caminhadas

Caminhadas		
	N	%
Não	31	72,1%
Sim	12	27,9%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 36 - Atividades comunitárias - cinema

Cinema		
	N	%
Não	32	74,4%
Sim	11	25,6%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 37 - Atividades comunitárias - visitas a exposições

Visitas a exposições		
	N	%
Não	24	55,8%
Sim	19	44,2%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 38 - Atividades comunitárias - ateliers de trabalhos manuais

Ateliers de trabalhos manuais		
	N	%
Não	27	62,8%
Sim	16	37,2%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 39 - Atividades comunitárias - yoga e yoga do riso

Yoga e Yoga do Riso		
	N	%
Não	36	83,7%
Sim	7	16,3%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 40 - Atividades comunitárias - atividades desportivas

Atividades desportivas		
	N	%
Não	43	47,3%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 41 - Atividades comunitárias - grupos de jogos tradicionais

Grupos de jogos tradicionais		
	N	%
Não	42	97,7%
Sim	1	2,3%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 42 - Atividades comunitárias - oficinas/workshops informativos

Oficinas/Workshops informativos		
	N	%
Não	18	41,9%
Sim	25	58,1%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 43 - Atividades comunitárias - atividades de culinária

Atividades de culinária		
	N	%
Não	32	74,4%
Sim	11	25,6%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 44 - Sentimentos associados às atividades - bem-estar

Bem-estar		
	N	%
Não	9	20,9%
Sim	33	79,1%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 45 - Sentimentos associados às atividades - sentimento de pertença

Sentimento de pertença		
	N	%
Não	22	51,2%
Sim	20	48,8%

Tabela 46 - Sentimentos associados às atividades - vontade de participar e se envolver na vida e nas decisões do bairro

Vontade de participar e se envolver na vida e nas decisões do bairro

	N	%
Não	22	51,2%
Sim	20	48,8%

Tabela 47 - Sentimentos associados às atividades - associar o bairro a um espaço seguro e onde gosta de estar

Associar o bairro a um espaço seguro e onde gosta de estar

	N	%
Não	18	41,9%
Sim	24	58,1%

Tabela 48 - Sentimentos associados à participação nas atividades

Ao participar nas atividades ou ações comunitárias que sentimentos experimentou?

	N	%
	49	53,8%
Sensação de bem-estar	4	4,4%
Sensação de bem-estar, Encontro de um propósito, Melhoria da sua saúde física e mental	2	2,2%
Sensação de bem-estar, Encontro de um propósito, Vontade de participar ativamente na comunidade, Melhoria da sua saúde física e mental	1	1,1%

Sensação de bem-estar, Melhoria da sua saúde física e mental	4	4,4%
Sensação de bem-estar, Melhoria da sua saúde física e mental, Realização pessoal e identitária	2	2,2%
Sensação de bem-estar, Sensação de segurança, Encontro de um propósito, Vontade de participar ativamente na comunidade, Realização pessoal e identitária	1	1,1%
Sensação de bem-estar, Sensação de segurança, Melhoria da sua saúde física e mental	2	2,2%
Sensação de bem-estar, Sensação de segurança, Sentimento de utilidade, Encontro de um propósito, Vontade de participar ativamente na comunidade, Melhoria da sua saúde física e mental, Realização pessoal e identitária	5	5,5%
Sensação de bem-estar, Sensação de segurança, Sentimento de utilidade, Vontade de participar ativamente na comunidade	1	1,1%
Sensação de bem-estar, Sensação de segurança, Sentimento de utilidade, Vontade de participar ativamente na comunidade, Melhoria da sua saúde física e mental	1	1,1%
Sensação de bem-estar, Sentimento de utilidade, Encontro de um propósito	1	1,1%

Sensação de bem-estar, Sentimento de utilidade, Encontro de um propósito, Melhoria da sua saúde física e mental	3	3,3%
Sensação de bem-estar, Sentimento de utilidade, Encontro de um propósito, Melhoria da sua saúde física e mental, Realização pessoal e identitária	1	1,1%
Sensação de bem-estar, Sentimento de utilidade, Encontro de um propósito, Vontade de participar ativamente na comunidade, Melhoria da sua saúde física e mental	2	2,2%
Sensação de bem-estar, Sentimento de utilidade, Encontro de um propósito, Vontade de participar ativamente na comunidade, Melhoria da sua saúde física e mental, Realização pessoal e identitária	1	1,1%
Sensação de bem-estar, Sentimento de utilidade, Melhoria da sua saúde física e mental	1	1,1%
Sensação de bem-estar, Sentimento de utilidade, Vontade de participar ativamente na comunidade, Melhoria da sua saúde física e mental	1	1,1%
Sensação de bem-estar, Vontade de participar ativamente na comunidade, Melhoria da sua saúde física e mental	4	4,4%

Sensação de segurança, Sentimento de utilidade	1	1,1%
Sensação de segurança, Sentimento de utilidade, Vontade de participar ativamente na comunidade, Melhoria da sua saúde física e mental	1	1,1%
Sentimento de utilidade, Encontro de um propósito	1	1,1%
Sentimento de utilidade, Encontro de um propósito, Vontade de participar ativamente na comunidade, Melhoria da sua saúde física e mental	1	1,1%
Sentimento de utilidade, Vontade de participar ativamente na comunidade, Melhoria da sua saúde física e mental	1	1,1%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 49 - Sentimentos associados à participação - Sensação de Bem-estar

Sensação de bem-estar		
	N	%
Não	5	11,6%
Sim	38	88,4%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 50 - Sentimentos associados à participação - Sensação de Segurança

Sensação de segurança		
	N	%
Não	32	74,4%
Sim	11	25,6%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 51 - Sentimentos associados à participação - Sentimento de Utilidade

Sentimento de utilidade		
	N	%
Não	21	48,8%
Sim	22	51,2%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 52 - Sentimentos associados à participação - Encontro de um Propósito

Encontro de um propósito		
	N	%
Não	24	55,8%
Sim	19	44,2%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 53 - Sentimentos associados à participação - Vontade de Participar Ativamente na Comunidade

Vontade de participar ativamente na comunidade		
	N	%
Não	23	53,5%
Sim	20	46,5%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 54 - Sentimentos associados à participação - Melhoria da sua Saúde Física e Mental

Melhoria da sua saúde física e mental		
	N	%
Não	10	23,3%
Sim	33	76,7%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 55 - Sentimentos associados à participação - Realização Pessoal e Identitária

Realização pessoal e identitária		
	N	%
Não	33	76,7%

Sim	10	23,3%
-----	----	-------

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 56 - Os conhecimentos adquiridos têm impacto no dia-a-dia?

Os conhecimentos que desenvolveu com sua participação têm impacto no seu dia-a-dia?

	N	%
Discordo	6	14,0%
Não concordo nem discordo	3	7,0%
Concordo	22	51,2%
Concordo totalmente	12	27,9%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 57 - Análise por nível de entendimento dos participantes

		Estatísticas						
		Nível de entendimento das questões [Questões 1.1. a 1.5.]	Nível de entendimento das questões [Questão 2.1.]	Nível de entendimento das questões [Questões 3.1 a 3.3.]	Nível de entendimento das questões [Questões 4.1 a 4.2]	Nível de entendimento das questões [Questões 5.1. a 5.3.]	Nível de entendimento das questões [Questões 6.1. a 6.7.]	Nível de entendimento das questões [Questões 7.1. a 7.3.]
N	Válido	44	44	44	44	44	44	44
	Omisso	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 58 - Análise do nível de entendimento – dos participantes (questões 1.1 a 1.5)

Nível de entendimento das questões [Questões 1.1. a 1.5.] – Participação

	N	%
2 - Não entendeu	2	4,5%
3 - Não sabe se entendeu	4	9,1%
4 - Entendeu	8	18,2%
5 - Entendeu perfeitamente	30	68,2%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 59- Análise do nível de entendimento dos participantes (questão 2.1)

**Nível de entendimento das questões [Questão 2.1.] -
Participação**

	N	%
3 - Não sabe se entendeu	1	2,3%
4 - Entendeu	13	29,5%
5 - Entendeu perfeitamente	30	68,2%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 60 - Análise do nível de entendimento dos participantes (questões 3.1 a 3.3)

**Nível de entendimento das questões [Questões 3.1 a
3.3.] - Participação**

	N	%
	1	2,3%
2 - Não entendeu	1	2,3%
3 - Não sabe se entendeu	3	6,8%
4 - Entendeu	10	22,7%
5 - Entendeu perfeitamente	29	65,9%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 61 - Análise do nível de entendimento dos participantes (questões 4.1 a 4.2)

**Nível de entendimento das questões [Questões 4.1 a
4.2]**

	N	%
	1	2,3%
2 - Não entendeu	3	6,8%
3 - Não sabe se entendeu	2	4,5%
4 - Entendeu	8	18,2%
5 - Entendeu perfeitamente	30	68,2%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 62 - Análise do nível de entendimento dos participantes (questões 5.1 a 5.3)

**Nível de entendimento das questões [Questões 5.1. a
5.3.]**

	N	%
--	---	---

2 - Não entendeu	6	13,6%
3 - Não sabe se entendeu	3	6,8%
4 - Entendeu	9	20,5%
5 - Entendeu perfeitamente	26	59,1%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 63 - Análise do nível de entendimento dos participantes (questões 6.1 a 6.7)

Nível de entendimento das questões [Questões 6.1. a 6.7.]

	N	%
2 - Não entendeu	3	6,8%
3 - Não sabe se entendeu	6	13,6%
4 - Entendeu	6	13,6%
5 - Entendeu perfeitamente	29	65,9%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 64 - Análise do nível de entendimento dos participantes (questões 7.1 a 7.3)

Nível de entendimento das questões [Questões 7.1. a 7.3.]

	N	%
	2	4,5%
2 - Não entendeu	5	11,4%
3 - Não sabe se entendeu	6	13,6%
4 - Entendeu	7	15,9%
5 - Entendeu perfeitamente	24	54,5%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 65 - Análise por nível de entendimento por não participante

Estatísticas					
	Nível de entendimento das questões [Questões 1.1. a 1.4.]	Nível de entendimento das questões [Questões 2.1. a 2.2.]	Nível de entendimento das questões [Questões 3.1. a 3.3.]	Nível de entendimento das questões [Questões 4.1. a 4.7.]	Nível de entendimento das questões [Questões 5.1. a 5.3.]
N	Válido	47	47	47	47

Omisso	0	0	0	0	0
--------	---	---	---	---	---

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 66 - Análise do nível de entendimento dos não participantes (questões 1.1 a 1.4)

Nível de entendimento das questões [Questões 1.1. a 1.4.]

	N	%
2 - Não entendeu	3	6,4%
3 - Não sabe se entendeu	3	6,4%
4 - Entendeu	8	17,0%
5 - Entendeu perfeitamente	33	70,2%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 67 - Análise do nível de entendimento dos não participantes (questões 2.1 a 2.2)

Nível de entendimento das questões [Questões 2.1. a 2.2.]

	N	%
2 - Não entendeu	1	2,1%
3 - Não sabe se entendeu	4	8,5%
4 - Entendeu	8	17,0%
5 - Entendeu perfeitamente	34	72,3%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 68 - Análise do nível de entendimento dos não participantes (questões 3.1 a 3.3)

Nível de entendimento das questões [Questões 3.1. a 3.3.]

	N	%
2 - Não entendeu	2	4,3%
3 - Não sabe se entendeu	4	8,5%
4 - Entendeu	7	14,9%
5 - Entendeu perfeitamente	34	72,3%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 69 - Análise do nível de entendimento dos não participantes (questões 4.1 a 4.7)

Nível de entendimento das questões [Questões 4.1. a 4.7.]

	N	%
2 - Não entendeu	4	8,5%
3 - Não sabe se entendeu	6	12,8%
4 - Entendeu	4	8,5%
5 - Entendeu perfeitamente	33	70,2%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 70 - Análise do nível de entendimento dos não participantes (questões 5.1 a 5.3)

Nível de entendimento das questões [Questões 5.1. a 5.3.]

	N	%
2 - Não entendeu	2	4,3%
3 - Não sabe se entendeu	9	19,1%
4 - Entendeu	7	14,9%
5 - Entendeu perfeitamente	29	61,7%

Fonte: Elaboração Própria

ANEXO II – GUIÃO ENTREVISTA PARTICIPANTES

Guião Entrevista Participantes

1. Como se sente no espaço bairro?
2. Relativamente à comunidade onde vive, como se sente?
3. Quais são as atividades ou ações em que costuma participar?
4. As ações decorrem em grupo ou individualmente?
5. Existe neste grupo pessoas de diferentes nacionalidades, etnias ou raças? Se sim, quais são as principais diferenças da participação num grupo culturalmente diverso?
6. Como podemos motivar à participação?
7. De que forma é que participar em atividades ou programas comunitários contribuí para o sentimento de bem-estar?
8. Estas ações ou atividades influenciam a sua identidade individual e do grupo?
9. Quais são os principais motivos que implicam uma postura de resistência e de desistência de um programa?
10. Que atividades ou ações já deixou de realizar por não se sentir integrado?

ANEXO III – GUIÃO ENTREVISTA NÃO PARTICIPANTES

Guião Entrevista Não Participante

1. Como se sente no espaço bairro e na comunidade em que vive?
2. Já participou de alguma atividade ou ação promovida no bairro?
3. Se respondeu “sim”, que obstáculos impediram que continuasse a participar?
4. Se respondeu “não”, que obstáculos impedem a sua participação?
5. Quais são os principais motivos que implicam uma postura de resistência e de desistência de um programa?

ANEXO IV - SÍNTESE DA PERSPECTIVA DOS ENTREVISTADOS

Tabela 71 - Resumo da Perspectiva dos Entrevistados

DIMENSÕES: BENEFÍCIOS	PERSPECTIVAS
<p>Inclusão social (participantes) (questões 1 e 2)</p>	<p>- "Sinto-me bem" (EP1)</p> <p>- "Sinto-me bem, integrada e respeitada" (EP2)</p> <p>- "Sinto-me bem, tem de tudo, tem momentos em que os ciganos criam conflitos, mas para mim não me interessa, só ouço, mas não me meto." (EP3)</p>
<p>Inclusão social (não participantes) (questões 1)</p>	<p>- "Queremos dormir de noite e nem podemos. Podia ser uma rua limpinha e é uma porcaria. Não deitam o lixo nos caixotes do lixo, põem no chão, depois os cães rasgam os sacos. É fraldas é tudo. As ruas sujas, uma porcaria, podia ser limpinho. Até há tiroteios, é ciganos é tudo misturado. Devia de ser um bairro só para nós e outro só para eles. Só se metem na vida uns dos outros, querem saber de tudo. Só armam confusões. Não têm que fazer". (ENP4)</p>
<p>Inclusão social (participantes)</p>	<p>- "Reiki; jogos tradicionais e ateliê de natal." (EP1)</p> <p>- "Reiki; caminhadas; cinema; ateliês de trabalhos manuais; workshops; visitas a exposições. Um pouco de todas as atividades." (EP2)</p> <p>- "A 1ª atividade foi com a professora Carol e era fazermos desenhos da nossa família, mas começamos 5 pessoas e só acabei eu. Depois foi uma atividade do projeto de alquimia e fizemos uma horta vertical de ervas aromáticas e tirávamos fotografias. Ao início tinha medo de pegar na máquina e tirar fotografias, mas depois comecei a tentar e habituei-me, gostei muito.</p> <p>E também fizemos uma atividade/convívio com o bairro de Urgezes. Foi bonito e fizemos um lanche e aprendemos a fazer gestos bonitos sobre o nosso bairro." (EP2)</p>

Inclusão social (não participantes)	- "Já, aqui na CASFIG, lá no bairro não. Era uma atividade de bordados. E gostava de participar nesta atividade e aprendi a bordar nessa atividade." (ENP3)
Inclusão social (participantes)	- "Sim. Não, nenhuma diferença, não notava nada, dou-me bem com toda a gente. Mas eu também convivo pouco sou um bicho do buraco." (EP3) - "Sim, etnias só. Nada, nenhuma diferença." (EP4)
Inclusão social (participantes)	- "...e não gosto, não me sinto bem, não gosto desses ajuntamentos. Eu estou cansada da minha cabeça e não tenho paciência. Nunca fiquei a dever um cêntimo e a mim nunca me deram nada, tive o meu marido acamado 14 anos e um filho para criar e só vivíamos da reforma dele e a mim nunca me facilitaram. Ate a renda na altura teve de ser a segurança social de Braga a alertar a Câmara das minhas dificuldades e a pedir para me baixarem a renda que afinal só me baixaram uns 10%." (ENP1) - "Depois não soube mais de nenhuma atividade assim que eu gostasse de participar, de bordados e assim. Lá no bairro chegaram a convidar-me para uma atividade, era tipo umas palestras, mas eu não gosto." (ENP3) - "Não gosto e depois as pessoas em vez de irem para estarem com atenção e participarem vão para lá criticar as outras pessoas. Não me quero meter em confusões. Já lá moro há 15 anos e nunca andei à pancada, nem em problemas, nem nunca foi a polícia a minha casa, nada de chatices, já não se pode dizer o mesmo de outras pessoas. Se fosse como no curso que andei lá em Fermentões era ótimo, erámos uma como uma família. Lá era bom. Agora aqui?! E logo nos bairros!" (ENP4)
Qualidade de vida (participantes)	- "Era preferível mostrar-lhes algo errado que estão a fazer, mas por outro lado dar-lhes a oportunidade de fazer na mesma as suas atividades de forma mais controlada ou com outras alternativas. Por exemplo, em relação aos cavalos, proibi-los de andarem a cavalo e fazer as suas pequenas corridas na estrada atrás dos blocos é tirar-lhes algo importante, eu vejo a emoção, a alegria e o orgulho que eles sentem nesta atividade, o que as suas famílias e os miúdos sentem. Talvez se se

	<p>tentasse que apanhassem as fezes dos cavalos poderia ser uma ajuda e não seria preciso proibi-los de fazer algo que os representa." (EP1)</p> <p>- "Mas estou morta que hajam mais atividades destas porque assim saio de casa e espalho a cabeça, porque senão meto-me em casa e penso em coisas más. Não foi fácil perder o meu marido e nas atividades alívio o stress e nem tenho tempo para pensar." (EP3)</p> <p>- "Mais motivação nas pessoas, conversar com elas, mostrar-lhes as atividades para que queiram participar. Sinto-me um pouco triste por não poder participar das atividades." (EP4)</p>
Desenvolvimento de competências e empoderamento (participantes)	- "Se não existir responsabilização e exigência para o cumprimento das regras quem não se conseguiu adaptar vai continuar a fazer como quer e tudo é permitido. Não fazia ideia que isto era o bairro, que era assim. Achava que isto era só lá fora na cidade. Achava que num bairro funcionava de forma diferente, achava que as pessoas procuravam mais convívio, que queriam estar mais em contacto e não isoladas e cada um a viver para si. Achava que isso é que era um bairro e viver em bairro. Os miúdos não sabem brincar, ninguém lhes quer ensinar. As mulheres na comunidade cigana não têm voz." (EP1)
Desenvolvimento de competências e empoderamento (participantes)	- "Ajuda a construir a identidade pessoal. Estamos a apropriar-nos de novos conhecimentos." (EP2)
	- "Sim, porque quando o meu marido faleceu perdi a vontade de viver, deixei de fazer de comer, tentei cometer loucuras. Estas atividades ajudam-me a encontrar-me, porque tenho alturas em que desanimo muito." (EP3)
DIMENSÃO: BARREIRAS	Prespetivas
Financiamento e rotatividade dos projetos de intervenção comunitária (participantes)	- "A interação entre as pessoas e não a atividade em si ou porque não se identificam." (EP1)
	- "Falta de interesse. Não saberem o porquê ou a existência daqui do gabinete." (EP2)
	- "Não sei. Arranjam sempre uma desculpa. Não têm interesse, antes preferem fazer outras coisas." (EP3)

Financiamento e rotatividade dos projetos de intervenção comunitária (não participantes)

- "Porque as pessoas estão revoltadas com certas coisas que se passam aqui no bairro. Eu também já falei e a mim quando me resolvem as coisas da minha casa?" (ENP1)

- " Eu acho que depende das pessoas, às vezes há pessoas que entram. Bloqueiam a participação das outras pessoas. Às vezes por determinadas pessoas as outras não participam ou acabam por desistir." (ENP3)

"Conflitos, desentendimentos. Por críticas lá dentro, vêm cá para fora e começam logo a criticar as pessoas que estavam lá dentro" (ENP4)

